

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

MIGRAÇÃO DOS SENTIDOS
IMAGENS DO LUGAR: ORIGEM E DESTINO

ZAIRO CARLOS DA SIVA PINHEIRO

Orientador: Prof. Dr. Nilson Santos

PORTO VELHO – 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

MIGRAÇÃO DOS SENTIDOS
IMAGENS DO LUGAR: ORIGEM E DESTINO

ZAIRO CARLOS DA SILVA PINHEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Núcleo de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Rondônia – Unir como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Geografia.

PORTO VELHO - 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

MIGRAÇÃO DOS SENTIDOS

IMAGENS DO LUGAR: ORIGEM E DESTINO

ZAIRO CARLOS DA SILVA PINHEIRO
Orientador: Prof. Dr. Nilson Santos

Banca Examinadora

PORTO VELHO - 2008

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	14
1 – SOBRE O PROJETO	14
CAPÍTULO II	23
2 – A METODOLOGIA	23
2.1 – A NOÇÃO DE LUGAR	26
2.2 – O IMAGINÁRIO E OS SENTIDOS DO LUGAR	30
2.3 – A ENTREVISTA	35
2.4 – A TRANSCRIÇÃO	39
2.5 – A TEXTUALIZAÇÃO	40
2.6 – O PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO	41
2.7 – DESDOBRAMENTO: A INTERPRETAÇÃO	42
CAPÍTULO III	46
3 – NARRATIVAS	46
3.1 – SEBASTIÃO ALVES DE OLIVEIRA	46
3.2 – ALDENOR MARTINS DA SILVEIRA	53
3.3 – GLÓRIA DANTAS	63
3.4 – VANEUDES BARROS DA SILVEIRA	75
3.5 – ROSÂNGELA DIAS DE ALENCAR	80
3.6 – SHIRLEY AMÂNCIO LIMA CARVAJAL	85
3.7 – LUCIA MARIA BATISTA FORTES	92
CAPÍTULO IV	94
4 – DESDOBRAMENTOS	94
4.1 – A MATA	96
4.2 – O TRABALHO	101
4.3 – O CASAMENTO	109
4.4 – LIBERDADE E PRAZER	110
4.5 – O SONHO	112
4.6 – A RUA E A MATA	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
BIBLIOGRAFIA	122

RESUMO

Esta pesquisa tem como meta compreender as vivências de pessoas e como estas vivências, através dos conteúdos de imagens do lugar, podem desvelar os sentidos tanto do lugar de origem quanto de destino dos migrantes acreanos. Essa perspectiva parte do trajeto imaginário, destas narrativas e não do trajeto físico em si. Esses lugares são frutos do imaginário interpessoal, em contato com o ambiente socializado da mata, dos rios, dos sonhos, do pai, que impulsionam um tipo de interpretação a qual procuramos compreender a partir desses referenciais em diálogo conosco. O processo de pesquisa passou pela análise da história oral de José Carlos Sebe Bom Meihy e ampliada por Alberto Lins Caldas, e se tornando possível devido ao caráter interdisciplinar que a geografia humana tem dado à visão de mundo das pessoas. Possibilitou-nos a observar os narradores como pessoas de vivências pluralizadas, embora oriundas do mesmo contexto sócio cultural, ou seja, as regiões do Estado do Acre. As fontes de pesquisa são as narrativas desses migrantes para onde todo o nosso esforço se volta. Para compreender o espaço, enquanto categoria humana, enquanto espaço de relação social, espaço de vivência, fomos buscar na teoria da geografia das humanidades, como Yi-fu Tuan, Paul Claval, Milton Santos, e pensadores do imaginário/simbólico como Gaston Bachelard, Gilbert Durand e outros que tenham nas humanidades sua meta, em fim, nas variadas discussões sugeridas por uma geografia voltada para as pessoas, que nos remete a entender o espaço (enquanto lugar) como produção social em dialética com o ambiente físico socializado. O resultado da pesquisa apontou para a confirmação da teoria humanista de que os lugares são sempre lugares de vivência, que envolve sentidos pessoais em relação ao meio, diferenciados porque cada um interioriza o vivido (Claval). Não há um lugar único, uniforme, cada narrador relatou a partir de sua visão de mundo, portanto, o lugar dito é um lugar individual/coletivo, porém, feito em relação dialógica. A imagem da mata é compreendida tanto por Sebastião quanto por Aldenor, Glória ou Vaneudes como lugar “comum”, mas cada um deles a olha com seu modo de sentir o espaço. Existe “semelhança” entre os espaços dos narradores, mas a diferença é a característica dos lugares apresentados nesta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário, Espaço, Fenômeno, Migração, Narrativas, Sentidos, Lugar.

ABSTRACT

This study aims at understanding the life experiences of people involved in migrations from Acre to Rondonia. We investigate how these experiences, through the contents of images of the place, may unveil the senses of both the place of origin and the destination of migrants.. The prospect is based on imaginary world of these narratives rather than on the physical path. These places are interpersonal imaginary fruits, in contact with the socialized environment of the forest, the rivers, of dreams of the father that impel to do a type of interpretation which seek understanding through a dialogue with us. The process of research went through the analysis of oral history, Jose Carlos Sebe Bom Meihy's theory, and augmented by Alberto Lins Caldas. The interdisciplinary aspects of Human Geography, which is concerned with people's vision of the world, was important for us to make this work possible. This study enabled us to observe the narrators as people of multiplied experiences, but from the same socio-cultural context, the regions of the state of Acre. The sources of research are the narratives of these migrants to which all our effort is focused. The study sought to understand the space, while human category, as an area of social relationship, living space sustained by theory of the geography of the humanities, as Yi-fu Tuan, Paul Claval, Milton Santos, and thinkers of the imaginary symbolic as Gaston Bachelard, Gilbert Durand and others who have their target in humanities. Finally various discussions suggested by a geography focused on people suggest that space (a place) is a social production in dialectic with the socialized physical environment. The result of the research pointed to the confirmation of humanist theory that asserts the places are always places of living, which involve personal meanings in relation to the environment. They make it out because each one assimilates the living (Claval). There is a unique place, uniform, each narrator reported from his vision of world, so the place is a place that individual / collective; however, it is made on dialogic manner. The image of the forest is understood by Sebastian, Aldenor, Glory or Vaneudes place as a "common" place, but each of them to look with their own way of feeling the space. There is "similarity" between the spaces of narrators, but the difference is in the characteristic of the places showed in this search.

KEYWORDS: Imaginary. Place. Phenomenon. Migration. Narratives. Sense. Space.

A minha infância não foi nada fácil! Depois que meus pais morreram, minha vida virou um inferno! Essa minha tia era muito ruim. Passei fome porque quando ela saía não deixava nada para mim comer. Lembro que ela tinha uma vendazinha feita de tabuleiro, e eu com fome, via as pessoas comprando e com vergonha não pedia (25) – Sebastião. (origem)

Atualmente nem sonhar eu tô conseguindo⁽²¹⁾ ... Antigamente sonhava muito⁽²²⁾ ... Tinham uns sonhos que davam certo quando eu era novo... Por exemplo, quando sonhava matando uma caça, eu ia certinho, pegava uma espingarda e dizia vou já pegar uma caça, ia lá e matava mesmo! Era só eu sonhar aquele sonho: sonhava tirando um couro de um homem vivo, pendurava o cara; uma pessoa que eu tirasse o coró dele, já sabia que ia matar um veado, ou então um porquinho... Quando acordava do sonho assim... me dava pena de ta tirando o coró do cara, mas logo sabia que mataria um veado, que era só ir buscar... Esse sonho tem muito haver por causa que, o veado a gente tira o coró dele... (23) – Aldenor. (destino)

Sonho sempre que estou caindo... em algum canto. Ex.: estou sempre em cima de uma prancha... de repente essa prancha... aí caiu... Se durmo em Porto Velho, sonho assim, aqui no Candeias, não... Se for dormir em cama, beliche, sonho sempre caindo de algum lugar bem alto... Sempre durmo em rede... (17-18) – Glória. (destino)

Vim pra cá, fiquei aqui mais não gosto daqui, quero ir embora... Chegamos em 90, já fazem doze anos gostaria de voltar... Aqui até que é bom, só não é melhor porque eu to muito longe dos meus filhos... se eu tivesse meus filhos ao redor de mim tava bom demais... Eu também não gosto muito daqui porque aqui é muito difícil, muito difícil... no Acre não é... (2) – Vaneudes. (origem/destino)

Sempre sonhei com a minha liberdade, certo dia estava pensando com meus botões... sonhei tanto com minha liberdade e hoje que a tenho não faço nada com ela, não faço nada!... (3) – Rosângela. (destino)

Eu posso me matar de trabalhar mais eu faço o que eu quero!... (2) – Shirley. (destino)

Sáimos de Brasília devido que sempre pensei assim: queria conhecer outras cidades né? lá é pequeno, uma vilazinha (2b) – Lúcia (origem)

AGRADECIMENTOS

A Sebastião, Aldenor, Glória, Vaneudes, Rosângela, Shirley e Lucia os narradores deste trabalho, o meu afeto e gratidão.

A minha mãe, Sebastiana Pinheiro, que sempre me incentivou a nunca desistir.

A meu pai, Izaias Pinheiro, pela firmeza nos ensinamentos em casa.

A meu orientador, Nilson Santos, pela direção e dedicação a esta pesquisa.

A Jacinta, pelos variados e instigantes incentivos ao estudo.

A Simione, pela discussão e sugestões bibliográficas sobre migração acreana.

A Edinaldo e Arneide, pelas discussões no Centro de Estudos do Imaginário-Unir.

A Nenevé, pelos incansáveis incentivos e apóio aos estudos das humanidades.

A Andrea, do Nec – Unir, pela correção e sugestões de nossa escrita.

A Alberto, pela trilha metodológica e pelas batalhas em prol da pesquisa voltada para o humano.

A Josué, que tanto contribui para que nosso mestrado cresça cada vez mais.

Ao “velhinho”, Cláudio e Marcelo Vergotti, pela palavra verdadeira.

A Ezequias, o ‘Zeca’, poeta e amigo.

A Rolivaldo, pela amizade recente e proba.

A Joaci, amigo de velhos tempos.

A Martha Hurtado, amiga e professora de longas datas.

A Nelsi por tantas discussões.

A Marcela, mestranda e amiga pelo incentivo.

A todos de minha turma de mestrado, que nas discussões tanto contribuíram para esta pesquisa.

A toda minha família, em especial a Sara, Guénon e Carlinhos pela a alegria de futuro.

APRESENTAÇÃO

Falando, escrevendo ou desenhando os objetos e os seres, adquire-se uma precisão maior, a certeza de poder dispor de termos cujo sentido é partilhado por todos; é também a capacidade de atribuir-lhes uma existência social. (Claval, 2001: 137).

Grande parte da discussão que envolve a Amazônia e seus habitantes gira em torno da questão migratória e, muitos estudos foram realizados sobre a migração oriunda do nordeste e do sul para Rondônia, enfocando a trajetória dos migrantes¹. Sabe-se mais sobre o tema migratório em si que sobre os que migraram, os que contaram sobre suas experiências no trajeto de mudança de espaço. No mínimo as pessoas *desaparecem* como linha essencial de contenda, como aquilo que norteia ou do qual se procura entendimento. Fala-se das trajetórias, mas não se dão nomes aos envolvidos nelas, não se coloca em evidência os que migraram. Sempre estão no genérico, os nordestinos, os sulistas, os acreanos. A perspectiva deste trabalho é compreender os sentidos de lugar que aparecem nas narrativas.

É preciso, então, se voltar para os narradores, para os sentidos do trajeto imaginário, pois é o mesmo que se voltar para suas concepções de lugar, seja de origem ou de destino, para que essas vivências tornem-se os significantes, pontos de atritos, verdadeiras imagens vivas de experiências. É importante entender o trajeto físico, a quantidade, a estatística dessa migração interna na Amazônia, mais importante ainda é dar vida a essa migração a partir das pessoas que sofreram tal mudança de lugar. Como elas se vêem a partir das imagens que aparecem e a partir de suas experiências narradas. Como salienta P. Monbeig (Apud AMARAL, 2004: 20) para quem este homem possa ser “[...] verdadeiramente considerado como outra coisa além de uma casa, de um trator ou de uma estatística. Se o homem, o homem em sociedade, constitui o centro da geografia humana, deve aparecer de maneira total, com seus modos de vida e com seus modos de pensar, que afinal se confundem”.

O que nos motivou a discutir sobre esta questão, foi somente as experiências dessas pessoas que falaram a partir de um referencial de origem, o Estado do Acre, e o referencial de destino, Rondônia, e nesse diálogo com tais visões de mundo procuramos compreender os

¹ Como nosso interesse nesta pesquisa não é a migração histórico-estatístico, mas as vivências, indicamos a obra de S. Simone da Silva (2003), que trata da migração Centro-sul para o Acre, e o livro de Januário Amaral (2004) para a migração Nordeste, Centro-Sul para Rondônia, em específico a pg. 84. Nestes trabalhos estão contidos também um pouco da história da colonização na “Amazônia legal”.

sentidos de lugar percebidos em seus relatos. Pensou-se, portanto, na temática: *Migração dos Sentidos: Imagens do Lugar (Origem e Destino)*.

Para formar nosso estudo, entrevistamos no decorrer de um ano (utilizando entrevistas múltiplas)² sete migrantes nascidos no Estado do Acre, que vieram para Porto Velho a partir da década de 80 até o presente período. Não procuramos delimitações por idade, sexo, atividade de trabalho ou município, nosso único meio delimitador foi a origem acreana e o direcionamento da migração, ou seja, para o Estado de Rondônia.

A formação do grupo de narradores se fez a partir do que se entende como “rede”, na qual os membros indicam quem será o próximo a ser entrevistado. Após repentinos encontros com os narradores, estes nos sugeriram os próximos a serem entrevistados, tornando-os nesse sentido colaboradores, e não objetos de pesquisa neutros com relação ao processo de formação da fonte da pesquisa.

Todo o projeto foi explicado para os interlocutores: estávamos a entrevistá-los porque pertencíamos a um grupo de pesquisadores ligado à Universidade de Rondônia. Não mencionamos a nossa formação acadêmica em história, para que isto não restringisse a fala. A explicação mais nítida que queríamos que assimilassem era que estávamos interessados em suas experiências de vida. Acreditamos que esse é o ponto principal para que o “outro”, pudesse dar o máximo de si e que entendesse que queríamos ouvi-lo à sua maneira. Procuramos deixá-lo a par de todo o contexto de sua fala, como no caso de não aceitar o conteúdo escrito como frases, fatos ou eventos, estava, então, livre para retirar ou acrescentar o que achava inoportuno.

Nosso interesse inicial de compreender a migração como deslocamento físico, era ficar apenas na obviedade³, demos lugar, então, a uma abordagem mais voltada para a vivência dos entrevistados, a partir dos encontros que se realizavam. As narrativas ao nosso olhar seriam mais que dizeres *sobre* uma temática que os levaria a uma naturalização, seriam construídas *com* eles, criando possibilidades de inúmeras interferências dentro de uma certa liberdade imaginativa que pudesse compreender mais humanamente o que denominamos de desdobramento. A obra de Bachelard (1999, 2001b, 2002, 1998) sobre a imaginação, a sua idéia *de liberdade imaginativa* e o texto como significância, nos indicava o caminho a seguir,

² São entrevistas em que se houve, várias vezes, os narradores para que os mesmos retifiquem/ratifiquem o que disseram

³ O próprio Max. Sorre (1984: 125) parece querer ir além da obviedade da simples estatística quando diz “Ora as administrações oficiais privilegiavam o estatuto econômico e social do migrante, ora caracterizavam-no pelo modo de transporte e pelas intenções declaradas”.

não exatamente à sua maneira, em que psicanalisa imagens, mas pelo nosso olhar, focalizando traços das experiências que em nosso entendimento fossem significativas.

Os discursos são produtos sociais frutos “do pensamento e da ação dos indivíduos, sendo, portanto, representação coletiva” (Cemin, 2001d: 05), logo, fazem parte do cotidiano. Porém, isto não nos tira o direito de vê-los mais como simples chavões desprovidos de significância, vítimas presas de um dia-a-dia saturado. “Já não é a razão econômica, a do trabalho e da história, já não é o determinismo “científico” das trocas que determina a estrutura social e a sorte dos indivíduos mas um total indeterminismo, o do Jogo e do Acaso” (Baudrillard, 2001: 174). Não ver determinismo nos textos é senti-los fora da cadeia de causa e efeito, isto é, como nosso olhar sente o conteúdo das entrevistas.

Eis o método de Bachelard (2001b: 25), “Alivemos inicialmente esse documento de todo vestígio de racionalização”. Em outras palavras o autor comenta que é o reconhecimento que um documento pode e ganha outra dimensão para além do que diz, indicando variados caminhos para quem o lê e o entende como hipertexto (entrecruzamentos de discurso sem início ou fim), sem referencial, a não ser o próprio texto.

A exemplo de Juremir Machado da Silva (2003: 80) em sua tese, também buscamos “sentir como o outro, sem ser o outro, [esta abordagem ao mesmo tempo] cobre e descobre, desvela, revela”. É a dialética que está em foco, mas para nós o desvio, de acordo com as teorias de Jean Baudrillard (2001) do sentido corriqueiro dado pelo cotidiano, isto é, nas relações em convívio social, mas expressos nas narrativas é o que deve nortear nossa postura frente à fala do outro, aquilo que faz com que o interesse apareça e torne o diálogo algo pelo menos próximo de certa sedução: a presença do imaginário na realidade concreta do cotidiano.

Levamos em conta nesse trabalho a complexidade como fundamento humano, sendo esta característica aquilo que torna os textos significativos. Todos os saberes que pretendiam explicar, transformar e reger o vivido, é o que procura evidenciar Silva (2003) em sua tese, fracassaram. Parece que na atualidade da sociedade técnico-científica todo indivíduo e, consecutivamente, sua narrativa são hipertextos, conceito tomado de Gérard Genette (Apud LECHTE, 2003: 77), no sentido de relação e enxerto que um texto “A” tem com um “B”, mantendo mesmo assim um corte de sentido peculiar. As sete narrativas desdobradas/interpretadas são por nós propostas aqui como o lugar de onde emana a significância; buscamos compreendê-las enveredando por uma polifonia textual, procurando

evidenciar uma interpretação que (des)vele⁴ nos textos, os sentidos imaginários desses lugares, como os vemos, sentimos e, por fim, compreendemo-los. Esse mesmo princípio polifônico das narrativas dá margem para outras interpretações posteriores. No sentido expresso por Wolf-Dietrich Sahr⁵, quando diz que “A idéia básica da geografia cultural é trabalhar o mundo, ou melhor, os mundos, através da pluralidade das suas expressões, sejam estas vividas ou interpretadas” endossam nossa postura interpretativa de valorização das expressões vividas, neste trabalho, expressadas pelas narrativas. Nesse sentido, a temática da migração, ou melhor, os sentidos desta, estão subordinados ao textual para onde se foca nossa análise. “E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo” (Arendt, 1987: 191). Se há um singular em cada humano, cada narrativa deve dizer e expressar o que a outra não pode mostrar da mesma maneira; por outro lado, deve também ter “semelhança” entre as narrativas, enquanto entendimentos, uma vez que vivendo numa mesma cultura as pessoas compartilham os sentidos das imagens.

Procuramos identificar as diferenciações dadas pelas narrativas; e ao dizer que buscamos um “desvelar” nos textos, isto não significa a busca por uma verdade, mas apenas sentidos parciais de interpretação e não imparcialidade diante do “outro”, ao contrário, significa tão somente que as narrativas por nós comentadas são “campos” abertos para variadas interpretações; e se há algo “latente”, nas narrativas, se deve pela complexidade do humano, e não porque a oralidade é mentirosa ou não confiável enquanto fonte de pesquisa. Segundo Jean Copans (1988: 13) há uma espécie de violência por parte da ciência quando esta procura “negar ou destruir a heterogeneidade das outras sociedades e ávida de *descobrir e explicar* cientificamente uma unidade *oculta* na diversidade [grifo nosso]”. O autor aqui se refere à cultura exótica, mas podemos aproveitar e aplicar a nossa própria cultura. E este conceito não é visto sem diferenciações pelos próprios geógrafos humanísticos ou culturais, porém, há uma conexão que unem tais conceituações diferenciadas, é o conceito de meio ambiente.

Tanto o termo geografia humana, como a cultural varia muito de autor para autor. O próprio Tuan, talvez o mais sensível ao humano dentre todos, não abandona o meio como campo de análise. A percepção do lugar, para este autor, é uma percepção que envolve o meio

⁴ Desvelar aqui, se aproxima ao sentido a que aplicou Nietzsche (sd.: 38) na obra *Schopenhauer Educador*: “É necessário adivinhar a personalidade do pintor se quisermos compreender o quadro”. Também observamos o conceito no livro *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, de José de Paes Loureiro. Neste, a idéia é de descobrir algo oculto, pois o homem na modernidade ficou por demais complexo.

⁵ Ver seu artigo *Signos e espaço mundos – A semiótica da espacialização na geografia cultural*, In: Kozel, 2007, p. 59.

em que vive o grupo. Entretanto, para Carl Sauer (1982), a geografia cultura é basicamente geomorfologia evolutiva e econômica, em que, diferente de Tuan, os grupos humanos são vistos em prol da estrutura buscada pelo método. Com Max. Sorre (1984), a geografia humana é a explicação do mundo presente, que tem no conhecimento evolutivo a compreensão ecológica, desde que ela busque a totalidade do ecúmeno, produto do homem e do meio.

As noções teóricas que embasaram a concepção de documento, texto, interpretação, verdade e autoria e que nos proporcionaram ver nos migrantes e nas suas falas o eixo principal da pesquisa, foram inspiradas por autores da geografia humana, como Tuan, Claval, Milton Santos, e pensadores do imaginário/simbólico, como Bachelard, Durand, Cassirer que entendem a linguagem como simbólica. Nas metodologias para a formação das fontes orais, nos embasamos na obra de José Carlos Sebe Bom Meihy (1996a, 1991, 1996b, 1990), principalmente em *Canto de Morte Kaiowá*, na qual o conceito de *transcrição* possibilitou-nos compreender as narrativas como resultado ficcional, estando a verdade ou a falsidade longe dessa abordagem teórico-metodológico, pois entendemos ser a linguagem um mecanismo por excelência que cria diálogos e sentidos.

Tomando a fala por eixo norteador e significativo dessa mesma migração, já tão demonstrada, foi que a organizamos em cinco capítulos. O capítulo I, em que se sugere um esclarecimento de como o projeto foi idealizado e seus prognósticos iniciais. No capítulo II, procuramos evidenciar a fonte de pesquisa, no caso as próprias narrativas, e expor também as leituras teóricas, os termos de referência para formular nossa visão frente ao humano. No capítulo III, encontram-se as narrativas re-elaboradas a partir do conceito operacional da transcrição (como recriação da atmosfera da entrevista). O capítulo IV, é o nosso olhar em diálogo com as narrativas, é uma tentativa de ver as “entrelinhas”, de não naturalizá-las e sim mostrar o essencial das imagens, palavras, frases enquanto campos abertos de sentidos múltiplos; e consecutivamente para aglutinar os resultados dos sentidos diferenciados das imagens de origem e destino nas Considerações Finais. Neste tópico final, mas que é na verdade, uma abertura para outras leituras e interpretações, observa-se as diferenciações entre os sentidos de lugar tanto de origem quanto de destino.

Temos como objetivo um desdobrar narrativo dessa migração de sentidos, em que a vivência dos narradores apareça, nos colocando em um tipo de diálogo que nos possibilite visualizar tanto as imagens dos lugares de origem quanto as de destino, e procurando captar e dizer os lugares como categorias vivas de entendimentos desse homem “migrante acreano”.

CAPÍTULO I

1 – SOBRE O PROJETO

O que queremos é repensar os espaços em que se desenvolve a palavra contra-hegemônica, a realização de suas vozes. (Bella Jozef. In: Jobim, 2005: 125)

Nosso interesse em pesquisar a partir da história oral se deu nos encontros do Centro de Hermenêutica do Presente – CEHPE/UNIR, ligado aos estudos desenvolvidos por José Carlos Sebe Bom Meihy – USP, a partir de um modelo diferenciado com entrevistas. Tendo isto como parâmetro, nosso *objeto* de estudo foi pessoas nascidas no Acre que migraram para Rondônia.

O grupo de pessoas que faz parte desta pesquisa é todo originário do Estado do Acre que migrou para Rondônia. A primeira condição para ser entrevistado era, então, ser acreano. Não estávamos interessados em gênero, profissão, ou qualquer outra categoria de classe, portanto, podendo fazer parte da pesquisa qualquer pessoa nascida naquele Estado. Por isto, aparecem como narradores, desde seringueiros a donas de casa, pois nem um tipo de profissão direcionava nossa intenção, enfim, ter nascido no Acre era a única exigência de parâmetro delimitativo da ‘colônia’, isto é, do grupo ao qual fazem parte o corpo de narrativas.

O primeiro a ser entrevistado foi Sebastião que era vendedor de tapiocas. Depois de várias conversas entre compra de seu produto, descobrimos que era acreano e conversador. Algum tempo depois foi possível uma breve explanação do projeto, o convidamos para gravar sua ‘experiência’. Apesar de um pouco indeciso, aceitou, mas que depois de mostrarmos o quanto sua fala era importante para a pesquisa, confirmou plenamente em gravar seu relato de vida. E o que perguntamos para ele repetiu-se para todos: “gostaria de falar sobre sua experiência, sua vida?”.

O segundo, Aldenor, foi conectado através de sua filha que era nossa colega de trabalho no colégio Objetivo. Comunicamos o que pretendíamos, ela então marcou um encontro com seu pai. A figura de Aldenor, no primeiro encontro foi muito descontraída, apesar de sua filha ter alertado que ele era um tanto austero. No fundo, era uma pessoa alegre e um narrador exemplar.

A Glória, ou ‘Glorinha do PT’ (partido dos trabalhadores), como é conhecida, já era antiga colega nossa, principalmente porque era envolvida nos movimentos populares.

Diferente dos dois narradores anteriores, ela é formada em história. Portanto, uma pessoa ligada ao saber acadêmico. Mesmo assim, resolvemos convidá-la para a entrevista, o que aceitou prazerosamente. Sua entrevista se deu em sua própria casa, em Candeias, mas na verdade, trabalha e passa a maior parte do tempo em Porto Velho.

Vaneudes é esposa de Aldenor. Ela observava a entrevista de seu esposo com muita atenção, ajudava e confirmava com a cabeça certas passagens que ele citava. Isto foi interessante porque permitiu que a notássemos como uma futura narradora também. Assim, a convidamos para que gravasse sua fala, a qual aceitou prontamente.

Uma professora, colega nossa, indicou Rosângela, que era sua parenta próxima. Fomos visitá-la e depois de alguns encontros marcamos a entrevista.

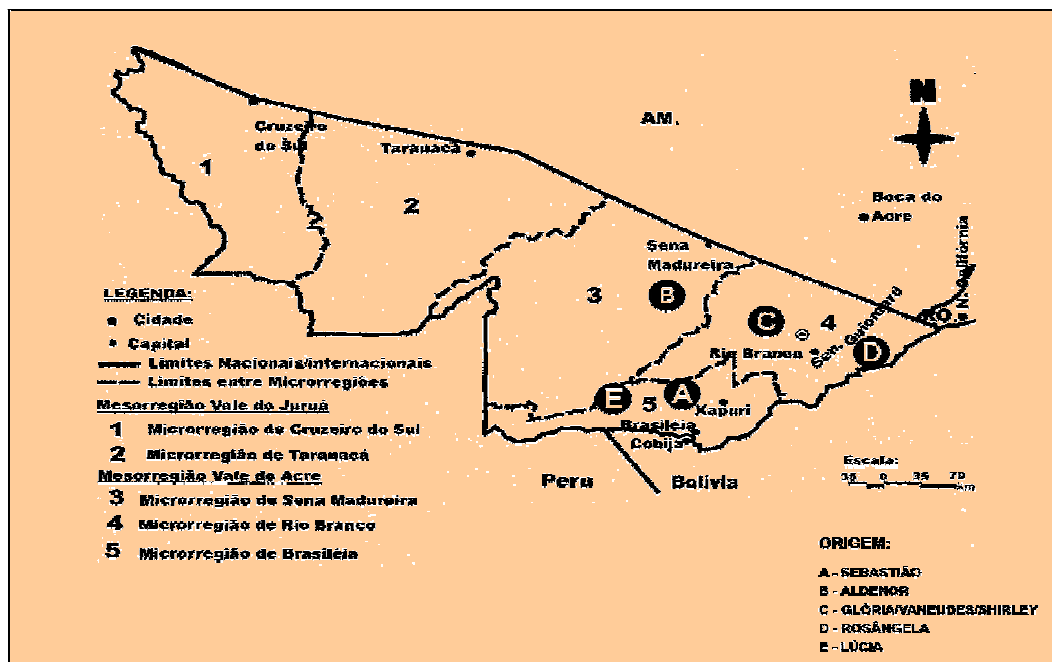
Shirley foi funcionária do SESI (Serviço Social da Indústria) e, como éramos colegas também de trabalho, a convidamos para fazer parte do projeto. Shirley relutou por um tempo e depois resolveu colaborar com sua fala. Também como Glória, cursava o ensino superior, o que deixava os colaboradores bem diversificados.

E por último, entrevistamos Lucia, dona de casa, a qual foi indicada por Rosângela, pois é sua parenta próxima.

Todas as pessoas entrevistadas só tinham algo em comum: nasceram no Acre e morarem em Rondônia. A partir desse fato, partimos para as entrevistas que foram múltiplas. Depois de realizadas, voltávamos pra não só entregar a entrevista em formato textual, como também para verificar erros e correções que eles apontassem. Isso qualifica chamá-los de colaboradores, contrapondo-os a “termos consagrados em outras tradições disciplinares que se valiam das entrevistas (referências como *ator*, *informante*, *objeto de pesquisa*)” (Meihy, 1996: 28).

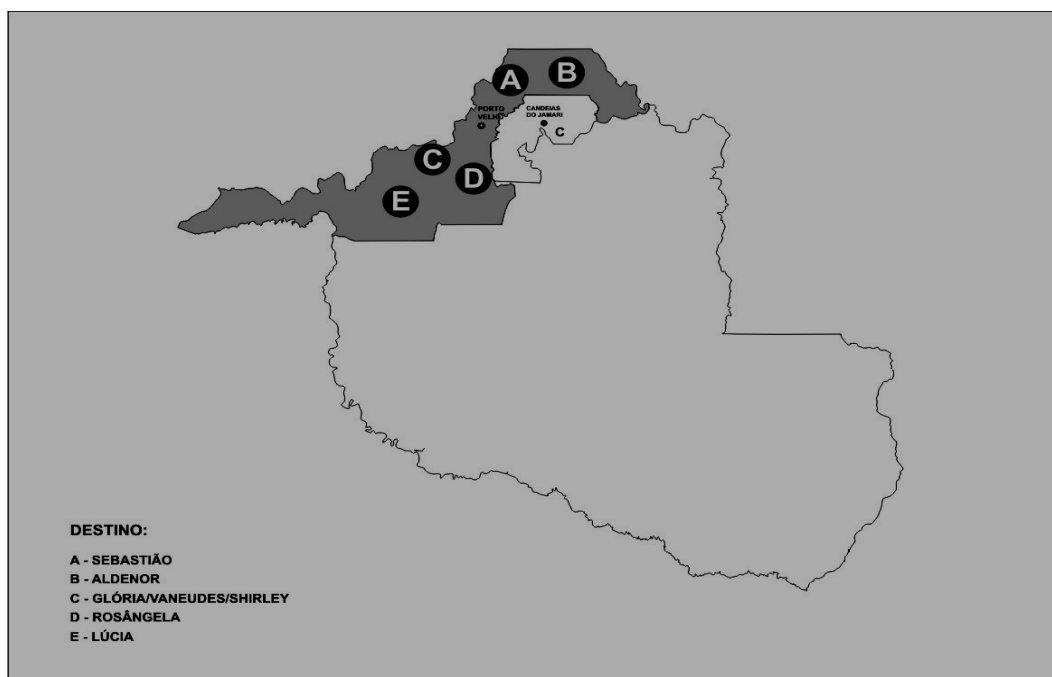
O segundo ponto importante foi nosso ingresso no mestrado em geografia e o encontro com a teoria da produção do espaço social e as concepções de lugar a partir de Milton Santos e Yi-Fu Tuan. Procuramos, então, unir aquilo que estudávamos sobre história oral, com a teoria humanista e cultural da geografia humana. Desse encontro, surgiu o nosso tema atual que descreveremos no tópico a seguir, a partir da origem e destino enquanto mobilidade, mostrada nos mapas a seguir.

Mapa: Acre – Divisão em regiões geográficas



Fonte: Sílvio Simione da Silva, 2003. Organizado por Zairo Carlos da Silva Pinheiro, 2008.

Figura: Rondônia – Localização do município de Porto Velho e Candeias do Jamari.



Fonte: Nilson Santos, 2002. Organizado por Zairo Carlos da Silva Pinheiro, 2008 ⁶.

⁶ Esta figura representa o destino dos narradores acreanos em Porto Velho e Candeias do Jamari.

A primeira idéia sobre o nosso tema foi a *Migração de Acreanos para Porto Velho*, tentando descobrir *por que acreanos vieram para Porto Velho nas décadas de 70 e 80*. Estávamos preocupados com o tema em si e não com as pessoas com as quais faríamos as entrevistas. Queríamos respostas para as nossas próprias indagações, impondo isto aos narradores. Perguntas como “por que os acreanos vieram para Porto Velho?” as circunstâncias, dificuldade, geralmente econômica, política ou familiar, o tiraram do Acre? Indagações que facilitam a compreensão da migração enquanto objeto do tema, mas longe das vivências e problemas pessoais. Isto é, o relatório de pesquisa estaria na frente, direcionando todo o trajeto de pesquisa. Em nosso ponto de vista, a partir de um tipo de história oral voltada para a compreensão das vivências, é deixado de lado questionamentos pré-estabelecidos, mas tendo como eixo, as próprias pessoas envolvidas na mudança de território, consequentemente há uma valorização de suas experiências.

O tema migração, encontra-se, atualmente, bem estudado enquanto perspectiva econômica. E os resultados são também bastante conhecidos dos pesquisadores que estudam a região, em que o questionamento primeiro é: A migração ocorreu porque a política do governo local forçou-os, ou simplesmente estavam desempregados e tiveram que mudar. Nesse sentido, a economia/estatística se torna o eixo unívoco de análise, não conseguindo abarcar o lado mais profundo de sentidos dados pelas pessoas que migraram e é esse outro sentido que vem de acordo com uma geografia humana voltada para as pessoas que são pesquisadas. Num tradicional modo de ver a migração, fica claro assim que as amostras estatísticas norteiam tais pesquisas. Não queríamos seguir nessa linha metodológica, apesar de achar que elas têm sua importância, mas que já está bem explorada, conforme podemos constatar neste enunciado de Paulo de Martino Jannuzzi (2000: 14) se referindo ao sudeste, mas que pode ser motivo de comparação para qualquer outra região:

Nas ‘leis de Migração’ de Ravestein ou nos postulados da ‘Teoria da Migração’ de Lee, migração sempre foi encarada como a resultante de um cálculo microeconômico entre as perspectivas oferecidas na sociedade de destino frente às condições prevalecentes na sociedade de origem [...]. Nesse balanço microeconômico, o trabalho, melhores oportunidades de emprego, maiores rendimentos se configurariam em fatores de atração; pobreza, falta de oportunidades de trabalho ou meios para produção (terra, por exemplo) se constituiriam em fatores de expulsão.

Nessa postura que frisa o trajeto estatístico, nós não conseguimos visualizar as pessoas envolvidas, carregadas de uma visão mecanicista, cuja preocupação maior se dá em relação à temática e não diretamente com os personagens analisados no processo migratório. Nilson

Santos, em *Seringueiros da Amazônia* (2002), percebeu isso quando comenta a posição de Abdelmalek, pois declara que o imigrante é uma categoria de estudo estranha ao próprio imigrante, ou seja, ele seria para o pesquisador um apêndice do trabalho deste. Nesse sentido, tanto o imigrante quanto o migrante acreano nasceriam “para os outros como conceito e objeto, mas não para si mesmo, surge como categoria sociológica com leituras na economia, na geografia, na história, na política; por vezes é tomado com problema, como inimigo sem mesmo saber disso” (Santos, 2002, p. 56). A idéia é ir além de uma simples descrição do processo migratório, e com isto procurar se voltar completamente para as pessoas que estão inseridas no contexto migratório, os migrantes acreanos enquanto texto, pois são suas narrativas que são o eixo da pesquisa e não questões de estatísticas. Estas devem fazer parte da pesquisa, pois são sempre apêndice, e nunca como um eixo do trabalho.

Como dissemos acima, as experiências de vida, provenientes de uma leitura própria ao seu imaginário, não são levadas em conta, apesar de sua presença latente. A vida íntima do migrante em geral se resume a mero dado quantitativo, esvaziado de sentido pelos interesses econômicos e de acumulação. Abordagem esta, que visa favorecer a uma metodologia de cálculos frios, meticulosamente planejada, objetivando resultados pré-concebidos.

Compartilhamos do pensamento formulado por Cassirer (1997: 317) ao dizer que “Se conhecêssemos todas as leis da natureza, se aplicássemos ao homem todas as nossas regras estatísticas, econômicas e sociológicas, isso não nos ajudaria a “ver” o homem nesse aspecto especial e em sua forma individual”. Isto, devido ao fato que o homem é sempre mais que o identificável. O filósofo acrescenta ainda, “Não nos movemos aqui em um universo físico, mas simbólico” (Cassirer, 1997: 317). Não por acaso que esse filósofo influencia ou prefacia toda uma geração de pensadores ocidentais, como Karl Jung, Bachelard, Durand e Merleau-Ponty. Todos, com suas sutis diferenças, optam pela fenomenologia e simbolismo como a parte que possa compreender o humano e, sua linguagem, enquanto representação e, não só enquanto apresentação⁷. Enfim, o homem é um ser simbólico.

O cotidiano entendido como experiência de pessoas que migraram para Rondônia é nossa matéria de estudo e também fenômeno do imaginário social coletivo/individual. São imaginários instituídos e instituintes. O “imaginário radical” a função simbólica, cria formas que, instituídas, estabelecidas como dadas, passam a constituir o “imaginário efetivo”, cotidiano, a que damos o nome de real (Castoriadis, 2000: 154). Este real, é sobrecarregado de símbolo porque o símbolo é função criativa do imaginário. Logo, só há imagem, seja ela

⁷ Para esta discussão, em que, não só a importância de Cassirer, mas principalmente, ao retorno do estudo e valorização do homem enquanto ser simbólico, ver Durand (1993: 53-54).

perceptiva ou não, enquanto categoria imaginária. Essa faculdade humana, de simbolizar o mundo, é próprio do homem, é a sua representação, que é o que chamamos de real.⁸

A partir dessa perspectiva passamos a indagar sobre o narrador enquanto ser simbólico, e o tema foi paulatinamente deslocado para os colaboradores (sempre mais que simplesmente migrantes), os quais por sua vez passaram a ser o eixo central do projeto. Voltamo-nos para seus dizeres. Não obstante, temos a consciência do pioneirismo do assunto, pois as teses a respeito de migração interna, que leve em conta o relato dos envolvidos, ainda são escassas beirando até mesmo a raridade. Há certa “abundância” de trabalhos analisando a migração nordeste-sul para a Amazônia⁹. Nesse sentido, a perspectiva por nós pretendida nesta pesquisa é nova, pois pretendemos focar a situação/migração interna da região amazônica ocidental, levando em conta as narrativas e não a base documental do assunto migração, eis a novidade e a dificuldade. As perspectivas de todo o trabalho estão direcionadas às pessoas. E para isso é preciso sair do determinismo rotineiro e tratá-las de outra maneira, quem sabe, através de uma certa liberdade levando sempre em primeira mão suas falas por meio de diálogo conosco. Essa nossa postura, visando à percepção do lugar a partir da pessoa, se aproxima da preocupação apontada por Antonio Carlos Robert Moraes (1996: 11) quando menciona que “O tema da consciência do espaço é ainda pouco elaborado num país sem tradição em trabalhos de Geografia Cultural”.

Essa perspectiva postulada a partir do diálogo com os narradores nos permitiu perceber o quão importante e essencial ele é quando o assunto perpassa a experiência de pessoas, os sentidos, os modos de olhar o mundo, sentir, etc., a partir das narrativas, muito além do deslocamento simplesmente físico que passa até a ser mais enriquecidos de conteúdos vivenciais. O lugar enquanto categoria espacial de sentidos, enquanto formado e sedimentado pela relação social das visões de mundo, de cada narrador, é nossa meta, pois o lugar é sempre um espaço social. Dentro dessa concepção, “Entende-se então que para fazer qualquer atividade, seja ela científica ou não, colocamo-nos frente à natureza transformada (segunda natureza), a partir de nossos pensamentos, idéias, poder reflexivo e poder de ação”, compreende Simione da Silva (2003: 23), com quem concordamos prontamente. O lugar discutido, nesta pesquisa, é sempre o referente, e não a referência, pois ele está

⁸ Castoriadis (2000: 154, nota 21) procura definir o que é “imaginário radical”, isto é, como aquilo que faz “aparecer como imagem alguma coisa que não é, e não foi[...]”. Na verdade, para Cassirer, tanto aquilo que cria uma imagem, como seus *produtos* dialogam em dialética.

⁹ Ver a obra de Francinete Perdigão (1992) que, discorre sobre a migração de outros estados para a Amazônia brasileira.

sobrecarregado de pensamentos e é fruto da relação humana, e não algo objetificado, preso a um único modo de ver e de interpretação.

As narrativas são os referentes. Nelas aparecem as possibilidades de interpretação porque estão como que sedentas de diálogos. Com isto, ou seja, com o diálogo, é que aparecem as diferenças de sentido.

Logo no início da entrevista com Sebastião, nosso primeiro colaborador, observamos que ele não se refere e nem indica sua vinda para Rondônia, mas procurou marcar de imediato seu gosto: **Eu gosto muito mais da vida no interior do que da cidade...** (1)¹⁰, ao invés de falar da sua vinda, fala de sua volta, a sua vida enquanto nostalgia de um retorno, mesmo que atualmente queira ficar na cidade. Por que Sebastião escolhe iniciar sua narrativa assim? Porque não fizemos uma pergunta inicial, mas apenas iniciamos o diálogo dizendo “fale sobre sua experiência”. Não houve questionário pré-estabelecido, logo, ele estava “livre” para iniciar como bem queria seu relato de vida.¹¹

Todas estas mudanças de enfoque nos trouxeram para as pessoas envolvidas. O trajeto em si, do Acre para Porto Velho, foi se tornando menos relevante, diante do momento no qual buscamos um diálogo com as próprias narrativas. Esta aproximação fez surgir pontos de interesses de um lado, e brechas do outro, que possibilitaram interferir e ser interferido pela fala do outro. Deixamos de lado as explicações sobre a migração para buscar compreender os sentidos das narrativas, o fluxo migratório em sua fenomenologia. Nessa abordagem, não cabem respostas, mas sim forneceram sugestões provisórias. “Todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes” (Silva, 2003: 8). Entendemos as nossas narrativas como *hipertextos*. O capítulo denominado *desdobramento* (nosso momento interpretativo) é o qual apresenta discussões sobre essa perspectiva e mostra como ela ocorre na prática.

Procuramos não naturalizar as narrativas, uma vez que sendo as narrativas decorrentes de imaginário do narrador, claro, sempre em convívio social, são em essência, abertura para variados significados. Então, o tema original foi caminhando para outra perspectiva, tornando-se necessário, a compreensão de como esses migrantes se vêem e se mostram frente as noções tidas como acadêmicas como Espaço, Lugar e o próprio Fenômeno de Migração. O que nos preocupa como eixo central é, então, unir as concepções dos narradores sobre seu

¹⁰ Este e outros números que aparecem entre parêntesis, se referem aos números marcados nas narrativas.

¹¹ Alberto Lins Caldas (1999: 101), define esta postura “livre” do narrador como “origem voluntária”. Sem a interferência do oralista, surge a temporalidade do narrador, dando nascimento ao que Caldas denomina de “cápsula narrativa”, isto é, o falar do narrador antes da entrevista propriamente dita.

Lugar (de onde vieram) e seu Lugar de Destino (Rondônia). Dessa forma, nasceu a temática central de nossa pesquisa, ou seja, a *MIGRAÇÃO DOS SENTIDOS: IMAGENS DO LUGAR (ORIGEM E DESTINO)*.

Relacionar migração dos sentidos e imaginário é não descolar o homem, enquanto ser simbólico, de seus produtos, as narrativas ou imagens dessa narrativa. Pois, se o homem é um ser simbólico, o que ele produz também o é. Entender, desta forma, migração enquanto fenômeno que envolvem sentidos, foi bastante desafiador em virtude das heranças tradicionais contidas dessa temática, fator preponderante que por sua vez conduz para um único caminho, no qual se procura dar uma resposta única e objetiva a uma questão por sua vez também unívoca: “por que as pessoas migram?”. Procurar respostas para questões predeterminadas engessava as possibilidades de diálogo. Retirar das fontes narrativas exclusivamente, respostas frias, como se fossemos observadores neutros perante os nossos sujeitos seria cair na armadilha ingênua do positivismo. Para sair desses impasses optamos por enfrentar as próprias narrativas e direcionar nosso interesse para a migração dos sentidos.

Tais narrativas nos indicavam vários pontos de *interesses*: imagens, palavras e frases que instigavam a imaginação. Essas inquietações de sentidos exigiam muito mais que as simples descrições de lugares, de tempo, de ambiente etc., nos indicavam que essas imagens são produtos sociais. O problema persistente era encontrar uma maneira de não falar sobre as entrevistas e sim ser atraído por elas, levando em consideração uma possível liberdade imaginativa, no sentido dado por Bachelard. O sentido, para o qual prioriza a imagem poética, no nosso caso, a prioridade é a imagem do lugar, visando também um compromisso com os nossos colaboradores, tendo as suas falas como parâmetro norteador de análise e não um apêndice do trabalho¹². Em busca semelhante, só que procurando legitimar a voz dos excluídos, em geral, Meihy (1991: 15) questiona “Porque no Brasil segmentos da população tem [sic] sido contemplados apenas pela documentação externa, produzida ‘sobre’ eles, qualquer nova proposta que se oriente em cortar o caminho disposto pelo “outro”, se mostra digna de consideração”.

Qualquer postura diante do outro não é uma postura neutra, e nosso último capítulo não é apenas o falar sobre ou com o outro, mas uma tentativa de ir além do outro, do que ele e nós mesmos pensamos. Acrescentar, retirar, dizer e desdizer em diálogo com seu referencial semântico, a partir de nosso olhar, pois as narrativas, após a interpretação, devem, abrir para outros diálogos posteriores. Merleau-Ponty (1999: 83) aponta que “o puro *quale* [ponto

¹² Sobre a imaginação fala Eliade (1996: 15) “Toda essa porção essencial e imprescritível do homem – que se chama *imaginação* – está imersa em pleno simbolismo e continua a viver dos mitos e das teologias arcaicas”.

intocável] só nos seria dado se o mundo fosse um espetáculo e o corpo próprio um mecanismo do qual um espírito imparcial tomaria conhecimento”. Para ele a percepção é fenomenológica (aparência social humana) porque nada escapa a interpenetração, quem entra no jogo discursivo, entra porque faz parte de um segmento social. A imparcialidade é uma impossibilidade não entendida quando a ciência torna-se uma pseudociência. Por isso, nosso texto atribui uma compreensão, mas esse é apenas mais um ponto de vista pessoal e nunca é uma única leitura definitiva. Isso quer dizer que visamos também a uma compreensão do tema migração Acre-Rondônia proposto, mas tão somente num sentido passageiro e direcionado pelo dizer das narrativas. O capítulo V é apresentado depois dos textos narrados, priorizando a leitura desses textos. O desdobramento sendo um momento de *liberdade de leitura* porque “[...] interpretada livremente, a narrativa guarda uma amplitude capaz de despertar ‘espanto e reflexão’ mesmo depois de transcorridos deslocamentos espaciais e temporais” (Cemin, 2001: 213).

Na seqüência, na tentativa de mostrar as dificuldades que comporta uma investigação, em que o homem é parte essencial, buscamos encontrar motivos que nos fizesse, não apenas pesquisadores frios, mas que nos possibilitasse um envolvimento mais próximo de quem iríamos pesquisar, as pessoas e suas experiências. Primeiro, houve a busca apressada da resposta sobre o porquê da migração Acre-Rondônia, sem levar em conta que existiam pessoas, sujeitos narradores, antes de nossa vontade como pesquisadores; segundo, que as narrativas não eram documentos naturalizados de pesquisa e sim, narrativas vivas, e sobrecarregadas de simbolismo porque proveniente da dialética humana, no ato de leitura, nos indicavam caminhos variados de entendimentos.

CAPÍTULO II

2 – A METODOLOGIA

Nem tudo pode ser entendido, as aparências, assim como as essências, são persistentemente enganosas, e o real nem sempre pode ser captado, mesmo numa linguagem extraordinária. Mas isto torna o desafio mais instigante, especialmente quando, vez por outra, tem-se a oportunidade de decompor tudo e reconstruir o contexto (Edward W. Soja, 1993: 299).

Como entender um grupo de pessoas a partir de um quadro teórico pré-estabelecido? Como moldar algo que não é moldável, quantificável e que parece estar sempre em movimento, tendo como princípio o simbólico? Estas são algumas das questões complexas que envolvem os estudos culturais e, conseqüentemente, humanos.

A nossa metodologia foi inspirada na história oral de José Carlos Sebe Bom Meihy (1996a, 1991, 1996b, 1990), principalmente, *Canto de Morte Kaiowá*, em que o conceito de transcrição possibilitou compreender as narrativas como resultado ficcional, estando a verdade ou a falsidade longe de nossa interpretação, pois pensa ser a linguagem um mecanismo por excelência de criar diálogos e sentidos. E ampliando as concepções de Meihy, tivemos como base a obra de Alberto Lins Caldas (1998, 1999, 2001), a partir de conceitos como *cápsula narrativa*¹³, *origem voluntária* e *interpretação*. Tanto num quanto no outro, a história oral passa a ser uma questão prático/teórico para compreender vivências a partir das pessoas e não mais do tema imposto pelo pesquisador.

A cultura amazônica, tese básica de Loureiro (1995), é constituída pela poética do imaginário, sincretismo entre colonizador e colonizado. Como toda cultura, é composta por um emaranhado de vidas que convivem, sofrem, vivenciam, experimentam juntas ou não suas rotinas diárias. Como dar conta dessas experiências é o problema para quem faz pesquisa na região.

Essas dificuldades nos deixam embaraçados, devido ao fato de muitos serem os trabalhos e teses sobre a vida na Amazônia num modo geral, e sempre que encontramos tais

¹³ A *cápsula narrativa* é o momento do narrador, como ele gostaria de ser lido, entendido, enfim, o pesquisador só realiza a *cápsula narrativa* quando não impõe sua temporalidade na temporalidade de quem narra. Procuramos essa postura diante do “outro” no momento da entrevista. (Cf. a nota 11, nesta dissertação).

literaturas a uma conclusão nos remetem, a de que esse homem que todos falam é inapreensível, mas possível de compreendê-lo; constatar isso é perceber que o nosso trabalho tem a função de entender a migração, o cotidiano dessas pessoas, mas a partir de suas próprias narrativas, procurando deixá-los em primeiro plano e evidenciando a migração em segundo, ou explicada a partir dos narradores. Tendo como certo que aquilo que se denomina “cultura amazônica” é multiplicidade e o homem amazônico é sempre mais que os denominativos, com certeza denominações como: “caboclo”, “ribeirinho”, “colono” passam longe do que seria esse homem amazônico; menos por falhas de entendimento que, por comportar em sua constituição material e espiritual (termos interligados), o homem, tem, a função vital simbólica tanto mostrada pelos pensadores apresentados anteriormente por nós.

O nosso tema passa pelo desafio de compreender e perceber esse homem fora de formas estereotipadas, e então, a partir de seu imaginário narrado, deixá-lo fluir dentro de sua narrativa para que o que disser sirva também para entender o que se classifica de “ribeirinho”, “caboclo”, ou “homem da floresta”. Deixemos claro que, esses termos, os quais denominam os homens das florestas e cidades a beira de rios na região Amazônica, são realidades bem explicadas pelos pesquisadores. Contudo, deixemos entre aspas, se estes denominadores são homogêneos, ou apenas, ponto de vista de pesquisa sobre os homens da referida região.

Como este trabalho pretende ser não *sobre* e, sim *com* as pessoas envolvidas na pesquisa, remete-nos ao que Ecléa Bosi (1998: 38) denominou de “comunidade de destino” dizendo que, “Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados”, o que deve ser evidenciado é uma ruptura com o que entendemos como sujeito/objeto. As conversas, as trocas de experiência, o momento do olhar do outro sobre nós sem o uso do gravador ou mesmo com ele não pode ser dito, plenamente, com palavras sobre o papel. Constatamos isso no momento de passar do oral para o escrito, os textos gravados. Tínhamos sede por suas *vivências* num âmbito geral, e colocar tais respostas em movimentos (desdobrar) é o que nos impulsionava, no sentido de prolongar e não travar o diálogo que iniciamos nos encontros ocorridos durante toda a pesquisa. O desdobramento, que é o nosso momento interpretativo, pretendia não impor, não falar, mas escutar, escutar ainda que possível à *musicalidade* (Meihy, 1991: 30) das narrativas, ou a *aura* (Benjamin, 1994a: 101) dos encontros que tivemos em conversas com nossos colaboradores.

Os traços de interesses como vazios de sentido, palavras aleatórias, experiências, lembranças, sentimentos e visões do real são o que buscamos para que os colaboradores possam se dizer, sem serem tragados pelo nosso discurso, que visasse apenas a um tema fechado de hipótese pré-estabelecida. O nosso interesse gira a partir do de desdobramento da

leitura de vida, do modo de ver, de sentir, de agir e de aspirar ao estar no mundo como é entendido na abordagem fenomenológica, que é a base de uma geografia entendida como humanística.

Para podermos navegar nesse complexo de vivência narrado por nossos interlocutores, tivemos que recorrer a autores que definem o homem a partir da função simbólica, ou seja, do imaginário. A leitura da obra de Bachelard, e de seu discípulo direto Durand, nos possibilitou ver as narrativas transcriadas, conceito posto por Meihy (1991) como algo surracional, no sentido em que Silva (2003) deu à essa palavra, isto é, o texto enquanto narrativa é sempre um relembrar, logo, uma imagem, um símbolo da pessoa que fala. Também, para Durand (1993: 07), as experiências do cotidiano não deixam descolada sua carga simbólica quando enfatiza que,

A consciência dispõe de duas maneiras para representar o mundo. Uma *directa*, na qual a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação. A outra *indirecta* quando, por esta ou por aquela razão, a coisa não pode apresentar-se ‘em carne e osso’ à sensibilidade, como por exemplo na recordação da nossa infância, na imaginação das paisagens do planeta Marte, na compreensão da dança dos electrões em torno do núcleo atômico [sic] ou na representação de um além da morte.

Fica claro que para Durand, a abrangência da concepção do simbólico para além dos domínios da arte. O homem comum, ou até mesmo o cientista fechado em cima de questões de pura racionalidade, vivem, direta ou indiretamente no mundo humano, logo, simbólico. E a imagem da infância, para ser real, é preciso estar em acordo com o imaginário da pessoa que recorda, no presente.

É a própria “bacia semântica” enquanto forma de sentidos dado pelo outro, que nos interessa, como espaço onde o foco está voltado para o significante (referente), para o jogo de signos, símbolos, imagens que têm no jogar o objetivo (diferente do sentido onomástico, onde o interesse se volta apenas para a etimologia da palavra, o jogo pelo jogo estando excluído). Com essa perspectiva do jogo, entre sentidos de lugar narrados, se jazem necessário esclarecer o que entendemos sobre as noções como lugar, imaginário, entrevista, transcrição, transcriação, desdobramento (o momento interpretativo).

2.1 – A NOÇÃO DE LUGAR

Ao discorrer sobre o espaço social e ao apontar limites para as tendências subjetivistas da geografia, Milton Santos (1986: 128) informa que “Em última análise, a *realidade* de uma cidade, de um campo cultivado, de uma rua, é *a mesma para todos os indivíduos*. É a realidade de cada indivíduo que o autoriza e o leva a ver as coisas sob um ângulo particular”. Saber se o lugar enquanto espaço é ou não efeito da mente do homem, ou se é o espaço reflexo da natureza, não é nossa questão e sim *como* o interlocutor se mostra durante o diálogo. Este “ângulo particular” é de extrema importância, pois aí se encontra o singular de cada narrador. A noção de lugar não deve se sobrepor aos colaboradores, mas é esse lugar que deve ser sentido diferentemente. Lutar pela diferença, não só de sentidos, mas também de regiões territoriais é parte intrínseca desse tipo de história oral, pois o capital é o “reino do igual”. Numa crítica plausível ao poder que indica quem fala e o que se fala Bella Jozef (2005: 117) aponta que “Toda vez que as elites nomeiam o gaúcho (ou o índio) falam por ele e em defesa dele, mas nunca “com ele”, representam-no como sujeito subalterno, mas sem enunciação”. Esta constatação é por demais antiga, mas que quase ninguém deu crédito, a não ser depois das duas grandes guerras.¹⁴

Seja o que for o lugar, este é talvez algo singular, único para cada pessoa, mas sempre levando em conta a “totalidade”, pois “quase sempre o lugar acaba sendo visto como se fosse autocontido. E os fatores considerados não são enxergados como o que eles realmente são, isto é, um sistema”, conforme a visão de Milton Santos (1999: 91). O lugar é parte do imaginário de uma sociedade, mas é sempre visto singularmente pelos seus membros. Não é só a especificidade objetiva de uma cultura que deve ser levada em conta, mas também, a maneira que seus membros como realidades, sentem e apresentam tais realidades. O que pretendemos aqui, também, não é fazer geografia perceptiva ou comportamental, mas somente dar crédito às concepções de pessoas, ver como elas apresentam e mostram as experiências dos lugares de seus trajetos. Pois se os lugares são produção espacial, deve haver sujeitos envolvidos, que motivam tais sentidos, e estes, os sujeitos, “são movidos por necessidades, interesses, desejos e sonhos” (Moraes, 1996: 16).

¹⁴ Nietzsche (sd, aforismo 06, p. 83) já havia apontado o mesmo problema, dos pseudos-cientistas a serviço do capital, quando enfatiza que “O que os homens de negócios querem, quando exigem sem cessar a instrução e a cultura, é no final das contas o lucro”. Isto explica o porquê do preconceito que existe com trabalhos voltados para as áreas humanas, tidas como “não-científicas”, pois é o mesmo que dizer que “são improdutivas”, no sentido econômico.

Em Edward W. Soja (1993: 147), temos uma ampliação da idéia de lugar como espaço para além do físico, mental e social, aliás, estes três em inter-relações. Falar de lugar é falar de algo em processo, em movimento e que deve ampliar a simples constatação e valorização do espaço físico visto apenas como corografia¹⁵. Portanto, a geografia é o campo interdisciplinar por excelência. Nela há possibilidade da história oral poder ser aplicada, é visível uma vez que seu objeto deixou de ser apenas o físico, mas o espaço enquanto produção e reprodução para além de determinismos redutores (Claval, 2001). Também, segundo Soja (1993: 149), não se deve “procurar interpretar a espacialidade a partir da visão de processos socialmente independentes de representação semiótica, é também impróprio e enganador”. O que o geógrafo do capitalismo tardio deve evitar é cair nas armadilhas tanto de um empirismo puro, por outro lado, evitar também os excessos do idealismo. Ambos estão dentro da espacialidade social de determinada sociedade. Numa crítica a qualquer dogmatismo, Henri Lefebvre (1978: 6) alerta para o fato que “La sistematización denominada materialista tiene los mismos inconvenientes que las antiguas sistematizaciones denominadas idealistas”¹⁶. Não é por acaso que Lefebvre não era bem visto pelos marxistas ortodoxos, pois para Lefebvre o que deve ser levado em conta, não é a disciplina em si, mas o social enquanto produto de uma determinada sociedade. Criticar o próprio materialismo falsificado de marxianismo foi uma de suas tarefas principais. Para Claval (2001: 13) a crítica também se faz necessária para que uma geografia humana consiga respirar. Tornando-se o espaço no trinômio: o ato, a representação e o dizer. Sendo assim, o lugar passa a ser “uma porção do espaço significado que adquire sentido individual ou coletivo [...]”, segundo Bella Jozef (2005: 119), mostrando que o sentido individual não pode estar desligado do coletivo. Assim como também o que se chama de material não deve estar desligado do que espiritual.

Voltando aos nossos interlocutores, os lugares por onde iniciam suas narrativas são sentidos, por cada colaborador, diferentemente. Para Sebastião, o lugar é *fartura*; para Glória a *lembrança do pai*; na fala de Vaneudes representa o *pé de Gameleira/família*; com Rosângela o lugar aparece como “*prisão*”; Shirley o lugar é de *conflito familiar* e em Maria Lúcia o lugar tem uma tendência a contradição entre “*prisão/liberdade*”. Para cada narrador há um espaço (lugar)¹⁷ sentido diferentemente. Esta maneira de entender o lugar em

¹⁵ O lugar que procuramos entender nas narrativas não é o do reino do sonho, do devaneio ou do psicanalista. É o lugar humano, da pessoa, a partir de sua visão e percepção. Mas a idéia básica persiste à maneira que a entende Soja: O lugar enquanto *constructo* social, mesmo que o lugar seja mental ou não.

¹⁶ “A sistematização denominado materialista tem os mesmos inconvenientes dos antigos sistemas denominados idealistas”.

¹⁷ Para nós o que importa não a diferença entre espaço e lugar, importa é que sejam consideradas como construções sociais.

específico, se deve àquilo que Soja chamou de *Geografias Pós-Modernas*, ou seja, foi o mundo moderno como *espaço*, que modificou nossa maneira de ver e sentir, através da dialética com aquilo que nós o influenciemos. A geografia humana, vista por este autor é a geografia que tem no descontínuo e no processo sua marca. Não é mais o lugar apenas físico ou mental que está em jogo e, sim o lugar-processo e descontínuo:

Já não podemos depender de um fio narrativo que se desdobre sequencialmente, de uma história em eterna acumulação que marche diretamente em frente, na trama e no desenlace, pois há coisas demais acontecendo contra o contexto temporal, coisas demais atravessando continuamente o fio narrativo em direção lateral. (Soja, 1993: 32).

Ora, se Soja¹⁸, está certo ao dizer que tanto a ideologia, a cultura, a consciência, a política, como o econômico são *constructos* espaciais, não se deve mais dar crédito a uma explicação reducionista marxista que vê apenas esses campos como reflexos de base econômica. Então, é hora de mudar e procurar ver as singularidades como visões individualizadas cheias de significações e sentidos. Fazemos nossa, esta indagação humanística: “O peso da cultura é decisivo em todos os domínios: como os homens percebem e concebem seu ambiente, a sociedade e o mundo?”, e mais específico ainda, “Por que os valorizam mais ou menos e atribuem aos lugares significações?” (Claval, 2001: 11). Tais significações são fruto, da percepção individual. Mas não se quer dizer com isto, que o individual é isolado do social, pelo contrário, ao falar do individual se deve ter em mente o social inseparável. Tuan (1980: 01), no mesmo sentido se questiona sobre “Quais são nossas visões do ambiente físico, natural e humanizado?”. Claval leva em conta a mensagem da humanística de Tuan quando se abre ao estudo da cultura e das valorizações das percepções dos homens em inter-relações com o meio em que vivem.

O lugar se mostra como um espaço de encontros, de visões e de contradições de sentidos; envolve o econômico, o político, a paisagem, mas nunca se resumem a estes fatores apenas, ou melhor, são apesar disto, sobrecarregados de símbolos que os tornam para além do conteúdo apenas determinista. A mata, como já dissemos é a grande imagem das narrativas desta pesquisa, e ela é o local do trabalho, da sobrevivência, de onde se retira o que se come, dos ex-seringueiros, Aldenor e Sebastião, e Glória em menor grau, mas é principalmente a imagem das lembranças (Glória), do trabalho e aprendizagem em família e prazeres ligados a

¹⁸ (ibidem, p. 110)

ele (Aldenor e Sebastião). Isto é, a mata é simbólica também. E um dos objetivos deste trabalho é não naturalizar tais imagens.

Priorizamos as imagens de lugares porque nos voltamos às pessoas, suas vivências e imagens, e isto, também significa que o meio ambiente está sempre envolvido dentro das concepções narradas pelos colaboradores. Depois que saiu da mata, Aldenor observou que seus sonhos estavam naufragando: **Atualmente nem sonhar eu tô conseguindo...** (21). O ato de migrar está não na questão econômica, mas nos sentimentos íntimos do narrador. Seu imaginário onírico parece naufragar devido ao lugar da mata (seu meio ambiente), pois fora substituído pelo lugar da cidade. Esses estranhamentos em que as pessoas que viveram em contato com a floresta, a mata, sentem ao abandonar tais lugares, podem muito bem serem entendidas como José de Souza Martins (2000: 91) observou, pois, para ele o sonho e as inquietações do povo da cidade são fruto da persistente atividade não cotidiana presente no humano. Nem tudo está tão claro assim, há o reino do onírico que pode aflorar a qualquer momento em qualquer pessoa. Nem o narrador está completamente morto como imaginava Walter Benjamin, nem os sonhos são meros reflexos da realidade.

Não queremos, como aponta Martins se referindo criticamente a Ronaldo Vainfas, em que este, preso ao conceito deixa de discutir o vivido, “que é o que dá vida ao conceito” (Martins, 2000: 109). No nosso caso, não queremos sobrepor os assuntos frente aos interesses de nossos narradores.

As imagens da mata, por exemplo, não são sentidas pelos narradores da mesma maneira porque “Nem todo mundo recebe a mesma bagagem, não a interioriza da mesma maneira nem a utiliza para os mesmos fins”, observa Claval (2001: 14). Perceber dessa maneira, não é cair num idealismo, ou num subjetivismo, mas sim fazer geografia humana tendo como colaboradores, não mais objetos, mas sujeitos que passam a fazer parte central do interesse da pesquisa.

Já repetimos tantas vezes, neste texto, que o nosso trabalho se volta completamente para as vivências, e isto parece truísmo, mas não é. Os projetos, governamentais ou privados, geralmente deixam de lado as concepções das pessoas. E isto parece normal, pois se levassem em conta as variadas maneiras de ver o real, tais projetos seriam também impraticáveis. É necessário se voltar para o alerta de Simione da Silva (2003: 133) que tirando conclusões, a partir de sua pesquisa para entender a fronteira acreana, diz “Para finalizar, ressaltamos que as críticas aqui dirigidas ao processo de colonização brasileira, sobretudo, [...], não se dirigem exclusivamente ao Órgão Executor em si, mas à estrutura governamental que implementou e implementa tais políticas”. A lógica do Estado é perversa, isto sabemos, por isto torna-se

difícil qualquer tentativa de escutar e se voltar para os interesses das pessoas, e para sua vivência.

Chegamos então, a entender o lugar a partir de um tipo de geografia humana, com momentos específicos, como Claval de *Geografia Cultural*, Tuan de *Espaço e Lugar* e *Topofilia*, Santos de *Por uma geografia nova* e a *Natureza do Espaço*, Moraes de *Ideologias geográficas*. Todos, é claro, com suas sutilezas e diferenças, pois não há consenso fácil entre pensadores e a grandeza das ciências tidas como humanas, é o poder de aglutinar ao seu redor saberes diversos, e por que não, contraditórios. Temos claro também, de que nenhum deles trabalhou com oralidade pura, e sim com a relação entre meio e as relações e sentidos que os homens tiveram para construir o espaço. Mas todos vêem o sentido humano como importante para a compreensão deste espaço, que é sempre humanizado e nunca uma natureza *naturante*, e sim *naturata*¹⁹, pois esta é uma criação social, que envolve sempre inseparado o econômico, o social, o político, o religioso e, principalmente, o simbólico. Neste sentido, o individual é entendido enquanto fruto de uma dada sociedade, e é o principal foco desta maneira de entender o real. Este é sempre visto através de uma posição individual que permite entender que a paisagem, a rua, a mata, a casa, etc., são sempre imagens instituídas socialmente, frutos dos sentidos em atritos com o meio em que se vive.

2.2 – O IMAGINÁRIO E OS SENTIDOS DO LUGAR

Os lugares, num sentido amplo, estão sobrecarregados de imaginários produzidos em sociedade. No caso desta pesquisa, não é diferente. As imagens da mata, da cidade, da família, do pai, enfim, dos lugares tanto de origem como de destino são sentidos a partir de referências de moral (religioso ou secular), de sentimentos variados produzidos dentro e fora do grupo familiar em que viveram estes narradores. O próprio Max. Sorre (1982: 270), já observava isso quando disse que “Hay en todas las cosas una parte de sueño y ilusión. Nuestra forma de vestir, de alimentarnos depende de nuestra imaginación tanto como de nuestras necesidades reales”²⁰. Essa forma de pensar nos endossa a ver o real como fruto do imaginário. Se as coisas materiais são vistas por Sorre como fruto da imaginação, o que dizer então quanto à linguagem oral?

¹⁹ Natureza *naturata* (realidade fenomenológica) e *naturante* (realidade por si mesma) é o que aparece no pensamento de Spinoza na obra *A ética* (2005), pois para ele a primeira natureza deriva da segunda que emana de Deus. Para nós o que interessa é a natureza *naturata*.

²⁰ “Há em todas as coisas uma parte de sonho e de ilusão. Nossa forma de vestir, de se alimentar depende de nossa imaginação tanto de nossas necessidades reais”. Esse pensamento mostra o quanto a geografia preocupava-se, ainda, no início do séc. XX com as questões do imaginário, mas sempre em menor grau.

Gilbert Durand define o imaginário como sendo um resultado do trajeto antropológico incessantemente percorrido pelo *sapiens*, entre as intimações do meio e as pulsões subjetivas. Para ele, o imaginário constitui o caráter obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana, visto que, nos humanos toda a informação é controlada pelo cérebro pré-frontal, fazendo com que todo pensamento humano não seja uma resposta direta aos estímulos, mas uma rerepresentação, ou seja, o resultado de articulações simbólicas.

Para Castoriadis (2000: 13) o imaginário é

criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’. Aquilo que denominamos de ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos.

Portanto, o real é entendido como sendo desdobramento de sentidos que parte do social instituído, isto é, realizado em relações entre os homens. Nunca uma coisa dada, sem historicidade ou fora de um contexto em que não há participação humana. Esse posicionamento não nega a coisa e a objetividade do mundo, pelo contrário, instaura as coisas do mundo e lhe dá um lugar socializado por sujeitos.

Em busca de uma definição de imaginário, gostaríamos de fazer nossa a intenção de Bachelard (1999: 02) e dizer que “Vamos estudar um problema em que a atitude objetiva jamais pôde se realizar, em que a sedução primeira é tão definitiva que deforma inclusive os espíritos mais retos e os conduz sempre ao aprisco poético”. Essas palavras de Bachelard só ganham sentido para nós se forem aliadas àquilo que procura expressar Ana Pizarro (2005: 133), quando diz que,

Estas articulaciones tienen que ver tradicionalmente con una vida en diálogo intenso con el medio ambiente Allí el tiempo individual y social está regulado por el tiempo de las aguas, los ciclos del río, el período de la caza, la recolección, la pesca, la horticultura. Allí la subida e el descenso de los ríos regulan los hábitos alimenticios, la dilocación familiar, la organización del trabajo²¹.

Isto indica que a liberdade imaginativa só é possível dentro do ambiente em que as pessoas vivem em, no nosso caso, o vasto interior do Estado do Acre, enquanto meio social. Não perdendo de vista que o cotidiano não pode ser compreendido como uma instância

²¹ “Estas articulaciones têm que ver tradicionalmente com uma vida em diálogo intenso com o meio ambiente. Ali, o tempo individual e social está regulado pelo tempo das águas, dos ciclos do rio, o período da caça, da colheita, da pesca e das horticultura. Então, a cheia e vazante dos rios regulam os hábitos alimentares, a migração familiar e a organização do trabalho”.

separada do imaginário, distanciada como algo fora; ao contrário, só se reconhece o cotidiano por já estar inscrito num imaginário, sendo outro truísmo dizer que o mundo/cotidiano só pode ser como criação de um imaginário social. Se todo o real é imaginário e, se todo o imaginário é real a diferença que a ciência propunha entre os dois é também imaginária. A preponderância do imaginário é no sentido que o cotidiano é sobrecarregado de sentidos humanos. Isto tem consequência direta em nossa pesquisa devido que permiti aplicar aos textos dos colaboradores a “liberdade imaginativa”, na qual se pode dialogar com as narrativas sem o medo de estarmos “traindo” o pensamento do colaborador, ou mesmo “acrescentando” palavras e idéias ao seu conteúdo. Esse medo não se justifica mais porque o texto é para nós “referente” (móvel, passageiro, relativo) e não “referência” (como espécie de mensagem fotográfica de memória, intocável). Nisto está embutido a idéia de movimento à maneira de Max. Sorre, para quem a forma física de um relevo é sempre relativa e nunca absoluta.

Roland Barthes (1997: 40) vê as narrativas como produtos do imaginário: “são textos do imaginário: as narrativas, [...] as estruturas que jogam ao mesmo tempo com uma aparência de verossimilhança [sic] e com uma incerteza de verdade”. O imaginário participa em nosso texto porque falamos e entendemos as narrativas como expressões imaginárias. No reino da liberdade imaginativa tudo é possível, desde que se observe o lugar específico dos sujeitos. Os textos de nossos colaboradores, ao nosso olhar, exigem um aumento analítico (não necessariamente interpretativo) que os tomem e devolve-os para outros modos diferenciados de olhar. Quando Sebastião fala que **Eu gosto muito mais da vida no interior do que da cidade...**, quantos “segredos” têm nessa pequena frase para cada pesquisador que a leia dentro de seu ponto de vista coletivo/individual! Nos textos de nossos colaboradores “Nunca há revelação, nunca há comunicação, nunca há mesmo ‘secreção’ do segredo [...] é daí que ele retira sua força, poder de troca alusivo e ritual”, assim entende Baudrillard (2001: 90) e, desta maneira vemos nossas narrativas: como campo aberta para variadas interpretações²². Nesse contexto, podemos indicar Cassirer (1997: 46 e 49), para quem o fundamento do humano é a função simbólica. Mostra-nos, ainda, a presença do imaginário quando expõe que “As experiências – e portanto as realidades – de dois organismos diferentes são incomensuráveis um com o outro”, ou ainda, o homem “vive antes em meio a emoções imaginárias, em esperanças e temores, ilusões e desilusões, em suas fantasias e sonhos”. Para nós o traço, na fala de Sebastião, que nos possibilita desdobrar é a imagem do **interior**. Como

²² Para uma leitura (não) romantizada do imaginária da Amazônia, ver o artigo *Imaginario y discurso: la amazonia*, de Ana Pizarro (da universidade de Santiago do Chile), principalmente p. 133-134. Vide bibliografia.

ensina Bachelard (2001a : 148) podemos “Ao nosso capricho, [...] fazer do real o imaginário ou do imaginário o real”, essa brincadeira bachelardiana nos possibilita entender nossas narrativas (entrevistas) como um momento transitório de concepções e visões de lugares, uma abertura textual, pois “Nem todo mundo recebe a mesma bagagem, não há interioriza e nem a utiliza para os mesmos fins”, expressa Claval (2001: 14), e além disso a imagem da mata é sentida diferentemente por cada colaborador. Sabemos que para Claval, a cultura é que transmite as “representações coletivas”, mas este também, acredita na posição da percepção individual resistindo por meios variados e modificando a própria cultura em que se vive. A cultura impõe, mas também é imposta pelos atores que ela mesma ajuda a criar. Por isso, justifica-se falar de sentidos e suas diferenças a partir das percepções individuais²³.

Claval²⁴ procura ligar o pensamento corográfico da geografia com a perspectiva individual ao afirmar que “A apreensão do mundo e da sociedade é feita através dos sentidos”. Estes sempre em diálogo com a sociedade como um todo. E é por isto que esse geógrafo na década de 1980, opta pelo simbólico e avança em seu pensamento para entender que a paisagem por si só não revelaria a cultura dos grupos envolvidos. Faz-se necessário o estudo da sociedade a partir do imaginário tão desprezado pelos iconoclastas a partir de Descartes (Durand, 1993: 20-21).

A fala, o documento, a narrativa, ou mesmo o mundo são produtos reais, mas para serem compreendidos enquanto relações sociais, de sentido passageiro, que dependendo do momento histórico, os sentidos modificam-se. Uma das atitudes a serem tomadas é interpenetrar-se em diálogo. Tentar dizer como o outro é, ou foi, explicar uma situação textual é travar um diálogo em nome de uma verdade que não está em lugar nenhum porque simplesmente não existe como realidade absoluta. Nessa perspectiva, nossas entrevistas passam a ser o referente porque aqui, os textos narrados, não têm base de sustentação a não ser, para seu leitor, visto que deixam de ser também documentos a espera de um especialista para decifrá-los. Nessa pesquisa, não somos especialistas em migração ou mesmo no cotidiano das pessoas que colaboraram conosco, mas tão somente observadores (envolvidos em diálogos) inseridos no processo de conhecimento, afogados pela presença de outros que estão sempre além do que denominamos sobre eles.

Não apresentamos uma cientificidade, uma conclusão objetiva, menos ainda, uma subjetividade em nome de uma melhor compreensão desse humano em questão. Nosso trajeto

²³ Jean Kessler (In: Marx, 2007: 26-7) afirma que em Marx, o “indivíduo” sempre teve papel importante, mas que os marxistas não levaram muito em conta, deturpando as idéias deste autor em nome do comunismo.

²⁴ (Ibidem, p. 81)

tem caráter ficcional porque todo o real é imaginário, próximo ao pensamento de Maurice Halbwachs (1990: 181) ao se referir à surdez de Beethoven, “...esse mundo de pleno objetos, mais real do que o mundo real, que ele explorou, [...]”. Aqui, o sociólogo coloca para dentro da cabeça o que se encontraria também fora, porque tanto o dentro quanto o fora resultam do imaginário social, do dizer e do fazer de uma coletividade em seu processo de auto instituir-se. Dizer que nossas narrativas são ficcionais não é dizer que foram inventadas (falsas), ao contrário, todas elas (transcritas) passaram pelo aval dos colaboradores. Cada linha escrita de suas falas foi apresentada para que dessem a autorização final, essa postura justifica chamá-los de colaborador e não de simples entrevistado passivo frente ao conhecimento do “especialista”.

Ao reunir neste projeto sete pessoas vindas do Acre para Porto Velho não nos salvamos com relação à chamada delimitação do tema, pois mesmo vindos todos do mesmo Estado, o que temos são atitudes, gostos, vivências com traços e tonalidades diferenciadas. Para cada uma delas faz-se necessário um tratamento específico e essa complexidade é o que notamos ao desdobrar nossas narrativas. Que semelhanças têm entre o **no meio da mata** de Sebastião e o **dentro da mata** de Aldenor? Para certo olhar, a palavra **mata** manifesta-se de maneira igual para ambos; já Godelier vê que “Um meio tem sempre dimensões imaginárias” (Godelier, Apud CARVALHO, 1981: 55). Consequentemente há duas **matas** aí envolvidas, não só a mata em si, visto que toda natureza já traz a presença de determinada linguagem, de uma experiência instituída, naturata. Isto se dá segundo Merleau-Ponty (1999: 257) porque a “simples presença de um ser vivo já transforma o mundo físico, [...] dá aos estímulos um sentido que eles não tinham”. A não existência de sentido é devido ao fato de o mundo não ser natural como nosso olho apresenta, mas que nosso olhar, pela imaginação, desmente.

A nossa metodologia se aproxima da fenomenologia de Bachelard, tendo como ressalva que seu interesse é analisar imagens a partir de um tipo psicanálise e, que nós procuramos compreender apenas vivência, experiência, conflito a partir de nossas observações. Um outro método se faz necessário para que os textos dos colaboradores fluam, e que possamos realizar o desdobramento em liberdade, essa postura é a sedução, a qual Baudrillard (2001: 29) esclarece quando diz que,

A lei da sedução é primeiro a de uma troca ritual ininterrupta, de um lance maior onde os jogos nunca são feitos, de quem seduz e de quem é seduzido e, em virtude disso, a linha divisória que definiria a vitória de um e a derrota de outro é ilegível – e não há outro limite para esse desafio ao outro de ser ainda mais seduzido ou de amar mais do que eu amo senão a morte.

Essa troca ritual ininterrupta é o que caracteriza todo o nosso trabalho, desde o primeiro momento até nosso texto final. Não há um único momento em que a troca não é buscada, em que nossa observação não seja a fonte do resultado desdobrado e um momento passageiro diante do narrar do outro. O prazer da sedução/desdobramentos, em Baudrillard, é esse momento que não cessa nunca, sempre pronto para dizer algo mais, em que para ele, o gozo é o contrário da sedução (*se-ducere*, desvio, desdobramento) pois esta coloca o mundo para vibrar, o gozo tentaria mascarar a fruição de outras leituras, o imaginário como texto, e o texto como imaginário. Nesse sentido, todo imaginário torna-se uma espécie de realidade prazerosa e criativa, que acrescenta ao real. Para Silva “o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois (no qual se pode interferir em maior ou menor grau)” (Silva, 2003: 9). Essa partilha é um jogo de apostas arbitrárias, aventureiro, mais sedutor que o sentido de alguma causa em questão. Nossos narradores são instituídos e instituintes de imaginários, e as nossas narrativas são conteúdos desse inapreensível campo semântico nos quais há encontros e desencontros.

A migração dos sentidos é esse migrar de percepção entre nós e os colaboradores em diálogo, em que a apreensão do real reveste-se de uma dimensão social.

2.3 – A ENTREVISTA

A entrevista não é só o momento em que gravamos a fala, ela é a consequência de um trajeto, que envolve, principalmente, conversas aleatórias sem pretensão, apenas a de desenvolver um tema. Não direcionamos nossos colaboradores para falar sobre o motivo da vinda do Acre para Rondônia. O que dava início ao diálogo era a questão: *fale de sua experiência de vida...* e nunca *conte sua História de vida, de como veio para Rondônia*, por acreditar que a palavra História, tem um direcionamento não só temporal como também de conhecimento e assunto, logo, tocar nessa palavra é direcionar a fala do outro. Caldas (1998: 39) aponta que

O sujeito da minha atenção não está em mim; ele, nosso diálogo, se opõe a mim em sua existência autônoma, e o meu melhor interesse não consiste em **apropriá-lo**, mas em deixá-lo afirmar todas as suas redes vivenciais, todas as suas determinações, caminhos e tecidos particulares, todas as suas diferenças, mentiras, verdades, ilusões, devaneios.

Nisso, Caldas amplia a concepção de Meihy que ainda está na fase de perguntas e respostas preocupado com o assunto da pesquisa.

A vinda dos narradores do Acre a Rondônia é citada, espontaneamente, por vontade dos próprios narradores, isso não significa que pretendemos usar a imparcialidade, pelo contrário, todo o resultado do trabalho é envolvido a partir de um diálogo. Halbwachs (1990: 36-37) retira qualquer possibilidade de imparcialidade até a um homem “isolado” num quarto sem a presença de outra pessoa: “lá não estive só senão na aparência, [...] em nenhum instante deixou de estar confinado dentro de alguma sociedade”. Isto basta para dar fim a qualquer tentativa de imparcialidade em pesquisas científicas. Não temos a ingenuidade de “Escolher a não intervenção, com a preocupação de recusar toda limitação imposta à liberdade do leitor, seria esquecer que, o que quer que se faça, toda leitura já está, senão obrigada, pelo menos orientada por esquemas interpretativos” (Bourdieu, 1999: 712). Ou seja, toda a análise científica é por princípio uma posição subjetiva diante das coisas, mesmo quando o pesquisador acha que é objetivo. O ato de entrevistar é para nós um ato de envoltura, porém, esse envolvimento é o momento em que o colaborador narra sua experiência sem interrupção ou indução no falar²⁵. É seu momento, e não há perguntas que o possa desviar de sua temporalidade.

Para Montenegro (1994: 151-152), a entrevista é direcionada para a temática do pesquisador, e não para o interlocutor quando discorre que

Toda entrevista tem sempre como objetivo algum aspecto do passado que se deseja resgatar. Após o entrevistado narrar a história da sua vida a partir da infância, o entrevistador poderá usar algumas expressões como: ‘e a política, e as greves, e as doenças, e o carnaval, e a Segunda Guerra, e a revolução de 1930, 1932, ou 1924?’. Nesses casos, estamos supondo que a entrevista está sendo realizada com velhos ou velhas. Esses são alguns exemplos de como voltar a temas pelos quais o entrevistador tem interesse, e que na história de vida do entrevistado não foram abordados ou foram apenas de maneira superficial.

Claro que para Montenegro como para nós algo a ser revelado nas falas, mas a diferença entre a nossa postura e a postura dele é que ele procura através do direcionamento com perguntas pré-formuladas, submeter o entrevistado ao tema. Claro também, que o autor não usa a dogmática, podendo variar conforme o entrevistado, mas sempre o que está no guia da entrevista é o questionário pré-estabelecido. Porém, nós apesar de querermos entender a imagem de destino e origem, de certa forma, direcionamos ou influenciamos a fala do

²⁵ Sobre a noção de *cápsula narrativa*, voltar à nota 14, desta dissertação.

narrador, pois a própria *presença* do pesquisador frente ao colaborador já indica inferência, mas esta é amenizada pela cápsula narrativa, ou seja, o entrevistado conta e começa sua entrevista por onde deseja.

Este ato livre de falar é o que Caldas (1998: 39-40) chama de *origem voluntária*, que é uma escolha do colaborador por onde quer começar sua narrativa, não tendo qualquer intenção de instigá-lo a iniciar por uma pergunta pré-estabelecida. Ao levar o interlocutor a falar do ponto que quiser, sem perguntas ou interferência, tem-se, então, um bloco narrativo específico e único de cada narrador, o qual se dá o nome de *cápsula narrativa*. Esta noção tem estrutura única, uma temporalidade própria sintetizada por cada interlocutor.

Observa-se, quanto a isto, um nascimento diferenciado: a experiência de trabalhar na agricultura marca para Aldenor, o saber histórico para Glória, a beira do rio para Vaneudes, a adolescência para Rosângela, a infância para Shirley, a vida no sítio com a família para Lucia e o interior para Sebastião, marcam o eixo inicial de gostos e sentidos desses narradores. Somente Shirley teve a infância como referencia imediata. Os restantes deram início ao narrar por outro viés que não o do nascimento, marcando o poder que tiveram frente à escolha por onde começar sua narrativa.

Não os deixamos falar para “descobrir” o que queremos, nada aqui é latente, no sentido adrede de esconder alguma coisa, mas para que tal diálogo possa ser o mais próximo do sentido dado por eles mesmo, a partir de seus interesses peculiares. Mesmo nessa liberdade, Meihy (1990: 26) diz que “De qualquer forma, estava claro que lidávamos com as ‘visões oficiais’, com o ‘retrato permitido’ da história pessoal. Não buscávamos o lado oculto ou “não heróico” dos depoentes, mas sim evidenciar a imagem que cada um gostaria de deixar de si mesmo para seus leitores.”. Toda fala é uma fala permitida, é uma versão, a verdade não entra como parâmetro de compreensão porque a mesma se torna ponto de vista também.

O ritmo de entrevista que praticamos não deixa em suspenso as perguntas para que o entrevistado possa dizer aquilo que o pesquisador sempre quis que dissesse. Nesse caso, usa-se a não-diretiva para melhor satisfazer a descoberta dos problemas levantados pela pesquisa, geralmente, deixando em segundo plano a pessoa entrevistada. Guy Michelat (Apud THIOLLENT, 1987: 207) mostra que essa postura não-diretiva apresenta certa diretividade, porque “De fato, a pesquisa por entrevistas não-diretivas é justamente destinada a suscitar e alimentar as hipóteses”. Percebe-se claramente que a não-diretividade aqui é para se descobrir algo para além do que muitas vezes a fala do outro não comenta e serve para preencher as hipóteses da pesquisa em questão. Toda a fala do narrador nos importa, e não procuramos

nada que esteja por trás do narrar que possa preencher o vazio hipotético de nossa pesquisa. Deste modo, acreditamos assim que não existe nada por baixo ou por cima da fala dos textos.

Ecléa Bosi (1998:37) ao procurar centrar todo o seu esforço na pessoa e não num saber oficial, colocando em xeque toda uma concepção tradicional que valoriza a verdade a partir de fonte oficial, diz que:

Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial.

Bosi desmistifica a crença numa verdade única dos fatos. Tudo passa a ser ponto de vista, a entrevista se torna essa grande ficcionalidade, além do maniqueísmo (verdade/falsidade); a fala do outro, colaborador, não serve mais para preencher vazios temáticos, mas para gerar compreensões do mesmo.

Bosi, em *Memória e Sociedade*, instaura um procedimento fabuloso, com esta pesquisadora as entrevistas entram não recortadas, em migalhas, mas em totalidade como eixo imaginário do pesquisador/pesquisado. Trilhando por esse viés, Meihy em *Canto de Morte Kaiowá* confirma essa postura para dar a dignidade que faltava ao falar do outro.

A maneira como os narradores iniciam sua narrativa é de muito interesse para nós. Por isso é que não se pergunta *por que você migrou do Acre para Rondônia*, a palavra *migrou* indicaria uma relação imediata com o espaço/tempo de cada pessoa, direcionando sua liberdade de escolha, ou seja, controlaria a liberdade durante os relatos de suas experiências de vida. Começar uma entrevista com uma pergunta fechada é perder substancialmente a espontaneidade no relato inicial de suas experiências durante um diálogo. Optamos, então, pela pergunta, *Conte sua experiência de vida*. A pessoa começa por onde acha que deve iniciar e da sua maneira aborda o assunto que pretende, tendo sua temporalidade respeitada, desta maneira, o interesse da pesquisa é voltado para o colaborador. Desaparece nessa postura a idéia de objeto, pesquisador e colaborador são participantes de um processo no qual ambos estão envolvidos desde o princípio. Não entendemos entrevista ao modo de Thompson (1998: 271) que afirma: “Uma entrevista *não* é um diálogo, ou conversa. Tudo o que interessa é fazer o informante falar”. Poderíamos acrescentar: falar o que o entrevistador quer ouvir, planejado antecipadamente. Não vemos, nas pessoas entrevistadas informantes, um depósito de informação onde estaria a memória aguardando alguém para colocá-la para fora. Pelo

contrário o que temos são pessoas com um envolvimento do começo ao fim sempre em colaboração.

Não nos abstermos de fazer perguntas, mas estas estão subordinadas no diálogo a partir da fala do outro. Perguntamos para compreender a fala e para que os próprios narradores possam esclarecer pontos não compreendidos por nós durante a conversa, não infiltramos pergunta diretiva no meio da conversa do narrador. A maneira não-diretiva foi levada por nós às últimas consequências, não para dizer o que os outros são, pretensão positivista, mas somente para deixá-los dizer de uma maneira única, pretensão da imaginação. Quiçá esta postura venha no mesmo sentido dado por Berger e Luckmann (1987: 47) quando afirmam que “Na situação face a face o outro é plenamente real”.

2.4 – A TRANSCRIÇÃO

Meihy (1991: 29) se referindo ao projeto Kaiowá começa dizendo que “Qualquer processo de transcrição de fitas é complexo e exaustivo” (p.29). É complexo porque envolve a passagem do oral ao escrito, duas instâncias radicalmente diferentes. Ao transcrever o material do gravador damos início ao ato de fidelidade ao que foi dito. Fazendo essa ressalva, podemos fazer nossas as palavras de Meihy (1991: 30) que entende o “transcrever a passagem fiel do que foi dito para a grafia,”. Procuramos transcrever o que conseguíssemos ouvir das fitas, lapsos, vazios, risos etc., enfim, toda uma situação possível de escrever, tendo em vista que a passagem do oral para o escrito na íntegra é impossível. Bosi (1990: 26) endossa essa impossibilidade ao dizer que “Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências”. É sabido que o gravador não pode captar toda a atmosfera de uma entrevista, nem mesmo uma câmera filmadora o faz também; com a transcrição não é diferente. Precisa-se de outros meios mais sensíveis para se compreender uma fala; os vazios, lapsos, paradas de voz e gestos não podem ser transcritos. O que chamamos de fidelidade é apenas respeito para o que foi dito, não estando o oral por inteiro no transcrito.

Escutamos e lemos várias vezes as narrativas isoladas dos narradores; procurando uma musicalidade, isto é, o ritmo de conversa de cada colaborador. Como cada interlocutor é para nós radicalmente diferente do outro, cada pessoa apresenta um tom diferente. Para Meihy (1991: 30) a *musicalidade* é dada por palavras-chave, germinada por cada narrador. Para nós, não é a palavra-chave em si que determina o ritmo, mas nossa postura como primeiro leitor que já conhece, por experiência, o ritmo e entonação de voz de nosso colaborador, fazendo

com que a palavra-chave entre em evidência; só reconhecendo isto, se pode dizer que a palavra-chave é importante num dado contexto.

As perguntas que fizemos durante a entrevista foram sempre norteadas pelo diálogo com o nosso interlocutor. E o que se perguntou para os narradores durante as entrevistas é transcrito fielmente para o papel, aguardando o momento denominado por Meihy de *textualização* para que sejam diluídas entre as outras palavras narradas pelos colaboradores para “possibilitar textos mais agradáveis” (Meihy, 1991: 30). Esse caráter “mais agradável” só é possível se compreendermos que o escrito não é reflexo do oral, muito menos cópia. Baudrillard (2001: 77-78) nos alerta ainda, “Qualquer teoria do reflexo é pobre e principalmente a idéia de que a sedução embasar-se-ia na atração pelo mesmo, numa exaltação mimética da própria imagem ou na miragem ideal da semelhança”. Se optarmos pela idéia de reflexo o texto torna-se um código, uma regra, e mesmo assim possível de ser modificado. Além disso, o escrito é dimensão de quem fala, é um direito instituído, modificações em sua estrutura são para dar conta das temporalidades, espaços, experiências, vivências que travam diálogo com o leitor que interage o tempo todo no processo.

2.5 – A TEXTUALIZAÇÃO

É um procedimento de melhoramento do texto, não só para ser lido, mas para que o interlocutor apareça da maneira que ele deseja aparecer. Nesse processo, as perguntas do pesquisador são incorporadas ao do colaborador para que sua fala se sobressaia ao do pesquisador. Nesse sentido, o **entrevistador** se inclui dialogicamente. Como enfatiza Caldas (1998:41), o pesquisador “não some por imperiosidade das modas do presente, mas por, naquele momento de inclusão, fazer parte constitutiva do diálogo, da estrutura narrativa”. O texto, então, textualização é o resultado não de técnicas de redação, mas de garantia da dialogicidade entre pesquisador e colaborador.

Meihy (1991: 30-31), quando cita a técnica de Gabriel Garcia Marques e Roland Barthes, pretende demonstrar a ficcionalidade deste tipo de história oral. O autor discorre que, “O fazer do novo texto permite que se pense a entrevista como algo ficcional e, sem constrangimento, se aceita esta condição no lugar de uma cientificidade que seria ainda mais postiça” (Meihy, 1991: 31). É por isto, que a história oral idealizada por ele é tão mal entendida. Não é por acaso que é na epistemologia da geografia, e não na da história, que ela está sendo aplicada sem tamanho constrangimento: a geografia tendeu a se modificar e o espaço não é mais o físico apenas, e sim o social que é processo vivo.

Para Caldas (1998: 41) “A ‘reestruturação requerida para o texto escrito’ não é exigida pela mudança de código (oral-escrito ou de qualquer outro tipo de transcrição de códigos; não estamos numa ‘operação semântica’, mas num processo intermitente de busca do outro”. O leitor é ativo e recria outro diálogo a partir do referente que é a fala do narrador. É pensando nesse sentido de recomençar, de recriar, de tornar outro o texto que juntos fizeram, no diálogo entre o pesquisador e o colaborador, que Meihy (1991: 27) pensou em algo que desse conta dessa atmosfera de ficcionalidade.

2.6 – O PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO

A noção de *transcrição* é tomado também de Meihy em *Canto de Morte Kaiowá*, quando pretende dar legitimidade ao texto dos narradores frente a uma suposta cientificidade. Este novo texto permite e, “valoriza-se a narrativa enquanto um elemento comunicativo preñado de sugestões” (Meihy, 1991: 31). Todo o texto desde o uso do gravador até a textura final passa por uma transformação, em que esse ajeitar textual não apague a marca do narrador, mas que permita sua existência mesmo com a modificação. Na verdade as narrativas dos colaboradores são modificadas, segundo Meihy (1991: 31-32) a partir de uma certa *teatralidade*, conceito extraído de Barthes, que o utiliza para dar ao documento um sentido ficcional, e por esta característica o autor toma dimensão de transcrição, isto é, permanece o sentido da fala do narrador fruto, não gratuito, mas de diálogo.

A estrutura do texto transcrita é modificada como vimos acima. Acrescenta-se e retira-se palavra, corta-se frase, recriando-as dentro de uma possível aura (Benjamin, 1994a: 101) que possa ter existido nos encontros anteriores. Estas atitudes não são isoladas, mas precisam passar pelo reconhecimento dos colaboradores que, “Desde o ato da gravação dos depoimentos, a honestidade de propósitos deve-se impor, garantindo ao narrador a certeza de que ele verá o texto final, autorizando-o ou não” (Meihy, 1991: 31).

Gabriel García Márquez (1997: 05), explicando como montou a narrativa do marinheiro Luís Alexandre Velasco, nos dá pista sobre como entendemos o processo transcriativo. O autor informa que “Em 20 sessões de seis horas diárias, durante as quais eu tomava notas e fazia perguntas traiçoeiras para detectar suas contradições, conseguimos reconstruir o relato compacto e verídico de seus dez dias no mar”. É óbvio que Márquez sabia que a narrativa do marinheiro era uma versão, uma criação literária que tinha muito dele próprio, e nesta constatação não cabe se interrogar a veracidade. No nosso caso, o gravador foi nosso guia, não inventamos o que as pessoas falaram, apenas modificamos (processo

transcriativo) a estrutura para tornar o texto agradável para ser lido, mas sempre considerando as idéias, sendo fiel a elas e levando em conta as palavras do próprio narrador. Com Márquez (1997: 05) a transcrição (mesmo que ele não tenha usado este termo) foi levada às últimas conseqüências, o falar do marinheiro tornou-se para ele “...tão minucioso e apaixonante, que meu único problema literário seria conseguir que o leitor acreditasse nele”. E realmente basta ler a narrativa do marinheiro que temos a impressão que foi dito daquela forma para o escritor. E fica claro pelo esclarecimento do próprio Márquez que toda a entrevista foi um recontar literário do jornalista, não foi dito daquela maneira pelo marinheiro, mas traduzidas para que a atmosfera da conversa entre os dois, Márquez e o Marinheiro, ficasse clara ao leitor a aura do encontro.

Portanto, a transcrição é mais que um modo de fazer um novo texto, é recriação viva, fundamento da própria realidade, passagem para outra dimensão do real, este sendo recontado fora de uma naturalização que não deixe uma porta aberta para outras interpretações. O leitor, portanto, pode ser envolvido num mar de significações criado, não isoladamente, mas tendo como parâmetro o texto transcrito junto ao colaborador. Ele pode visualizar simultaneamente o texto aprovado pelo colaborador e o texto comentado pelo pesquisador antes e depois dos textos prontos, para que o resultado final seja justificado como “processo colaborativo”. O diálogo pelo diálogo é o que caracteriza um texto visto desta forma, porque através dele as diferenças individuais são expressas.

2.7 – DESDOBRAMENTO: A INTERPRETAÇÃO

O desdobramento torna-se a maneira de se interpretar e ver o mundo. Não é uma técnica que tenha acanhamento quanto ao real objetificado ou as realidades que compõem o mercado; é um ver e tocar (contra) as coisas, pois os lugares tornam-se movediços porque o desdobramento os torna flexíveis.

O desdobramento ou interpretação é nosso momento como leitor ativo diante da visão de mundo de nossos interlocutores, não é o momento em que entregamos “pronto” o resultado da pesquisa. Ele não tem caráter de conclusão, menos ainda de entregar o outro para ser explicado, nem “eles foram assim”, ou de procurar afirmar que “o lugar deles é deste jeito apenas”. Longe disto e perto de sua temporalidade, experiência e conflitos mostram como nós o vemos, como é que ele aparece para nós. Esse desdobrar é a maneira passageira como nosso olhar toca os sentidos expressos pelos narradores, e eles, porém, como singularidades vivas

jamais poderão ser tocados objetivamente por qualquer projeto de pesquisa, a não ser como virtualidades de pesquisa.

Desdobrar é também ver um texto não como simples documento, objetificado, fechado, mas como ficcionalidades cheias de significações quando podemos dar nossa contribuição sem o medo de estarmos delatando uma idéia ou uma palavra e estas são sempre menos que as experiências vivenciadas intimamente por cada narrador. Um texto de narrativas é sempre menos que a vida levada por nossos colaboradores no dia a dia. A partir dos textos transcritos, as vivências tendem a fluir para a compreensão de uma parte dessa migração de sentidos, e para os lugares que os interlocutores desejam como singularidades, e não como lugares objetificado. Os lugares não são alheios ao modo de produção dominante, mas mesmo assim, possuem suas singularidades e consecutivamente os indivíduos também passam a expressar individualidades diferenciadas.

O desdobramento só é possível por causa do imaginário. Como esclarece Bachelard (2001b: 01), “Graças ao *imaginário*, a imaginação é essencialmente *aberta*, evasiva”. Os textos de nossos narradores são aberturas porque são ficcionalidades vivas, possibilitando tantas maneiras diferenciadas de compreensões para além delas mesmas.

É através desse diálogo, em abertura, que buscamos as experiências do outro para que possamos compreendê-lo num sentido mais humano. Não vemos nossos narradores como simples migrantes. Queremos abrangê-los em suas ficcionalidades, cada colaborador do projeto é uma ficcionalidade diferente. Deste modo observamos que a **mata** falada por Aldenor, **A mata é fresquinha, a gente anda dentro da mata o dia todo cortando seringa... 5 horas da manhã a gente entrava na mata, nem a onça mete medo não**, não é sentida por Shirley da mesma maneira: **era só mato pra nós... uma tristeza!** (21)

Estamos com duas pessoas que nasceram no mesmo estado, mas podemos afirmar que sentem e convivem com atitudes, radicalmente, estranhas uma da outra, nos fazendo compreender melhor os conceitos como acreano, nacionalidade, origem, trabalho, ribeirão, cultura amazônica como o que explicaria uma possível linhagem entre eles. O que há para se dizer é essa complexidade de experiências contraditórias, é procurar colocar tudo em movimento/desdobrado para que eles possam ser assimilados como humanos e não como objetos de cunho explicativos de conceitos rígidos.

Não há aqui um desdobrar definitivo, o que procuramos, não é um fio de Ariadne (medo de perder-se), mas adentrar nesse labirinto de palavras e com eles emergir. Para isto, é preciso estar pronto para não ser salvo, e entender como Juremir Machado da Silva (2003: 73-74), que “Compreender é sempre incerto, impreciso, arriscado, mas necessário. A explicação

tende para a precisão (ou está errada), embora tente se apresentar como sempre necessária”.. Optemos pela compreensão, pois esta é mais livre e deixa a rigidez da explicação em segundo plano.

As narrativas são ficcionalidades porque todo ato social é simbólico, ato num labirinto de sentidos e idéias, seguro, apenas por momento, posto que, logo, pode ser confrontada com outras maneiras de interpretação. O nosso capítulo IV é esse passeio pelo bosque da ficção das narrativas.

O método que norteia nosso trajeto é o que procura enfrentar diretamente na bacia semântica do outro, muitas vezes na contramão das verdades de acostamento e das certezas de retrovisor. Procura, com isto, o pesquisador, fazer parte do imaginário repisado. Não há o que descobrir nos textos porque nós estamos inseridos no processo de pesquisa onde sujeito/objeto não estão separados, mas presos um no outro, onde separá-los seria se enganar de uma maneira positiva. Michael Löwy (2000: 17) nos mostra três maneiras desse possível engano positivista, a de que a sociedade tem leis rigidamente mensuráveis, logo pode ser comparável ao meio biológico ou físico, e por último, que tais leis são causais.

As conseqüências a partir dos pressupostos dessas leis são castradoras. A primeira, imprime uma dogmática que põe no mesmo plano os homens e os átomos, isto é, o mundo físico, se tem leis invariáveis, isto deve ser aplicado também humano. É a vida social vista como harmonia natural. A próxima maneira, expressa o entendimento de que a sociedade pode e deve ser estudada pelos métodos e processos utilizados pelas disciplinas físicas. O último engano positivista, diz respeito às ciências da sociedade, em que, assim como na ciência da natureza, o cientista social deveria limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre, etc.

Preferimos nos colocar o mais perto possível do outro para poder compreendê-lo dentro desse mistério que é a comunicação (num sentido amplo). O que temos em mente é uma tentativa metodológica de “ [...] captar a poesia existencial para expressá-la sob a forma de prosa do conhecimento: a verossimilhança é o seu mal: a verdade, a sua perdição” (Silva, 2003: 81). Desdobrar é sentir uma espécie de vazio diante do outro, em um processo em que perdemos o quanto sabemos para poder ganhar o que o outro sabe. Nesse jogo de esconde-esconde, de saber e não-saber está o prazer da fruição e o prazer do desdobramento na linguagem. Sentir a materialidade das palavras é sentir a possibilidade dos sentidos irem para muitas compreensões diferenciadas. Assim como nesta imagem expressa por Aldenor: **Nós vivia muito bem;** ele expressa-se como se procurasse ouvir que se transpassasse para o mundo em que ele viveu, mas um mundo de possibilidade, de abertura. A questão temporal é

abolida aqui. Não há passado ou presente enquanto categorias fechadas em si. O **muito bem** pode ser para cada leitor, diferente; pode ter uma relação econômica para um, e conotação psicológica para outro e assim por diante. Um dos nossos papéis aqui é justamente comentar em diálogo, para que possa haver trocas e acréscimos de significados. No fundo, desdobrar é entender o texto num sentido de hipertexto no qual “Não há inconsciente, nem metafísica, nem psicologia” (Baudrillard, 2001: 84), e por não ter nada é que se pode ter tudo. Desdobrar (*se-ducere*) é desviar a razão.

Como já salientamos, o tema migração está subordinado, assim como deve estar também a nossa teoria metodológica, ao falar do outro, à sua maneira de entender o mundo em que foi protagonista. E os lugares e seus sentidos como os *interesses*, as imagens da mata, dos rios, dos sonhos, do pai, do trabalho tão recorrente nas falas de nossos colaboradores, nos remetem não para um caminho fechado, mas para variadas significâncias. O tema essencial, é o conjunto de imagens narradas, os seus sentidos, o que eles procuram expressar enquanto significantes, mas estes mesmos significantes são confrontados por uma escolha em diálogo com os textos narrados e, a partir de uma migração de sentidos entre nós e os narradores, formam o que chamamos de interpretação.

CAPÍTULO III

3 – NARRATIVAS

3.1 – SEBASTIÃO ALVES DE OLIVEIRA

Eu gosto muito mais da vida no interior do que da cidade... (1) No meio da mata, seringueiro velho, né? (2) macaco velho! (3) Você no interior o que você planta você colhe... se você passa fome é porque é preguiçoso (4), o homem que gosta de trabalhar não passa fome no interior (5)... Digo mesmo, nunca passei fome, nunca! Nas regiões de seringal, próximo a Sena Madureira, com seis anos de idade eu comecei trabalhar na seringa, meu pai abriu um lote, nós acompanhando ele, ensinando a raspar, sangrar, entigelar e todos com ele pra aprender, dizia: “vou fazer pra vocês amanhã ou depois não serem nenhum vagabundo preguiçoso” (6)... ele cansou de falar isso pra nós... eu vou falar: não tem nenhum de nós... somos três irmãos legítimos, três homens! não tem um que seja preguiçoso, até hoje meu irmão mais velho é seringueiro, o meu irmão mais novo é carpinteiro profissional, eu mexia com esse negócio de pintura... hoje não posso né? que esse problema desse negócio dessa maldita hérnia...

Se eu fosse escolher eu preferia o interior (7)... se trabalha mais, em compensação vale a pena... trabalhei muito tempo nesse negócio de fazenda, como peão, seis anos em duas fazendas... uma foi a Tupã, mexia com derrubadas, na primeira derrubada, na abertura, lá não tinha nada, não tinha casa, nada! Parei de trabalhar nas fazendas quando tava com vinte e três anos, quando noivei com a minha primeira mulher... tudo lá... No dia do meu casamento, cheguei a pensar em não casar (8)... devido que assim... achava que não ia dar certo (9)... no dia lá no cartório queria desistir... fiquei indeciso, mas depois pensei é uma covardia fazer isso com ela, já tava grávida com dois meses... Antigamente o homem honrava o nome dele de homem!(10) Pra pedir uma filha em casamento, assim... digamos... vamos supor... um cidadão que engravidasse uma moça ele honrava o nome dele de homem... a minha era de família, a família dela era meia rica, a irmã dela mais velha era diretora da universidade lá em Rio Branco...

Então eu fiquei assim... olhei... eram dez casamentos ao mesmo tempo, e o meu era o último, deu tempo de pensar ainda, pra ver as coisas como é que é: faltando uma base de uns quinze dias pro casamento fui bater uma peladinha descalço na frente, assim... numa areiazinha, tinha uma ponta de vidro e eu não vi... fui tocar pra fazer o gol, né? no que chutei a bola, o vidro pegou bem aqui!... rapaz eu fiz o gol ainda, sentei na beira da cerca, assim... o

sangue foi descendo... Meus cunhados: "Vamos pro hospital", eu disse: "Que nada de hospital rapaz", aí eu atravessei a rua, tinha um boteco na frente e perguntei: "Seu Leu, tem cachaça aí?", ele: "tem!", eu falei: "o senhor arranja um copo pra mim, o dinheiro não tenho, vê se o senhor pode arrumar um pra mim?". Ele cortou um limão, espremi no copo de cachaça tomei metade, a outra lavei o pé, estanca na hora o sangue... aí que entrei pra dentro de casa... Quando a velha minha sogra viu aquilo quase teve um troço: "menino tu cortou o dedo?" "não foi nada!" Na verdade o corte foi grande, pegou de um ponto do dedo até em cima e doeu muito... Tudo bem... Tomei um banho, fui no hospital, pontearam, fizeram curativo, disseram: "segunda feira você vai lá no posto pra você tomar uma injeção contra tétano... Fui lá e tomei a injeção..."

Para completar, tinha uma bicicleta de corrida que ela só tinha freio dianteiro, e na Cândido Peixoto sobe uma ladeirona, a danada pegou muita velocidade, quando tentei frear não pegou, quebrou, aí eu perdi a direção, vinha têi, têi, têi... acabou tudo! Lá volta novamente pro hospital, lavar aquilo ali com água oxigenada, aquele iodo... É até difícil esse negócio de iodo né? Hoje é só mercúrio, mas antigamente era só iodo mesmo! Menino, aquilo ali meu Deus do céu! quase choro de dor... Aí peguei a bicicleta saí empurrando...

Bem, tudo isso aconteceu antes do casamento... pra ver só: trabalhava num carro, trabalhei nele seis meses pra juntar dinheiro pro meu casamento, juntei naquele tempo 100 cruzeiros, só trabalhando no carro... então, deu pra comprar meu terno, sapato novo, camisa, calça, blusa, tudo... A velha comprou lá um vestido pra filha dela, sapato, tudo novo... Fomos todo mundo no cartório... Nisso é que pensei na minha indecisão que comentei, se casava ou não. Sentamos os três juntos, eu no meio, a Antonieta do meu lado e a velha do outro lado, né? Na hora chegou o juiz e perguntou: "Sebastião Alves de Oliveira, você aceita Antonieta em casamento?" Aliás, primeiramente perguntou pra ela que disse "aceito"... Chegou minha vez, então eu fiquei, assim... pensando... olhei pra velha meio assim... aí que me doeu a consciência pois tava decidido a não aceitar... Como já falei, repito era covardia minha, pensei: "eu nasci homem, então, vou provar que eu não sou nenhum bandido, sou um homem, meu pai não fez isso! também não vou fazer não, se der certo bem, se não de certo tudo bem também" Assim vi e aceitei...

O problema também era que não tinham as alianças... não tinha comprado... Aliança não é problema não, eu digo não é problema! O problema é o seguinte: aliança não resolve problemas nenhum, o que resolve o casamento é a união dos dois, os dois se respeitarem, porque se os dois não se respeitam não existe casamento, né?...

Com ou sem aliança vimos pra casa ajeitar o negócio do almoço... A velha tinha uma casa de alvenaria no fundo do terreno e uma casa de madeira na frente pra aluguel, ela falou: “Sebastião, essa metade dessa casa aqui tu pode ficar morando até acabar mais o inverno e tu ir pra tua colônia”... Porque antes já tinha tirado uma colônia pra mim com o projeto Redenção em Rio Branco, uns noventa km antes de chegar, e também queria ir porque já tinha tido uma rixa com o padrasto de minha ex-mulher... pois quis dar uma facçãozada nele, não dei por causa da velha que se meteu no meio... Ele era metido a bonzão e ainda veio me dar um tapa, por pouco não aconteceu nada. Existe um ditado que diz “quem casa quer casa”... por isso fomos para a colônia...

O mês de maio o inverno como se sabe, nessa estrada aqui na Br, antigamente, nem sapo passava (11)... quem vinha de Rio Branco pra Rondônia passava de mês pra chegar aqui (12). Tudo bem, lembro como se fosse hoje, pelo mês de maio tive uma conversa com o João Cardoso, que era caminhoneiro e fazia frete pra Colorado... Eu me encontrei com ele e perguntei: “quando é que tu vai lá pra Colorado?” ele: “rapaz, vou no dia quatro, o caminhão vai vazio”, então disse: “dá pra tu levar uma mudança pra mim”, ele: “claro!”. No outro dia pus minha mudança no caminhão e fomos embora...

Para iniciar a plantação na colônia, comecei apanhando tudo de fruta que encontrava, um pé de manga, um pé de laranja, um negócio assim... eu pegava logo botava num saco aquela terra preta e ia deixar lá... Levei trinta e seis pés de fruteiras, já tudo grandinho assim (13)... Saí dia quatro, fui chegar na casa do tio da minha ex-mulher que já morava lá próximo, dia cinco, de pé, andei uma base duns doze a onze km (14)... No caminho tinha dois caminhões tomba não tomba, atolados, faltando dois quilômetros pra chegar onde eu ia ficar, né? Nesse dia, onde a gente estava, anoiteceu, tinha perto um barzinho, o cara lá muito amigo também, disse: “rapaz tem muita gente aqui eu vou fazer uma festa” (15). Foi lá na casa da vizinha pegou aquele toca disco rouxinol, encapado com plástico, antigo pra caramba! (16) Arranjou pilha, bem o que eu sei dali... Minha mulher dormiu... Negócio da palavra... Passei a noite todinha dançando... Ela era meio ciumenta, mas não tava do meu lado, né? O interessante é que todo mundo tava de sandália, ou melhor, uma sandália para três dançar... quando um largava o outro calçava, assim... Também era só uma blusa... Éramos três, eu e dois motoristas e as mulheres das colônias que apareceram (17)...

Dançamos, a cachaça rolando (18)... Aí quando amanheceu o dia, o caminhão lá atolado, mandaram chamar o trator que tava lá por perto pra vim desatolar o caminhão pra poder a gente ir... Eu disse comigo: “quer saber de uma coisa, vou tocar estirão, não vou ficar aqui, vou de pé”. Fui lá no caminhão, abri a lona e peguei a minha espingarda novinha, lá

mesmo testei numa lata, fatal! Peguei uma muda de roupa pra mim outra pra ela e se mandamos de pé... Rapaz, ela reclamava que só! Acostumada a andar de carro, foi casar com um pé rapado, né? Lá na frente comprei uma conserva, meti farinha d'água, aquela nossa mesmo, que a gente conhece lá, da boa! Abri a lata de conserva, tinha um plástico, misturei dentro do plástico e comemos na beira da estrada! (19) Tinha um garapé e fomos até a beira, tomamos água e fomos andar... Quando foi no meio dia eu cheguei na casa do tio dela (de pe!), tomemos banho, a tia dela fez o almoço, almoçamos, ela foi dormir...

Eu fiquei na beira da estrada... uma ressaca doida! Passei a noite todinha sem dormir, e ainda andar 12km de pé! Mas chegemos... meus olhos chega queimavam! Uma base de três horas o caminhão finalmente chegou... Descarreguei todinho, tomei outro banho, jantemos, já era cedo da noite... Todo mundo sabe que na colônia, cedo já tá tudo escuro! (20) Além disso, não tinha ninguém lá, havia tudo bruto (21). Não podia ficar já na minha colônia, ficamos na do meu tio. Quando foi quatro horas da manhã levantemos, tinha mais 12km de rumo alto, pra ir até Célia pra poder receber minha colônia! Fui lá, conversei com o Baiano, que queria me empurrar para a parte mais central, lá pra dentro, né? Eu disse: “Não! Na beira da estrada tem duas colônias lá desocupadas, e eu quero aquelas colônias subindo a ladeira” Essa colônia lá, tinha sido largada por três caras que pegaram, roçaram, derrubaram, e não queimaram foram embora! Tudo por causa dum formigueiro na base, assim duns quarenta metros (22)...

Olhe só! Vinhemos, quando foi umas nove horas da manhã, nós já tava de volta no barraco, né? Cheguei, tomei um banho, fiz uma farofa de ovo, comi, peguei uma foice, calcei uma bota e me mandei pra o tabocal (23). Quando cheguei lá, tava a touceirona ali, menino tava fechado de formigão! Desci o pau sozinho! Amolei minha foice com lima, as formigas ferravam minhas pernas que o sangue escorria. Dizia: “Daqui eu não saio, cheguei aqui e aqui vou ficar!” Dentro de uma semana, tava com a minha casa (armada!) armada e coberta, faltava só fechar (24)... Trabalhei sozinho, o tio da minha mulher só me ajudou a carregar os estes e linhas, eram grossos não dava pra mim carregar sozinho e suspender. O resto fiz sozinho... Minha mulher me ajudou a cobrir, dando as palhas de aricuri. Era difícil! Misturei palha de aricuri com açazeiro, jarina, misturei tudo no meio, só sei que cobri! Ai tudo bem...

Em uma semana ela adoeceu... Pegou malária, fomos pra Rio Branco, fiz o exame que acusou duas cruz... “Você vai ficar ai com sua mãe, e só vai pra lá quando você sarar!”. Como falei, ela tava grávida, esperando... Não ia levar ela, arriscar a vida da criança e a vida dela, né? Tudo bem... Voltei pra casa e desci o pau novamente! Quando ela sarou da malária que voltou, a casa tava toda fechada, dividida já com um pedaço bem grande, assim... roça já tudo grande, na base duns cem copos de roça já plantado, tudo grandinho. Tinha levado um copo

de feijão-de-corda, esse feijão branquinho já tava tudo crescido. Ela ficou admirada, me chamava de ‘fi’: “Fi, você fez todinho sozinho?” O pessoal passava na beira da estrada, seis horas às vezes, eu tava agarrado: “Mais você é doido? Trabalhando uma hora dessas!”.

Doido não! Eu não podia pagar um ajudante, enquanto Deus me der a força, luz do sol, eu estou trabalhando... Dentro de três anos, tinha na base de meia tarefa de cana, tudo já pendurada... Meus vizinhos iam lá tirar cana, né? Moiam lá, tirava uma garapa tomava... Eu tinha uma tarefa e meia de roça no ponto de arrancar pra fazer farinha... Uma tarefa é cinquenta por sessenta, parece... Tinha meio alqueire de pasto formado, só de branquiado, tudo isso consegui em apenas três anos. Tava também, com outra casa toda de madeira, eu mesmo fiz sozinho, coberta de cavaco, assoalho de talba, puxadinho de talba, foi a primeira casa que eu fiz de pluma. A primeira casa ficou sendo o paiou...

Para mim poder moer, torrar, usava os instrumentos de meu compadre, mas tudo era de meia. Nunca me faltou nada, nunca! Pra falar a verdade, no final de semana quando eu casei, tinha 100 reais, comprei tudo em grosso: uma saca de 30kg de açúcar, fardo de café, macarrão, de bombril; uma saca de sal, duas caixas de óleo, de sabão... Tudo pra levar pra lá, quando veio acabar eu já tinha dinheiro pra repor novamente aquela mercadoria que eu tinha comprado. Nunca me faltou nada!

Nisso, abri um lote grande: era 40 equitares, 42 equitares, tinha 92 seringueiras, cortava duas vezes por semana, no sábado não, no domingo o marreteiro passava na camionete... Às vezes vendia ali 20kg, 45kg de borracha... aquilo servia pra mim comprar o leite da Fabiana...

Morar no que é dos outros, mesmo sendo de parentes, nunca é melhor do que você morar no que é seu mesmo! Você pagando aluguel é muito melhor! Moro com minha mãe de criação, tia e mãe de criação... porque quando o meu pai e mãe morreram, fiquei órfão de pai e de mãe desde a idade de nove anos... Esse meu tio que falei, foi me buscar lá no seringal. De onde nós morávamos até Xapuri, davam três dias de viagem a pé, então, saí e vim pra colônia dele... A minha infância não foi nada fácil! Depois que meus pais morreram, minha vida virou um inferno! Essa minha tia era muito ruim. Passei fome porque quando ela saía não deixava nada para mim comer. Lembro que ela tinha uma vendazinha feita de tabuleiro, e eu com fome, via as pessoas comprando e com vergonha não pedia (25). Isso era só comigo, porque com os filhos dela não era assim. Tinha que passar às vezes o dia fora de casa... A gente perder pai e mãe é horrível! Mesmo assim aprendi tudo que meu pai disse, e acho que me tornei um homem de verdade!...

Praticamente não vivia esse tempo todinho com ele, né? Vivia de casa em casa... Morei uns tempos com eles, depois passei pra casa dos irmãos dele na colônia, onde passei nove meses... de lá me tirou, voltei pra colônia dele e fui pra casa do ex prefeito de Xapuri, Jorge Chico; nisso passou três anos... Saí de lá e fui pra Presidente Novo, passei uns tempos e com 17 anos tomava de conta de uma fazenda...

Depois disso tudo vim para Porto Velho. Depois de minha separação, né? Tinha outra colônia lá no ramal 9 de junho... O negócio desandou pro meu lado: vendi o meu carrinho, meu lanche, fiquei só com uma colônia... Foi quando me encontrei com um tio que foi por Rio Branco, e encontrou comigo e disse: “Rapaz, vamos pra Porto Velho, tá bom o garimpo, dando ouro!”. Eu tinha trabalhado no garimpo aqui, no Ibaúba em 83, então, aceitei o convite, peguei, vendi minha colônia lá por mixaria, a segunda colônia, me mandei pra cá! Chegou aqui tava nesse negócio de garimpo... Garimpo porra nenhuma, tava era com nada! Trabalhei em 83 manualmente, trabalhei, e faturei 35 cruzeiros dentro de quatro dias! Voltei pra Rio Branco...

Quando larguei de minha segunda esposa, Antonieta, que fui pra o garimpo, a coisa já tava mau, ou seja, tive que fazer outro negócio. Montei um carro de cachorro quente; antes, trabalhei ali na obra da Unir, que nesse tempo estava em construção. Trabalhei fazendo aquele bosque em volta ali, trabalhei ali! Roçava, tirava aquele mato menor, deixava só aquelas arvores maior, deixava limpo mesmo! Todo mundo tava parado aqui em casa: meu tio, cunhado, arrastei todo mundo pra lá, “vamos todo mundo trabalhar!”. Quando terminou o serviço, peguei e comprei um carrinho de cachorro-quente, botei lá na praça Marechal Rondon...

Vendi a minha terra lá e vim pra esse negócio de garimpo, cheguei aqui quebrei a cara! Não voltei mais... tá com quatorze ou quinze anos que eu estou aqui... Daí fiquei sem dinheiro, não tenho nada que reclamar daqui... Não é porque não estou bem de vida, porque não soube aproveitar o dinheiro que ganhei... Porque nesse carrinho que eu tinha, andava com dinheiro nos quatro bolsos da minha calça! Dinheiro, não era mixaria não! Cansei de pagar grade de cerveja quando saía, assim... no domingo: Eu, Divino e Ricardo... O Ricardo é um irmão meu de criação, chegava pra mim: “Sebastião, nós vamos te ajudar hoje pra ti levar a gente lá pra Rosa dos Ventos”. Este lugar é onde hoje é o Grêmio.

Ajudavam, quando era na base dez e meia da noite quando não tinha mais nada, tinha vendido 200 Cachorro quente, durante o sábado e domingo, fora as latas de refrigerantes, que nesse tempo, não tinha esse negócio de suco de laranja, só era coca-cola... Aí tudo bem, tinha a chave do estacionamento, onde é o Banespa tem um estacionamento... Pegava o carrinho e

guardava lá, trancava na corrente, e botava as coisas tudinho no depósito e trancava, e se mandava pra lá... Eu saía na frente, eles saíam atrás pra mim não ser assaltado, porque já tinha sido roubado duas vezes! Chegava lá eu dizia: “Escolham as mulheres que vocês querem!”. Sentava na mesa, pedia uma cerveja... Daí a pouco eles chegavam dizendo: “Arrumemos”... Dava o dinheiro delas, eles saíam depois vinham, eu já tava com duas do lado, eu dizia: “vocês vão ficar aí que eu vou fazer a minha festa agora!”...

Dinheiro no bolso não faltava de jeito nenhum... Olha, dia de sexta feira, sábado a partir de dez e meia da noite, se você quisesse nos achar podia ir no Paiol, ali na Almirante Barroso. Hoje acabou. Ali, tinha o garçom que já me conhecia tanto que ele já deixava a mesa reservada, assim... bem do lado da mureta baixinha, né? Reservado, chegava 10:30 da noite e não precisava nem abrir a porta, sentava na minha mesa, ele já vinha com um pedacinho de costela, montila, e uma antártica que era a cerveja que eu tomava... Às vezes pintava alguma piabinha, ficava por ali... duas horas da manhã pegava um táxi e me mandava, batia em casa...

O que eu quero agora primeiramente e como falei, talvez vou viajar agora, fevereiro ou maio pra Goiânia. Meu menino precisa fazer essa operação e vou aproveitar pra ver se eu faço essa minha operação também. Quando chegar, conforme tudo dar certo, vou dar um jeito de ajeitar o meu carrinho novamente... Já tão tudo encaminhado: lanche, batata frita, banana frita, pastel quente feito na hora!

Casar nem pensar! Alugar um quartinho pra mim tocar o resto da minha vida sozinho mesmo! Mulher pode pintar, mais só quebra galho, casar mesmo não quero mais não... não tenho mais cabeça.... Já tô com 44, vou fazer 45 anos... já pensei bastante... já perdi muita coisa por causa de mulher: separação, doença, tudo! Hoje se não fosse essa a minha primeira separação estaria bem de vida... se não fosse minha separação! Essa doença, né? Então hoje seria o quê? Seria um fazendeiro, quantas cabeça de gado eu não tinha!

Tenho muita vontade de voltar pro Acre, mas eu ir lá, vim de lá quebrado e voltar pra lá pior que eu vim, não volto! Ficar por aqui mesmo, eu sou assim... Faz 14 anos que eu não vou na minha cidade, Xapuri, né? Não nasci bem em Xapuri, mas fui registrado lá, porque eu sou nascido perto de Sena Madureira, no interior do seringal...

3.2 – ALDENOR MARTINS DA SILVEIRA

Comecei a trabalhar na agricultura (1)... Trabalhava com meu pai... Nós tinha muita fartura! Muita fartura mesmo, né? Porque meu pai era homem muito trabalhador e botou nós tudo pra trabalhar (2). Nós vivia muito bem (3)... foi o tempo que começou a guerra mundial que houve...

Depois fui trabalhar como soldado da borracha... Trabalhei muitos anos da guerra cortando seringa... Pra mim um bom trabalho, o melhor trabalho que achei durante a minha vida foi cortar seringa (4)... fazer borracha... fazer muita borracha! Fui muito seringueiro! Achei muito bom esse trabalho, me trouxe um benefício muito grande agora pra minha idade, pra velhice, que eu me aposentei como soldado da borracha e recebo dois salários; isso ajuda porque hoje eu já estou velho, não posso mais trabalhar em serviço pesado, tô com 75 anos de idade, esses dois salários me ajuda muito nas despesas (5)...

Corto algum cabelinho ainda... Depois que eu larguei a seringa, que vim pra Rio Branco, montei um salão, fui trabalhar de cabeleireiro, barbeiro (6)... Naquele tempo era barbeiro, né? Trabalhei muito, tinha uma boa freguesia e tô com 40 anos que trabalho nessa profissão e como soldado da borracha eu trabalhei 17 anos, no seringal Novo Olinda no rio Acre.

Tinha muita gente trabalhando na mesma colocação de seringa. Trabalhava dois, três seringueiros na mesma colocação... O seringal no todo tinha mais de 200 homens cortando seringa, né? Então, trabalhei 17 anos, inclusive na época da guerra, larguei tudo e vim embora pra cidade... vim porque eu perdi a mulher com quem me casei...fiquei desgostoso... morreu de parto... Vinhemos tudo embora do seringal Pontiguá em Sena Madureia: meus irmãos, meu pai, tudo pra capital Rio Branco. Montei o salão, como eu disse, e comecei a trabalhar... Fiz uma boa freguesia, ganhei bastante! Dava pra sustenta a família, criei meus filhos... tenho dois filhos formado uma filha formada e um filho, as outras duas não são: a Silvana tem curso de professora, e a outra não pode estudar porque ela é deficiente estudou só um pouco...

Vim embora pra Porto Velho e aqui eu me dei... no início não gostei muito daqui... depois me acostumei aqui, acho bom... não tenho vontade de voltar... porque tem uma diferença muito grande... Você vendendo duas casas aqui, talvez não compre uma lá... esse é o motivo de eu não voltar pra lá... Por isso me acomodei aqui... é tudo uma coisa só, não tem diferença, tanto faz aqui ou em Rio Branco é tudo uma coisa só! (7)

Me casei, estou com 40 anos de casado com essa minha esposa aqui a Vaneudes... aliás, me dei muito bem, ela é uma boa esposa, uma boa dona de casa, uma boa mãe de

família, né? Estou muito feliz apesar de ter perdido a minha primeira esposa... Mulher muito trabalhadora, me ajudava muito, mas consegui casar com essa e me dei muito bem...

Comecei mesmo trabalhando na lavoura, depois é que fui cortar seringa como soldado da borracha... Desde pequeno, 5 anos de idade que comecei trabalhar na lavoura... (8) Já ajudava, pegava um bocadinho de milho, quebrava, levava pra dar às galinhas... debulhava... cortava a macaxeira pra dar pros porcos... isso com 5 anos! Nos 7, comecei a trabalhar mesmo! Pegava era em tudo, né? (9) Meu pai botava nós pra trabalhar com a enxada, ele quando o sol estava muito quente dizia: “Vai lá pra sombra”... ele ficava na enxada... Era muito trabalhador aquele homem! Dizia: “o sol está muito quente, vamos passar um pedacinho lá na sombra”... Aí nós ia pra sombra, passava um pedaço, ele dizia: “agora vem de novo”... Pegava de novo...

Lá era uma relação muito boa (10)... Meu pai era um homem que ele trabalhava, cuidava da casa muito bem e tratava minha mãe muito bem... e nunca vi meu pai dizer que a minha mãe era ao menos feia! Nunca vi uma discussão deles, entendeu? Conto isso e também nunca vi um de nós dizer uma mau criação pra ele, pro meu pai ou minha mãe... Fui criado num tempo que a lei era dura! (11) Os pais criavam os filhos com muita rigidez mesmo! Eles criavam com ordem, muita ordem... Era difícil ele bater em nós, dava ordem, conselho e raiava com a gente... de certo nós respeitava mesmo ele... naquele tempo respeitava pai e mãe, né? (12)

Então, eu vivia uma vida muito boa (13)... Minha mãe teve 9 filhos, mas nunca meu pai triscou nela, nem falou com ela aborrecido, nunca vi! Ela era uma mulher muito trabalhadora, zelosa em casa, cuidava dos filhos muito bem e de certo, o meu pai não tinha o que falar, e ela não tinha o que falar dele porque ele só vivia pro trabalho... Ela já tinha era pena dele, dizia: “Homem venha mais cedo pra almoçar, você vem muito tarde!” E todo mundo acompanhava ele no trabalho, todo mundo, do pequeno ao maior...

Nós tinha fartura mesmo, era de 1000 porcos aí no campo, tinha gado, coalhada, galinha ninguém contava, tinha muito mais de 1000 cabeça de galinha botando ovos... era assim... então, a gente vivia numa vida... Comia o que queria, o que a gente queria comer escolhia, porque se ele dizia: “hoje eu vou matar paca”: pegava os cachorros, saía, dava um pedaço... lá vinha... Eu ia também mais ele. Chegava lá botava o cachorro, de vez em quando matava duas pacas e vinha embora, né? Se queria comer porquinho comia, o cachorro acuava porco a gente matava, se queria comer Veado, Nambu, Jacu, Cujubim e Mutum que é um pássaro grande assim...

O mais saboroso que eu achava era o jacu e a nambu-galinha. O Jacu não é muito grande, é assim do tamanho de uma galinha, mas o bicho é gostoso! Agora o mutum não é muito gostoso não, porque ele é uma carne vermelha, salgada, grosseira, é um pássaro grande do tamanho de um pato grande ou maior...

As lembranças de meu pai e mãe são boas (14)... Porque pode ter homem igual a meu pai, mas mais responsável pela família que ele não tem não! Eu sei que não tem, que meu pai é um homem que trabalhava na risca, cuidava dos filhos, botava ordem em nós e também ele trabalhava todos os dias... Trabalhava e não andava em casa de ninguém! (15) Se o cara precisasse dele, tava ruim, doente, ele ia lá ajudava... à toa? Ele ir assim na casa, pra bater papo? ele não ia não, não ia na casa de ninguém! Mas se viesse na casa dele, recebia, mas não ia na casa de ninguém... Tinha amigos, todo mundo era amigo dele, se dava com todo mundo, era compadre... mas aquele negócio de ir na casa, não! Não gostava, gostava de tá em casa, chegava do trabalho ficava em casa, era assim...

Sou do mesmo jeito, do mesmo jeitinho dele! (16)... Passei quase vinte anos em Rio Branco morando com vizinho e nunca fui na casa dele... E ele me gabava, botava lá nas alturas... Uma vez eu tava passando, ele tava tomando uma cervejinha me chamou pra informar aos amigos dele: “esse aqui é o homem de mais moral que tem aqui nesse bairro, eu moro aqui, ele é meu vizinho, mas esse aqui é um homem de moral, tem moral mesmo!”, ele se chamava Getúlio. Cansou de dizer: “olhe, esse aqui é Seu Aldenor, é um homem de moral e ninguém bate a moral dele!”, me gabando e botando nas alturas, e sabe por que? eu não ia na casa dele, nunca fui, mas eu tratava ele bem e pra fim ainda fui uma vez que ele tava doente... uma necessidade mesmo!... Fui lá pra ver como é que ele tava, se precisava de alguma coisa... Mas não ando na casa de ninguém, não ando na casa de vizinho, meus vizinhos tudo é bom, não tenho queixa de ninguém de nenhum vizinho, mas não vou na casa deles... sou do mesmo jeitinho do meu pai...

Meu pai trabalhou muitos anos de seringueiro, mas largou a seringa, ficou trabalhando só na agricultura... Era bom seringueiro, deixou, e ficou trabalhando só com gado e porco e galinha... Vendia feijão, 4,5 tonelada de feijão, vendia aqui e aculá, guardava o feijão, empalhava tudo... Quando um patrão daqueles precisava: “Jose Martins tu tem feijão? Me vende 500 Kg de feijão.” O arroz, feijão ficavam de um ano pro outro... A gente tinha uma fartura imensa!...

Então surgiu esse negócio da borracha, de repente modificou tudo... quem não quisesse ficar cortando seringa ia pra guerra... O pessoal da comissão Federal ia de seringal em seringal notificando todo rapaz que tinha idade de servi... Eu e meus irmãos estávamos na

idade, eles diziam: “Bem, vocês escolhem se quer ficar como soldado da borracha ou que ir pra guerra, se não quiser ficar como soldado da borracha vai pra guerra!” Diziam assim mesmo, ir pra guerra era obrigado... a gente escolheu todo mundo ficar como soldado da borracha... É mais agradável do que ir pra guerra, pegar em armas e traçar tiros lá com os estranhos, né? Foi uma boa ter ficado...

Como seringueiro fui campeão 6 anos seguidos... Só depois que eu casei é que outros passaram na minha frente, três caras passaram na minha frente... Na produção de borracha eu era campeão, bom seringueiro mesmo! Para ser bom seringueiro tinha que ter uma base de 1.500Kg de borracha pelo verão, e o bom seringueiro produzia... A gente ganhava prêmios: espingardas nova, sapato pra o premiado e o segundo lugar.

Durante esse tempo me casei e fui botar roçado: fiz casa de farinha, engenhoca pra fazer rapadura, plantei canavial, bananal, abacate e tudo que era coisa eu plantei na colocação de seringa, né? Fiz uma mangazinha, assim: botava porco pra engordar na manga de cerca assim... A gente chamava manga a um cercado aonde se colocava os porcos ali dentro; a casa em cima pra eles dormirem num lugar enxuto quando tá chovendo e, eles ficam ali dentro, bota água lá à-vontade...

Tinha aí três caras que passaram na minha frente e foram campeão... Vieram cortar cabelo comigo, era seringueiro mas cortava cabelo nas horas de folga, aprendi lá no seringal com meu irmão que era barbeiro, mas ele não cobrava nada; eu também não cobrava... Esses três caras foram lá comigo, os que passaram na minha frente... Chegaram olharam tudo que eu tinha e disseram: “Olha! o campeão ainda é você, você é o campeão da borracha, isso aqui tudo foi você que faz?” Disse: “Eu mesmo que faço tudo isso...” Ai eles disseram: “Pois nós só tem lá a casa e nenhum pé de planta não temos pé de milho, não temos nada!” [risos]. Dá até vontade de rir... eles viram fartura danada: banana, mamão, não tinha quem desse volta, por isso que disseram “você é o campeão”; saíram foram lá na margem do rio, o seringal era na margem do rio, foram na casa do patrão. Chegaram lá disseram: “olhe, continua o Aldenor sendo o campeão, porque nos fomos cortar cabelo na casa dele e o que ele tem produzido vale a metade de um fardo de seringa, ele trabalha mesmo!” Ai o patrão disse: “não! sei que o Aldenor continua sendo o maior seringueiro daqui, porque ele chega bem pertinho de vocês e tem de tudo, que eu já passei lá”

Me dava bem com o dono do seringal, me dava demais, ele se chamava Francisco Martins, era o meu tio, e o outro era Otavio Martins todos os dois meus tios eram irmãos do papai... Nós não precisávamos de cortar seringa, não precisávamos, fomos por causa do soldado da borracha, achei bom... Papai vendeu o gado todinho e fomos pra seringa...

O que mais me atraía em cortar borracha é que o seringueiro se empolgava de fazer mais borracha (17)... Então eu me empolgava com aquilo, ficava muito alegre, muito animado (18) e também pela caça... eu escolhia o que eu queria comer: uma paca, um tatu, um veado, um porquinho ou peixe pegado na hora... Tinha um garapé perto num instante pegava peixe pra comer (19)... Então tudo isso me empolgava e eu tinha muito prazer (20)... Foi um trabalho que eu tive muito prazer em trabalhar... Achava muito bom mesmo trabalhar de seringa, de cortar seringa! É muito agradável, achava muito bom mesmo! A mata é fresquinha, a gente anda dentro da mata o dia todo cortando seringa (21)... 5 horas da manhã a gente entrava na mata, nem a onça mete medo não, tem muita onça mas ela tem medo da gente, ela não encosta na gente não... matei uma porção delas, e nunca elas botaram em mim mesmo... Agora a cobra eu tinha medo, cobra é sutil, né? Fica por ali... a pessoa vai passando... pá! Pega, né? Mas eu tinha muito cuidado, no seringal a gente roça bem roçadinho a entrada e os pés da seringueira pra evitar cobras...

Muitas vezes eu chegava assim... via a cobra lá dentro da mata, matava ela logo, cobra venenosa... Uma vez eu passei por cima duma Pico de Jaca, que é a cobra mais venenosa da nossa região! Muito mais que a jararaca que é um pouco menor, um metro e meio, já a Pico de Jaca não, ela chega a medir mais de 18 palmos da mão de um homem... Ela vai como daqui lá na parede... tem a cabeça chata, é chamada assim devido que todo o corpo dela é coberto com aquele pico que tem a jaca. Eu vinha passando quando uma nambu voou... Eu disse “Vou matar aquela nambu”... A espingarda já na mão, cortei a seringueira, sai entre uma e outra seringueira... Quando cheguei olhando pra vê se via a nambu, olhei e vi ela lá dentro do mato... já querendo voar... agüentei “pá!”, matei a Nambu... Nesse dia, meu irmão estava cortando numa estrada encostada a minha, escutou o tiro... a cobra pulou pra cima que quase bate na minha cara, dando um bote, deu um bote mais errou! Era uma Pico de Jaca que era um monstro! Tava atravessada no meio do caminho, eu olhando pra frente não tinha visto... Deu um pinote! Ela veio e pulou, não me pegou... Pulou assim com a cabeça pro lado, pra trás assim... ainda bateu em mim, eu pulei lá fora... Só fiz meter outro cartucho na espingarda “pá!”, na cabeça dela! Meu irmão gritou de lá: “é os porquinhos que tu encontrou?”, Dei uma risada... ele pensava que eram os porcos: “tu atirou pra todo lado!”, disse depois que mostrei a nambu e a Pico de Jaca, ele disse: “mais rapaz tu escapou!”.

Era difícil alguém ser picado por cobra... O seringueiro quando era picado escapava porque tinha o remédio próprio pra isso... Mesmo se ele tivesse deixado em casa, dava tempo a gente chegar, né? Vinha devagar e ao cegar, tava ficando meio ruim aí tomava: pronto, ficava bonzinho! Mas é perigoso, se não tiver o contra veneno morre mesmo...

Como disse, ir pra Rio Branco é cada vez mais difícil devido que, em Rio Branco uma casa dessa aqui igual a minha vale uns 60 mil reais, de 60 a 70 uma casa como essa, aqui eu não acho quem dê mais do que 10 mil... Bem aí nessa esquina, a Dona Mara vendeu, mas passou foi tempo pelejando pra vender, que ela queria ir pra Manaus, e é uma casa melhor do que essa aqui, maior e murada, toda murada, numa esquina de comercio na frente, é aqui bem pertinho, primeira rua... Ela vendeu por 9 mil reais, pra ir embora pra Manaus, pois a família dela tava chamando pra viver lá...

Bem, conheci minha primeira esposa em Sena Madureira: é porque trabalhava lá dentro do seringal, e fim de ano eu vinha pra cidade... O seringal era longe, dava dois dias de viagem de barco pra lá... Assim que conheci ela, começamos a namorar e casei logo... foi rapidinho o casamento, questão de dias... uns 15 dias do dia que eu vi ela. Perguntei se ela queria casar comigo e Lea disse que queria, então eu disse: “Vamos casar agora!”. Iam casar um bocado de conhecido meu, bem uns 3 ou 4, tava já marcado pra casarem, o juiz me conhecia e disse: “rapaz, se tu quiser casar eu faço o teu casamento, já vai casar bem uns 4, vou fazer o casamento, aproveita então o embalo também”. Eu concordei, e disse que ia falar com ela, se ela quisesse a gente casava... Falei com ela: “olha se tu quiser casar nós casa, vai ter casamento, nós aproveita e casa no mesmo embalo”, ela disse: “mas não! Não dá porque eu não tenho roupa pronta”. Eu disse: “você quer casar comigo, não quer?”. Ela: “quero!”, “então pronto, deixe comigo!”. Mandeí fazer o enxoval dela, tirar a medida dela todinha, testou, tava beleza! No dia do casamento se casamos... eram 5 com o meu...

Fomos viver... Ela era muito trabalhadora, muito zelosa, voltamos pro seringal... Eu morava longe da margem, numa distância de umas 12 horas... Tinha que ir num varador até chegar num barracão perto do rio... Tiremos em dois dias por causa dela... Era acostumado a tirar num dia, ainda chagava cedo... Saía de lá e chegava no barracão 4 horas... Mas eu andava demais nesse tempo, era novo... Ela não era acostumada a andar ficou bamba, bamba mesmo! Eu disse: “vamos ficar aqui no meio da viagem, fiquei e me hospedei lá... tinha a casa do seringueiro, os seringueiros eram mesmo que irmãos uns com os outros... Dormi na casa de um seringueiro, de manhã nós pegamos o caminho, chegamos em casa ela tava meio baqueada... Andamos 6 horas num dia e 6 no outro, ela disse: “não agüento mais!”...

Com essa esposa, eu tive 3 filhos mas morreram todos os três... não sobreviveram nenhum... Ela podia ter filhos mas tinha uns partos muito ruins e as crianças já nasciam passada a hora de nascer, já nascia morta... Do quarto filho ela morreu: fui eu o culpado, devia ter lavado ela pra Sena Madureira... lá tinha médico, tinha tudo! Ela disse: “vamos embora pro seringal, fico mesmo no seringal não tem nada não”. Fui lá com um tal de mestre Jorge, que

sabia de tudo, né? Comentei se o parto dela ia ser bom ou ruim, porque se fosse ruim eu ia levar pra Sena Madureira, mas disse assim: “não, pode ficar sem cuidado, ela vai ter um parto bom!”. A mulher fez foi morrer de parto, né? morreu sem ter a criança, passou da hora... Não teve ajuda nenhuma!

A parteira que fazia o parto tinha mudado, era uma parteira lá do Ceará, era boa a parteira! Pegava filho de prefeito, de tudo lá no Ceará... Pegou muito, muito menino... Os primeiros partos quem fez foi essa parteira, mas aí no quarto ela não tava, né? Ela mudou pra outro seringal...

Pois aí, esse pajé velho disse que ela ia ter um parto bom... Confie nele e pronto! Dava pra mim ter levado ela pra Sena Madureira, tinha dinheiro e dava muito bem pra me deixar ela lá com dinheiro e tudo... descansar, tinha médico, tinha tudo, né? Fazia uma cesariana... se não desse pra criança nascer eles faziam cesariana: fiquei com desgosto dela ter morrido à mingua: tendo recurso pra tratar... não resolveu nada o dinheiro que deixava na casa de saldo!

O tempo em que eu mais ganhei dinheiro foi na seringal... cheguei a ter naquele tempo contos de réis, era réis: cheguei a ter 30 contos de réis! Dava pra comprar se quisesse: uma boiada todinha, dava pra comprar uma rua de casa porque valia uma casa 2000 mil réis... hé, hé, hé... dava pra comprar muitas casas!

Depois que ela morreu adoeci também, gastei muito! Acho que foi devido a morte dela... quase morro! Gastei, gastei, quando vim pra cidade já tinha gasto mais da metade do dinheiro... Cheguei na cidade sem emprego, só gastando, gastando... Quando tava pra terminar meu dinheiro foi que achei um ponto... O cara vendia com tudo: cadeira, tesoura, tudo prontinho, lá no centro de Rio Branco. Falei: “quanto você quer no ponto?”, ele: “quero 9 mil, 9 mil contos de réis como tudo”, eu digo: “taqui o dinheiro!”. Mandeí ele fazer um recibo de compra... fui trabalhar... não faltava mais dinheiro... Aí deu uma freguesia rápida, isso foi na década de 1956-57...

Deu pra recuperar: comprei casa boa, eduquei meus filhos... Foi melhor em Rio Branco do que no mato, devido um ditado que diz o povo: “quem faz careira no mato é veado”. E na cidade os homens se aperfeiçoam, se forma e são autoridade. É na cidade, não é lá dentro da mata... lá ninguém cresce... Era bom porque a gente pobre que não tem educação: comer, beber, comia bem e tal, saúde tinha boa... mas no fim da vida, se tivesse ficado lá no seringal não ia me aposentar, ficava por lá, morria, ficava velho e não tinha aposentadoria... e assim, aproveitei o trabalho, pois trabalhei na época da guerra e, aproveitei, peguei dois salários, a maioria das pessoas se aposentam com um salário só...

O caso foi que não tinha a documentação do seringal, mas tinha tudo na cabeça... Fiz um relatório tirado da cabeça e bati todinho e levei pra lá: a vida todinha, o ano que eu comecei, foi justamente na época do soldado da borracha... Ai fiz um relatório com o nome do patrão, o do seringal, o rio e levei lá, ele disse: “você já ta aposentado! Pegou lá do cartório o relatório feito direitinho... Dentro de cinquenta dias chegou a carta dizendo que eu tava aposentado, que receberia no banco Itaú... Fui lá e tava o dinheiro...

Esse meu vizinho tem até advogado orientando e até agora nada saiu... Nem sempre a formação resolve certas coisas... O filho dele é da PM, conseguiu esse advogado e nada, já ta com mais de 2 anos...

Bem, o rádio, no tempo do seringal, era o nosso único meio de escutar notícias... Jogo de futebol, toda a vida gostei de jogo de futebol... A gente tava caçula quando o patrão botava o rádio pra funcionar... Ficava no barracão... Ai o patrão que tinha rádio pegava o jogo, novela... Lembro de uma novela que passava... agorinha tava me lembrando da novela, esqueci... Lá pra época de 40... Todo dia passava novela... Quando eu tava no barracão às vezes passava um, dois, três dias... E enquanto eu tava lá dentro do barracão escutava novela, né? Pela televisão é melhor que pelo rádio porque a gente está vendo todinho... No rádio era bom porque a gente assistia entedia também, só não via a imagem... mas a fala era bem clara, conseguia acompanhar todinho direitinho...

As notícias da guerra eram dadas: o bombardeio, o governo falava... Só nunca escutei a voz de Getúlio Vargas... Era difícil ele falar no rádio... Nunca escutei ele falar... Getúlio Vargas era e foi um presidente que até hoje não apareceu outro igual. Foi um presidente exemplar, trabalhou sério, era um homem sério e foi ele que criou as leis trabalhistas todinhas... Todas essas leis que arrumaram pro trabalhador foi ele quem criou: Getúlio Vargas. O que eu canso d dizer porque não sou político, voto e tal, mas não sou político... O único presidente que veio e imitou esse presidente é o que temos aí: Fernando Henrique. Este imitou porque Getúlio Vargas você passava de quatro a cinco anos sem subir nada... Não tinha aumento em nada, não tinha inflação de nada, veio é esse também e seguiu a inflação: sobe, mas é de coisinha, de pouquinho... Depois de Getúlio, todo presidente que entrava era infração em cima comendo, comendo, comendo tudo... Esse ai não, esse moralizou...

Já João Goulart, era mais equilibrado que Jânio Quadros que era um homem apavorado, não era pra ser presidente porque era apavorado, se metia até em briga de galo! ré, ré, ré... Tudo ele se metia, então por isso que tiraram ele: era muito complicado mesmo, falava do exército, aí o exercito cortou ele... Falou em dar as contas do exército... o exército chamou ele pra uma reunião e nessa reunião foi que saiu de lá, já foi renunciando o governo...

Collor de Melo disse que ia acabar com a inflação, pegou foi o dinheiro de todo mundo! Trancou, foi dando devagarzinho, até o meu dinheiro. Quando eu cheguei aqui queria comprar uma casa, pegou o meu dinheiro no ano em que eu vim pra Porto Velho, pois é, aí pegou o dinheiro todinho do povo disse que era pra acabar com a inflação e que nada, a inflação começou a subir, subia, subia no fim ele foi caçado. Esse não: agüentou, baixou a inflação, trancou as cadernetas de poupanças; porque a poupança é quem abre procedência a isso. Não deu muito certo no tempo de Sarney, você botava cem na caderneta de poupança no fim do mês você tirava duzentos reais; se botasse mil tirava dois mil. Era assim, então por isso que a inflação ficou 100% quando ele largou o governo...

Tem gente que ainda fala desse presidente. Ele controlou a inflação. Tem aposentado que não tem um pinto pra dar água e reclama, ganha dois salários igual eu. O problema é que quando recebe vai e joga no bicho, como é que o salário vai dar? De onde vem isso? Assim não dá!

Estou aqui em Porto Velho mas devido um problema com um filho meu, né? Ele trabalhava na polícia lá em Rio Branco, então tinha outro lá mais forte do que ele... Meu filho era policial civil e, o outro era coronel da PM que é o Delbrando, é muito famoso... Tá preso... Nesse tempo ele era só coronel da PM, ainda não era deputado. O meu menino prendeu uma carrada de droga... Pois esse Ildelbrando lutava com droga mesmo! Já foi provado... O pessoal dele vinha com uma carrada, o meu menino prendeu a droga e ele foi procurar um jeito de matar meu filho... Até que deu uma rajada de tiros, ele e mais dois pistoleiros, na tocaia... Ele foi passando e eles meteram chumbo, deram uns 50 tiros nele mais pegou 6 tiros... Foi pro hospital, e mesmo assim ele queria acabar de matar meu filho no hospital...

Levaram ele para um hospital particular, o Ponto Clínico. Ele foi operado e ficou bom, em 8 dias teve alta. Meu filho queria revanche com o Delbrando, porque meu filho é macho mesmo! Desses cabras macho! Falou bem assim: “Eu vou ficar aqui mesmo, vou topa com ele e vou meter bala naquele filho da puta!” Eu disse: “Meu filho, violência gera violência, vamos comigo, vamos embora daqui!” Peguei e tirei ele de lá... Tudo declarado pela polícia, acompanhando segurança federal o tempo todo até chegar aqui... Mesmo assim ele ainda botou um cara atrás pra matar meu filho, só não matou porque ele desconfiou do cara na parada de ônibus... o cara tava com um revólver só olhando pra ele... ele foi e bateu em cima do cara, voou em cima e tomou o revólver! Vinha pra matar ele, a mando do Delbrando... Foi quando resolvemos mandá-lo para o nordeste.

Não posso mais voltar pra Rio Branco porque meu filho não pode ir lá me visitar, aqui ele pode.

Atualmente nem sonhar eu tô conseguindo (22)... Antigamente sonhava muito (23)... Tinham uns sonhos que davam certo quando eu era novo... Por exemplo, quando sonhava matando uma caça, eu ia certinho, pegava uma espingarda e dizia vou já pegar uma caça, ia lá e matava mesmo! Era só eu sonhar aquele sonho: sonhava tirando um couro de um homem vivo, pendurava o cara; uma pessoa que eu tirasse o coró dele, já sabia que ia matar um veado, ou então um porquinho... Quando acordava do sonho assim... me dava pena de ta tirando o coró do cara, mas logo sabia que mataria um veado, que era só ir buscar... Esse sonho tem muito haver por causa que, o veado a gente tira o coró dele (24)...

Sonhava constantemente, aqui aculá dava certo, mas se acabou! Depois que eu saí da mata, pronto, acabou! Porque eu me esqueci... Acho que a gente fica bem lembrando nesse negócio da mata: caça isso, aquilo outro... Sonhava, né? Mas eu saí... Esqueci... Nunca mais sonhei...

3.3 – GLÓRIA DANTAS

Bom, é antes de mais nada um prazer que a gente tem um fio de história (1)... Como surgiu esse fio? Respaldo-me a minha resistência como mulher amazônica... Nasci no Acre, em 1953 e, por ironia das situações de doenças da minha mãe, tive que sair de Plácido de Castro... lutava contra uma malária em plena gravidez que a debilitou e não conseguia me ter... Nasci na maternidade Barba Deodoro, em Rio Branco... em circunstâncias muito difíceis ... e somente 24 horas após o parto conseguir chorar... Pesei 1,90 kg., coberta de uma massa amarela... O médico chegou a perguntar para minha mãe se ela me daria pra que ele estudasse a existência das crianças do Amazonas... e minha mãe respondeu que jamais me daria: primeiro, porque eu já era esperada, tinha dois irmãos homens e queiram que viesse uma menina...

Passei boa parte de minha vida em contato com a mata (2)... Meu pai foi seringueiro, agricultor... Logo viemos pra cidade, já tava com oito anos por aí... e essa lembrança lá da mata, a natureza (3)... meu pai... tenho muito em mim... Ele trabalhava muito... pra conseguir vê-lo tinha que acordar cedinho, às 3:00 horas da madrugada, ir lá pra cozinha onde ele fazia o café e ralava as espigas de milho (4)... Nesse momento assobiava, cantava e eu ficava sentadinha no banquinho ouvindo né? Quando percebia a minha presença mandava eu ir deitar, insistia pra ficar perto dele... Aprendi a assobiar aos cinco anos e hoje gosto muito disso... Ele não queria que mulheres assobiassem... “É muito feio mulher assobiar”, dizia pra mim...

Quando comecei a crescer ficava assobiando... brigava comigo... não queria de jeito nenhum... falava: “Mas papai, aprendi contigo...”, respondia “não é pra mulher assobiar”.

Não percebia as dificuldades, mas eram grandes... Teve várias situações: meu pai foi expulso das terras do seringal que trabalhava... As terras que trabalhava não eram do Brasil, sim da Bolívia... chamavam-se Purincham, fica no alto do Abunã, no rio Crucha... Lembro com clareza isso... já tava com cinco anos ou seis (5)... Chegou na beira do rio um batelão, com soldados da Bolívia armados com Carabinas, uma arma grande (6)... procurando meu pai que tinha acabado de chegar do roçado (6b)... Minha mãe nos segurou (7)... estava com medo (7b)... Perguntaram ao meu pai onde estava escondendo as borrachas, meu pai falou que não tinha, que não estava escondendo (8)... Chamaram-no pra olhar ao redor da casa, no mato, disseram que tinha que desocupar a casa no dia seguinte pois iam trazer o batelão pra levar o meu pai de volta, que tinha que ir embora (9)... Não pudemos ficar mais ali! Meu pai não

sabia o que fazer né? Disse a nós que tínhamos que arrumar as coisas, tudo pra de manhã cedo pegar o batelão pra ir embora (10)...

Só deu tempo pra gente arrumar as coisas assim, rápidas; galinhas, plantações ficaram tudo... Tudo que meus pais construíram mais meus irmãos ficou...

Éramos pequenos, mas ajudávamos muito em casa... Meus dois irmãos mais velhos eram os que mais ajudavam no corte da seringa e no roçado...

Tivemos que ir pra Plácido de Castro... Meu pai deixou tudo, inclusive, não teve lucro nenhum com o corte da seringa, ficou um ano cortando seringa nesse seringal... Antes, havia cortado seringa dez anos, mas não era nascida...

Daí pra cá, meu pai foi ser agricultor... tinha já uma terrinha em Plácido de Castro e, foi plantar; construiu uma casinha na cidade, mas adoeceu e tivemos que vir para Rio Branco porque ele tinha que fazer uma operação no baço e onde morávamos não tinha como operar... venderam tudo o que tínhamos e fomos embora...

O meu pai ficou internado uma porção de tempo no hospital, e minha mãe alugou uma casinha e ficamos morando... A economia que tínhamos foi acabando porque a gente tinha que comer, né? Até que minha mãe conseguiu um contrato pra trabalhar em Brasília... Mudamos mais uma vez! Não ficamos nessa cidade, fomos para um lugarejo chamado Uptaciolândia, atualmente acho que seja já um município...

Passemos um tempo aí, logo depois fomos pra a colônia... Minha mãe dava aulas na colônia à 1 hora de distância... era professora primária... Daí eu estava já entre 7, 8 anos, mas tive que esperar mais 1 ano, pra minhas irmãs ficarem com seis anos, pra poder ir pra escola... enquanto isso meu pai alfabetizou-me pela cartilha do ABC... Fazia assim: cortava um pedacinho de papel com um burquinho no meio e colocava em cima da letra e, se errasse pegava bolo, palmatória né? Isso também acontecia com a tabuada... Quando foi pra escola já conhecia o alfabeto e juntar as letras... A gente levava 1 hora pra chegar na escolinha de sapé...

Em Rio Branco, minha mãe alugou de novo uma casa e fomos morar de aluguel porque em Eptaciolândia morávamos na casa que alguém cedeu pra gente porque minha mãe era professora... era uma casa na beira da estrada...

Minha mãe conseguiu uma bolsa de estudo pra mim estudar no colégio das freiras, Instituto São José... Estava com 11 anos e cursando a 2ª série primária... Ela tinha conseguido esta bolsa com a Crizarubina que era uma das assistentes sociais do governo de Guiomar Santos. Aí comecei a minha vida de estudante propriamente dita... Era muito acanhada, não sabia como fazer, tudo era diferente de onde eu estudava... Foi um impacto muito grande...

tinha apenas 11 anos... Acordava cedo porque acompanhava meus irmãos que iam vender pão, deixavam-me no Instituto...

Esse tempo que eu fiquei no colégio das freiras passou rápido... e foi muito angustiante (11)... não era o meu habitat (12)... não era minha vida (12b)... Estudei numa escola de sapé né? Aí de repente vim pra uma escola assim... Tinha muita gente rica (13)... Passava vergonha porque a bolsa atrasava, passava seis meses atrasada... e as freiras ficavam cobrando... não me davam notas... E qualquer coisa que acontecia ficava de castigo.... não fazia nada... Também não era santa! Mas tudo caía em cima das mais pobres... Sofri muito! Fiquei insatisfeita...

Com os mais pobres elas eram rígidas: não podia entrar sem meias, o sapato tinha que está brilhando, etc. Exigiam muito de nós, e não era só eu a pobre... tinham outros garotos...

Com 17 anos resolvi saí daquela escola e ir pra escola pública, trabalhar porque meu pai tinha saído de casa e minha mãe estava doente mais meu avô... A angústia era muito grande... faltava muita coisa... Achei se saísse do colégio ajudaria... Fui procurar emprego nas lojas... Meu primeiro emprego foi nas lojas Pernambucanas... Comecei no setor de embrulho... trabalhava de dia, a noite estudava na escola Ética (Escola Técnica de Comercio Acreano)... Quando ia ao trabalho levava minha farda porque ficava direto... às vezes vinha almoçar, outras não... era meio distante e o dinheiro era pouco se gastasse com ônibus ficaria mais pouco ainda... tudo pra poder terminar meu 1º grau.

Através de uma prima, conheci um grupo de voluntários da Igreja Católica que nos convidou pra uma reunião no município do Quinari... Eram voluntários que vieram da Itália pra trabalhar com evangelização... Achei interessante e influenciada também pela minha prima, passamos a morar com eles... Tive que deixar aos dezoito anos, trabalho, escola... mas tive que recuperar outro porque o Instituto da Caridade exigiam que a pessoa que viesse morar nessa comunidade tivesse um profissão... Daí, comecei a preparar-me neste Instituto pra se evangelizadora, pois naquele movimento a igreja católica tinha iniciado com a 'teologia da libertação'... Esse movimento começou a crescer e eu fui parte desse núcleo, era onde a gente estudava os documentos de Medellin, os fundamentos da 'teologia da libertação'... Fui participar desse curso de teologia e já comecei a evangelizar também...

Evangelizar era organizar grupos nos bairros, discutir o evangelho... Aí vem o grupo de jovens... o grupo de evangelização, catequese... entrei nessa coisa toda... nesse auê! muito divertido... foi em 72, quando iniciei.

Para continuar no instituto tinha que fazer uma opção pelo celibato. Foi aí que vim saber o que era isso. Era uma imposição do instituto... achei um absurdo diante da visão

teológica né? Dentro da libertação, achei uma contradição muito forte e não aceitei! Não aceitei totalmente consciente... apenas achava uma imposição mesmo! Não me sentia segura de fazer tal opção, sempre fui muito namoradeira, achei que não estaria dentro daquele molde...

Contudo não perdi aquele sentimento de evangelizar. Continuei freqüentando os grupos de jovens da igreja Santa Inês... Organizei um grupo na baixada da colina, grupo de evangelização e minha mãe começou logo a dizer que eu tinha que arrumar um casamento que isso não era vida, que ela não ia ficar com uma solteirona dentro de casa...

Isso me deixou muito intranquã... Não sabia o que fazer. Tinha conseguido um estágio num hospital infantil. Antes, participei de um curso em Manaus, por conta ainda desse instituto, de desenvolvimento da Amazônia... Minha consciência política nasceu desse momento, com o movimento da igreja. Percebi o seguinte: não dava para ficar em casa, casamento não iria me satisfazer... Foi quando dei continuidade ao movimento dentro da igreja. Como leiga, ia trabalhar na baixada da colina, fiz muita amizade com o pessoal e tinha uma casinha onde se jogava sinuca, baralho, me dei muito com a família de seu Valdemar, D. Cristina, pessoas legais. Dessa casinha a gente fez uma espécie de sala de aula e de igreja para as reuniões de evangelização, reza, e até missa era celebrada... Essa casinha começou a mudar, não se jogava mais, as pessoas sentiam nela algo diferente, foi interessante...

Em 1975, conheci Nenci, esse rapaz da Baixa da Colina com quem me casei depois, mas estava numa situação muito conflitante; uma porque minha mãe me pressionava em casa, estava passando dos vinte anos [risos] e isso me deixava atordoada...

Durante dois anos fiquei fazendo estágio no hospital infantil como enfermeira, mas não queria ser enfermeira, teve um curso de alfabetização aí eu fui fazer porque queria dar aulas na escolinha, na baixada da colina. O curso me tornou mais segura, era o método de Paulo Freire. Ele e a teoria da libertação estavam muito próximos. Eram aulas voluntárias, não ganhava nada e as pessoas começaram a me dar dinheiro pelas aulas das crianças, fui percebendo que a cada dia crescia o número de alunos... Onde a gente ficava era de invasão. Então comecei a estudar a própria realidade. Tinha que existir uma saída (14)... conversávamos com o padre na reunião de evangelização, fomos na secretaria de educação, um monte de mães que tinham filhos fora da escola... fomos reivindicar uma escola para o bairro...

A secretária era a D. Maria José dos Reis que nos atendeu, inclusive, veio pessoalmente no bairro procurar uma área conosco pra escolher um lugar de construção da escola. Hoje temos o Samuel Barreira que é entre o Cohab e a Baixa da Colina, que serviu

tanto pros dois bairros... Tivemos naquele momento mais de quarenta crianças, em faixa etária entre 7, 8 e 9 anos sem escola, foi uma conquista!

A outra conquista, foi o próprio centro comunitário. A igreja comprou o pedaço de terra de uma moradora e construímos em mutirão...

Fui extremamente pressionada pra casar... casei em 76, fui morar nesse centro comunitário onde a gente construiu em mutirão, inclusive casei no próprio centro. Foi uma cerimônia simples... Tinha aversão a casamento e continuo com a mesma opinião! Como não estava clara essa aversão, por isso talvez casei...

Em 77 nasceu minha primeira filha, Taís. Continuei indo a igreja... no ano seguinte nasceu Rogério... Em 79 meu marido foi transferido para Plácido de Castro, lugar de minha origem. Um pouco de minha infância vivi lá. Fiquei por um ano... devido problemas de doença e coisa assim... As crianças sofriam com malária...

Nesse período cresceu mais um pouco a minha consciência política, continuava na igreja, mas começava a fazer críticas à própria instituição... Tem questões que só ficam claras quando passa o tempo... A concepção de uma corrente como a teologia da libertação, e as usualidades das quais a gente vai inserindo outras... E justamente essas coisas do casamento que foi um choque... Assim como eu sentia muita pressão tanto da minha mãe quanto da Igreja, e depois eu acho que a igreja não devia forçar ninguém a se casar porque os padres não casam como querem que os outros se casem? Pensava nisso né?

Quando voltamos para Rio Branco, tive uma malária forte, por conta disso parei de tomar a pílula e engravidei do terceiro, em 80.

A questão política para mim foi mais forte que a religiosa... Antes de casar eu tinha terminado o 2º grau, curso feito nas coxas...

Apesar de está com três filhos pequenos, não parava de ver os movimentos que estavam acontecendo: contra a carestia, pela anistia, tudo na década de 80. Através do padre Pacífico, justamente era ligado à teologia da libertação... e nosso professor, evangelizava nas linhas, junto com as comunidades de base que eram organizadas em todos os bairros... Ele era o “grande organizador” desses movimentos...

Certo dia falou assim pra mim: “Olha Glória, trouxe para você aqui um jornalzinho chamado Classe Operária, este jornal é para você dar uma lida e ver o que você pensa, só que você não pode ficar mostrando para todo mundo o jornal...” Perguntei por que, e ele disse que pertencia a um partido clandestino, tal... Daí comecei a ler, e logo depois ele trouxe uma pessoa pra mim conhecer. Comecei a conhecer o PC do B através desse padre... que depois se casou com a minha amiga que era do Instituto Voluntário da Caridade que também resolveu

abandonar o celibato para se casarem... e depois a outra, e outra... e quase todas as meninas do instituto, colegas minha, casaram-se com padres, menos eu...

Nunca deixei de participar, mesmo com os filhos das manifestações... Carregava um no carrinho, e outro na bolsa, e ia lá pras manifestações... Às vezes levava até a mamadeira com leite, mas estava presente... Falava contra a carestia! Lembro que me chamaram pra falar, pra dar um depoimento, e segurando o microfone com menino e mamadeira, mais um segurando na barra da saia, tudo ao mesmo tempo: falando que o leite tava caro demais, aquela coisa toda né? Que não sabia mais o que fazer, que subia tudo com a carestia... Daí o pessoal falou: “Mas também tu vai parir demais, também com tanto menino!”

Naquela época eu tava com a concepção da igreja “Crescei e multiplicai-vos”, mas também tinha problemas com a pílula anticoncepcional, e como não tinha um outro conhecimento de método... conhecia a tabelinha que as freiras ensinavam, mas ela nunca deu certo pra mim, nunca deu!

O meu quinto filho, Tainá, veio nascer aqui em Porto Velho, porque o Mendes teve que vir transferido, não tinha trabalho, eu não trabalhava fora de casa, sempre trabalhei muito! E quando casei fui abandonando aos poucos minha perspectiva profissional, fui me adaptando... quer dizer nunca me adaptei à família, e talvez pela concepção que eu tinha contra casamento, por isso não me adaptava ao lar. Isso me trouxe uns problemas sérios, porque quando eu vim pra cá, me sentia de uma certa forma livre das pressões das famílias, tanto da parte dele quanto da minha... pregavam o casamento da maneira muito tradicional...

Meu ex-marido não queria que eu viesse pra Rondônia, queria que ficasse lá... afinal de contas era perto, mas percebi que eu ia sofrer muito mais ficando... quer dizer à mercê da família e ainda mais com uma reca de meninos pequenos né? Teria que ficar completamente dependente deles...

Logo nos primeiros meses encontrei muitas pessoas do Acre. Inclusive, meu marido junto com o Pacífico, que são do partido comunista lá, vieram aqui, conversaram comigo pra gente fundar um partido comunista. Nos três primeiros meses que eu estava em Rondônia, cheguei em 83 a Porto Velho, conjuntamente com alguns professores, nos organizamos para montar o partido, um movimento de mulheres... O movimento me ajudou muito no sentido de começar a pensar como eu estava dando rumo a minha vida. Na verdade, aquilo que pensava sobre o casamento continuava martelando a minha cabeça... quer dizer, tinha problemas de relacionamento com meu ex-marido, ele é extremamente difícil de lidar como até hoje... É uma pessoa muito temperamental, calculista, nasceu praticamente dentro do banco... iniciou

como contínuo do banco do estado e foi até auditor, mas nunca estudou, só fez o 2º grau, nunca fez curso superior.

Em 85, comecei a repensar o casamento, tinha ficado mais livre das influências das famílias, repensei minha vida e uma das coisas que eu percebi foi de buscar conhecimentos, porque tinha só o 2º grau, não dei rumo a minha profissão, afinal seria professora, procurei fazer o vestibular...

Um amigo da gente de infância do Acre, que estava aqui, Daniel Nascimento, foi indicado pra ser secretário da Educação, me chamou pra trabalhar na secretaria. Falei que tinha apenas o 2º grau, disse que não era problema, trabalharia com ele no próprio gabinete... Foi um estopim em casa, pois meu marido não queria que trabalhasse. Agora, pensei, vou remar contra a maré, disse a ele que ia trabalhar e fui! Comecei minha meta... Fiz aquilo que pregava tanto... liberdade... que a mulher precisava, movimento de mulher, etc.

E foi aí que eu comecei a sentir o peso dessa coisa que é o machismo, essa coisa que impera mesmo! Ele dizia que com 5 filhos pequenos não podia deixá-los, a alegação era essa... Quando falei que ia fazer o vestibular a resposta foi: “Olha o que você vai fazer com cinco meninos pequenos no rabo da saia, velha como está numa faculdade de jovens”... Tava com trinta e três anos, por aí... Não, não vou escutar essas palavras dele não, disse pra mim mesmo, vou transformar essas palavras dele em incentivo...

Então eu trabalhava durante o dia e a noite eu estudava. Me matriculei no Logus II que era um curso que tinha pra professores, projeto que recentemente acabou, e comecei a revisar toda essa matéria do 2º e fui me matricular na Unir pra história.

Como assessora do secretário, ganhava mais que ele no banco, isso também foi uma revolta pra ele, se sentiu extremamente diminuído ou coisa parecida. De certa forma sentia um pouco de ciúmes do Daniel, porque esse sempre foi um grande amigo meu, inclusive, casou com uma pessoa muito amiga minha também. Mesmo assim não levei em consideração e fui em frente. A partir daí comecei a sentir firmeza no que falava, dos movimentos sociais, dos movimentos de mulheres, senti na pele como é enfrentar essa coisa!

Aí fiz o vestibular e passei. Pra se ter uma idéia, eu estava na secretaria e não sabia, ele era o primeiro a ler jornal porque no banco é mais fácil a leitura de jornais... ficou calado, não disse que eu tinha passado. Tava na secretaria trabalhando quando chegou um pessoal dizendo “olha Glória teu nome está na lista do vestibular”, não acredito, comentei...

Tinha estudado as madrugadas inteiras, era acostumada no seringal do meu pai ficar acordada. Até hoje eu tenho isso de pelas 3 horas já está acordada... foi uma coisa que

aprendi... e essa mania tem me ajudado muito porque a s minha leituras eu faço nesse período, até hoje...

A partir daí comecei a repensar o meu casamento. Os movimentos sociais começaram a ser pensados mais a fundo... Na universidade a gente entrou num espaço não muito democrático, justamente num processo que era de eleição de reitor, diretório acadêmico, essa coisa toda de movimento estudantil...

Aos trinta e três anos, em 86, me separei do marido. Foi um alívio pra mim a separação porque tirou um peso, e era um peso que eu tava carregando desde o dia em que casei. Às vezes as pessoas me perguntam porque tive que pari cinco filhos nessas circunstâncias, e que naquela época tinha a mentalidade de igreja, a concepção era que onde come um, como cinco... Mas a partir de então eu nunca deixei de ter um respeito pelo meu ex-marido, pois convivemos tantos anos, dez anos suportando um ao outro né?

Também tenho boas recordações do meu casamento. Quando reencontro meu ex-marido digo pra ele assim: “Olha eu lembro de uma coisa boa e cinco ruins seguidas...” [risos].

Andei pesquisando, estudando como surgiu o casamento, por que o casamento? Tenho toda uma outra visão sobre isso. Ontem me convidaram pra um casamento, mas sempre digo: não me peçam pra tecer comentários muito reais dessa relação. O que mais me trouxe consciência foi justamente esse enfrentamento de minha realidade, esse passo que dei, a busca por exemplo do conhecimento, porque até então quando vim pra cá era ativista superficial, com uma formação de igreja, com aquela visão do partido comunista, não tinha formado uma concepção minha.

Depois tive um relacionamento mais forte com um jovem que me fez muito bem. Ele me deu segurança na questão de ser mulher, de me realizar como mulher... que até então vivia muito superficialmente, essa coisa da sexualidade, essa coisa da realização, isso ele me deu mesmo!

Fui chamada pela professora Benedita Penha, antes de ir pro colégio Eduardo, para dar aulas na primeira série. Fiz um curso preparatório, porque não tinha formação...

Em 97, fui convidada pra dar aulas pra crianças do Pamos, uma escola especial pra crianças, fica na BR 364, fiquei 8 meses. Era do pessoal ligado a maçonaria, foi uma experiência boa e ruim, porque a administração maçônica colocava pessoas para administrar as crianças... passei a morar também com meus cinco filhos...

Bom, tinha que me deslocar de lá pra universidade. Conheci garimpeiros, comecei a conhecer a vida deles, suas formas de relacionamentos... Adquirir em conversas muitas

informações, por exemplo: o que é viver no garimpo; até a forma deles falarem é diferente, expressões assim: peão barrela; criaram um linguajar, um vocabulário peculiar, achava interessante.

Mas era dificultoso para mim me deslocar assim... Foi nesse período que os meninos pegaram hepatite A, e tratei todos lá em casa mesmo, não levei pro hospital, o medo de passar pras outras crianças, isolei-os. Todos pegaram, menos a Taís. Depois voltei pra Rio Branco daí pra Porto Velho novamente.

Nesse período, comecei a participar efetivamente do partido, legalizamos seu registro, participei das eleições, fiz a mobilização pra candidatos e me indicaram a candidatura, e saí candidata do meu partido em 85.

Em 88 saí candidata pelo PT, mas me sinto muito mal... saí para o partido tivesse espaço... não sei se tinha carisma, sabe? O estilo de ser candidata. Ainda não acredito, é como a questão do casamento... Vivia casada mas não acreditava... aquilo não era pra mim... não era uma coisa clara: será que vou conseguir representar o desejo dessas pessoas? O poder da representação é muito limitado... e as pessoas jogam muito pesado em cima disso, até pelo fato da situação da miséria, então isso é muito angustiante... fui pra dar nome ao partido... representar esse espaço... e adquirir muito conhecimento com movimentos sociais.

Então a minha preocupação foi de viver o momento... sou muito de momento...

Os meninos cresceram, os anos passaram... foram vinte anos de casada. Minha filha mais velha fez vinte e um anos agora. Estou a um ano divorciada. Nunca criei problemas da justiça, ele sempre deu a mesada pros meninos, quando estavam comigo. Nunca pediu nada pra mim. A Tainá sempre ficou mais comigo. Os meninos tiveram liberdade, muita liberdade... ir e vim quando quisessem.

Não tinha casa quando separamos, fiquei de aluguel muito tempo... Em 88 vim aqui no Candeias, consegui um terreno, mas não podia construir e perdi o terreno.

Na campanha do Lula, quando disputava Fernando Collor, disse pra um cidadão que tinha vontade de morar aqui no Candeias, ele disse que estava faltando professora, eu comentei que morava de aluguel em Porto Velho. Foi então que me ofereceu um casa que tinha e venderia por um preço bem bonzinho. Parece que era sábado, no domingo vim dar uma olhada na casa e gostei... No final do mês que a gente recebe o aluguel da gente, vim, paguei o aluguel e me mudei pra cá. Comecei a dar aulas aqui em 90, 91 e 92, dei aulas aqui no Candeias, de 1ª à 4ª séries. Tava terminando a faculdade, quase que jubilo em função do trabalho com os meus filhos, que iam crescendo e ficaram comigo. De 87 para 88 eles

voltaram para a casa do pai, os quatro, ficou só a Tainá. Foi o tempo que eu dei pra eles se organizarem lá no Acre.

Quando vim morar aqui no Candeias, em 89, senti que aqui tinha uma identidade com as minhas origens, a cidade pra mim é um pouco conflitante, consigo trabalhar mas não consigo viver... Fiquei três meses em Cuiabá, ficava angustiada, tinha que dormir em apartamento, hotel, cansei de sonhar que estava caindo (15)... HHUUU! E acordar assustada, tinha a sensação que estava caindo da cama (16)...

Sonho sempre que estou caindo... em algum canto. Exemplo: estou sempre em cima de uma prancha... de repente a prancha... aí caiu... (17)

Se durmo em Porto Velho, sonho assim, aqui no Candeias, não... Se form dormir em cama, beliche, sonho sempre caindo de algum lugar bem alto... Sempre durmo em rede... (18)

Sou filha de caboclo nordestino do Rio Grande do Norte, Otávio Gomes Dantas. Ele veio pra cá em 44, teve duas opções: uma como soldado da borracha, ou iria pra guerra, resolveu vim pras selvas amazônicas. Ele disse: “prefiro a selva”. Minha mãe é cearense, veio um ano antes, em 43, e se encontraram no seringal. Ela se chama Iracema Gomes da Silva. Ela sofreu muito! Mulher muito sofrida... Está em situação de coma. Até os dezessete anos vivia com eles, brigavam muito, muitas brigas, talvez por isso tenho essa idéia sobre o casamento, mas não fiquei só ai, tenho livros sobre esse tipo de relação. Não digo pra ninguém se casar, mas também não dou conselho pra não se casar...

Na própria universidade consegui ler a concepção cristã de alguns historiadores. Uma visão marxista da história, a concepção materialista da história, a positivista, etc. Dessas concepções a que chama muita atenção foi a de Walter Benjamin, sua concepção cristã. Porém ele faz uma crítica ao marxismo, dizendo que Marx tanto fez que acabou sendo determinista também; por prever essa questão do socialismo, ficou determinista a história.

Bem esse cantinho que atualmente moro, levou um tempo para eu consegui-lo. Namorei esse cantinho algum tempo, como namoro também os homens; mas vi que as possibilidades eram difíceis, porque a proposta do dono eram 300 cruzeiros, ou reais, em 1990. Cheguei e falei pro dono que estava namorando esta casa fazia tempo, mas a proposta era muito alta pra mim. Disse que tinha adorado a casa, que todos os dias passava em frente, me via aqui dentro, e que também era funcionária pública... Ele me perguntou qual a proposta que faria. Disse que vinha ai o 13º salário, que poria dar 100 reais, o restante em 4 parcelas, aí ele disse que não, só se fosse em 3.... Disse que estava fechado...

Falei com meu ex-marido se ele colaborava, disse que sim... Entrou com 50 e eu com mais 50. Daí pra frente eu paguei. Esse é um canto meu e dos meninos, isso eu velo, por está

viva por aqui, mas sei que isso eu não levo dentro do meu caixão. Portanto é deles. Eles vem aqui sempre... Mas a

Tainá prefere a cidade, de vez em quando reclama pela distância, reclama da solidão; disse a ela que com o tempo poderia alugar uma quitinete e ir pra cidade... eu fico bem por aqui... Já tive por vender isso aqui por pressão deles... Morei um ano em Porto Velho, em 94, porque meu filho pegou malária, não tinha jeito de ficar bom, o médico pediu pra mim dar um tempo, arranjar uma casa lá, e fui... Ele curou da malária, foi pro Acre e eu voltei pra cá.

O meu pai sempre dizia que o conhecimento é uma coisa que ninguém tira, você carrega pra onde for, e é um ditado certo!

Quando terminei a licenciatura, já entrei no bacharelado em 84, terminei em 85, fui pra Rio Branco fazer pós-graduação em história agrária da Amazônia. Os professores vinham da UFRJ, foi com essa especialização que eu busquei minha identidade amazônica mesmo! A partir das concepções estudadas do homem do campo; as perdas das identidades; os valores; o processo de ocupação. Como o capitalismo penetrou e se instalou e continua criando mecanismos...

O materialismo hoje é muito mais claro e mais consistente do que as religiões. A minha relação com a natureza, e minha raiz indígena é de dependência, é uma relação não de exploração, não posso derrubar essa árvore com a motosserra porque preciso dela pra viver, dessa imbaúba aqui no meu quintal...

Essa relação com a natureza não se dá de forma aleatória, ela se dá da concepção cultural que você rever. E assim eu não estou só nessa comunidade, apesar de estar no meu canto, mas estou atenta ao que está ao meu redor, então a devastação dessa área de terra aí: fiz um baixo assinado pras pessoas... pois as pessoas não têm essas relações... Estão vivendo aleatoriamente dentro de uma comunidade, a própria escola faz com que as pessoas se integrem... estão sempre isoladas, uma coisa é a escola, outra é a casa, estão sempre fragmentando... O que tem haver aquela morte da criança ali na beira do rio com esse baixo assinado? Tem haver muito porque foi destruído a floresta da margem do rio que segurava o barranco, e quando veio a chuva o menino ia subindo, despencou em cima dele, soterrou, morreu vivo, foi soterrado vivo... trágico!

As pessoas não se apercebem disso, foi a natureza ou o homem, o culpado por sua morte? Não é que a natureza se vingou, mas é consequência da destruição. A minha amiga Carlota não gosta do rio porque filho dela morreu afogado, em que circunstâncias? Estava embriagado, foi então salvar outro e morreu... foi o rio o culpado? Eu canso de tomar banho no rio, não tenho medo de atravessar o rio candeias.

Aqui eu pretendo organizar uma associação em defesa do rio, porque se não vai acontecer a destruição da mata ciliar das beiras. E o rio sem a mata secará.

Na serra do Tracuar, onde nasce o rio candeias e o rio jamari, os carintianas moravam nessa imediação. Fiquei sabendo através da Lília, uma colega de história, pois tenho sua monografia sobre os carintianas... que os índios falam que os brancos expulsaram eles... E num dos meus entrevistados, o senhor Miguel Lemos fala que quando ele chegou pra fazer um transporte para a vila de Carintianas, o nome dado por causa dos índios... lá não existia mais índio não... os índios tinham dominado, ele dizia com preconceito, “essa gente é muito esquisita”. Os índios foram expulsos e pararam no rio das Garças. Sempre é nós que causamos a destruição das matas e dos índios.

Hoje estou com 44 anos, não me sinto velha, um pouco cansada, minhas gravidezes foram perto uma da outra, problemas maiores são as varizes... e tenho investido meu salariozinho com a mais velha que está em Cuiabá... e por causa do real vai ter que esperar mais um pouquinho de cursar, em Cuba, medicina.

De certa forma eu me sinto realizada, acredito que tenho muita coisa pela frente, não penso em fazer um mestrado, também não penso que não tenha mais nada pra fazer...

As pessoas querem que eu saia candidata, eu falei que se querem é só conseguirem 1500 pessoas, e garantir minha candidatura, não consigo bancar minha candidatura sozinha... se vocês querem então...

3.4 – VANEUDES BARROS DA SILVEIRA

Lembro-me que por volta de 50, 56, inclusive, nós morávamos na beira do rio (1)... Antes meu pai era funcionário do Governo... foi transferido pra morar lá... ai nós fomos morar na beira do rio debaixo de um pé de gameleira bem grande! Mas bem grandão mesmo! Daí lembro que começou a minha vida... Passemos nem um ano... ai todinho tivemos sarampo, meu irmão mesmo ficou muito doente... Depois meu pai, José Domingos Barros, veio pra rua... Chegou na rua ai foi cortado do Governo... Foi cortado porque meu pai gostava muito de política e era fanático... e naquele tempo em 56, mais ou menos, quem mandava no Acre era até o Guiomar Santos... Meu pai era do partido do Oscar Passos... foi cortado, perseguição...

Até ai nossa vida foi muito boa, vivia assim... morava muito bem, não como rico, classe média, a gente morava no jardim... depois nós viemos pra rua... Minha mãe teve outro menino, ficou sete, morreram três, ficou quatro vivo... Esse lugar que nós morávamos chamava-se, agora lembro, Belo Jardim, na beira do rio acre. Meu pai trabalhava no Leprosário na beira do rio... Esse povoado não tinha muita gente, mas tinha lá escola... nós ia pra escola... era perto da cidade, naquele tempo só ia por água... Tinha Seu Zé Sales que era quem tomava conta do Leprosário, foi ser o compadre do papai, padrinho do meu irmão... Esse meu irmão ficou muito doente, teve sarampo, aliais nós todos tivemos essa doença... todos de uma vez! Lembro, minha mãe trancou nós sete dias, com aquela besteira de abafar! Era assim: não deixava a gente sair para pegar vento...

Vimos pra rua logo que meu pai foi cortado... Ficou ruim, ficou muito difícil pra nós, né? Minha mãe tinha acabado de ter o último filho... Meu pai trabalhava em tudo, tudo! Ele dizia assim: “Ducamos arruma minha roupa que eu vou pra colônia”. Botava as enxadas, ele passava a semana trabalhando, e quando era sábado de tarde vinha com a macaxeira, trazia feijão, arroz... Um dia ele se perdeu na mata... já tinha passado das três horas e ele não chegava... Minha mãe já estava grávida do meu primeiro irmão... Ele se perdeu ai disse assim: “Se eu sair dessa mata eu vou embora”... foi que saiu de manhã, ele veio embora pra cidade... Veio só ela e ele, isso era em 45, minha mãe teve minha irmã em 45 e teve eu em 46... num antigo prédio em frente ao colégio acreano.

Meu pai pelejou, pelejou... porque meu pai não gostava de cobrar ninguém, mas minha mãe dava a vida pra cobrar alguém... Tinha vez que meu pai e minha mãe ia lá no Seu Rusquinho, regatão, ele pegou um monte de mercadoria colocou dentro de uma lancha e foi regatar no rio, mas o pessoal não pagava... Ai meu pai disse: “Ducamos tu quer ir embora

daqui?”... Minha mãe disse: “Quero!”... Nisso tiveram uma desavença, não foi com meu tio, esse que morreu agora, foi com a mulher dele, uma boliviana, ela era uma pessoa que não se dava com ninguém... Minha mãe disse: “Vamos se embora, vamos?”... Quando foi em 60, nós viemos pra cá pra Porto Velho...

Aqui ganhava bastante dinheiro... Meu pai era carpinteiro, construía casa, fazia muito bem casa, era marceneiro, fazia moveis muito bem, sapateiro... Um dia quente... ele veio do trabalho e se queixou de dor no peito: “mas Ducarmos eu tô com uma dor no meu corpo!”... Tava com onze meses aqui, e começou a se queixar pra minha mãe: “eu tô com muita dor no meu corpo, não vou trabalhar agora de tarde”... Ela disse: “certo, tu trabalha tanto e nada tem”. Depois que ele falou pra minha mãe, tomou banho, jantou ai ele se deitou na cama... Quando ele se acordava a dor de baixo do peito dele continuava... achava que era reumatismo... Começou a tomar remédio dar massagem e nada, foi se agravando e ele foi logo ficando todo duro... porque a pneumonia dele foi dupla... ele já ficou logo duro, todo durão mesmo! Chamou nós ai disse pra nós que sabia que daquela doença ele não ia escapar... Fizemos logo um alarme, isso durou uns quatro dias mais ou menos... Ai veio os vizinhos, tudinho chorando muito... Eram as pessoas que moravam perto de nós... Chamou o médico, consultou, olhou assim, balançou a cabeça... e disse: “vai tomar esse remédio hoje, e amanhã você vai me dizer como é que ele está”... Meu pai urinou da cor de coca-cola, Minha mãe juntou num vidro elevou pro médico que pediu para ir buscar meu pai... Era cinco horas da tarde, passou a medicação e disse: “olha, se ele reagir bem esta noite aí ele escapa”. Mas a noite deu muito soluço nele, ficou muito inquieto, quando foi no outro dia cinco horas da tarde ele morreu...

Antes, ele perguntou pra mãe se ela queria ir pra Cuiabá, minha mãe disse que queria, aqui não tava bom, ele, então, vendeu tudo só ficando com as ferramentas de carpinteiro, já tinha vendido a casa, mas ele morreu e nós ficamos... Voltamos todos para o Acre... Aí foi o dilema! Não tinha dinheiro, a família não olhava pra nós... eu já tinha quatorze anos, meu irmão mais velho tinha quinze, outro tinha treze, e o outro onze... Ficamos dez dias na casa do meu tio, esse que morreu, ele era muito bom pra nós, mas era um homem manipulado pela mulher, o que a mulher dizia ele não opinava, era o que ela dizia... Aí minha mãe pegou logo uma briga com ela, e tivemos que ir pra casa de outra irmã do papai que chamou a mamãe pra lá... Justamente essa colônia era do meu pai quando ele veio pro Acre, em 1950... Papai deu essa colônia pra ela... Então, ela mandou dizer que nós desocupasse a casa que eles iam chegar com legume pra botar na casa... Ele trazia muita banana cumprida, tapioca, macaxeira, banana, laranja, lima e tudo eles traziam da colônia na carroça de boi... Naquele tempo era só

na carroça de boi em 61... Disseram pra nós desocupar a casa... Minha mãe ficou no meio da rua! Mamãe tinha um outro compadre que morava assim... ele disse: “não comadre, você não vai ficar no meio da rua não, tem uma casa aqui e você vai pra lá”. E deu a casa pra nós morar... Ficou lá um mês lavando roupa pra um, lavando roupa pra outro...

Naquele tempo tinha muito trabalho, eu ajudava muito ela, nos passávamos muita necessidades, foi quando apareceu o Aldenor... Ele ficou doido por mim aí começamos... Minha mãe não... meu pai era muito assim... me criou muito presa, ele era muito arcaico, desses nordestinos muito arcaicos... tudo era do jeito e modo dele tudo... Não tinha nem pressa pra namorar, já tinha quatorze anos, já era moça nem por isso eu fui namorar... não tava estudando, nem eu nem meus irmãos... minha mãe tinha condição econômicas...

O Aldenor ganhava bastante dinheiro... Ele chegava lá em casa e comprava de tudo pra mim, comida, comprou a amizade da minha mãe... Nisso pediu eu em casamento pra minha mãe que aceitou... Ele tinha trinta anos, era viúvo quando nos casamos...

Já vai fazer quarenta e um anos... Fez quarenta anos no dia 11 de dezembro... é bastante tempo de casada. Fiquemos lá... custemos a ter filhos, tivemos quatro, só um homem e três mulheres... minha outra filha mora no Acre ela é empregada, professora formada, trabalha na prefeitura, tem dois empregos... Quanto a mim, nunca trabalhei fora de casa...

Vim pra cá, fiquei aqui mais não gosto daqui, quero ir embora... Chegamos em 90, já fazem doze anos gostaria de voltar... Aqui até que é bom, só não é melhor porque eu to muito longe dos meus filhos... se eu tivesse meus filhos ao redor de mim tava bom demais... Eu também não gosto muito daqui porque aqui é muito difícil, muito difícil... no Acre não é... a medicina é melhor e que lá tenho convênio... Minha filha é empregada e colocou eu e Aldenor como dependentes dela... A gente não precisa ir nos postos quando a gente quer se consultar... a gente vai no convênio, nos médicos credenciados que consultam e fazem exames... Então ficar perto dos meus filhos e netos seria muito bom (2)... Mas existe uma desvantagem porque o meu menino não pode ir lá por causa da perseguição do Delbrando... Esse meu filho, teve que fugir do Acre e, como consequência tivemos que vir para cá e vender tudo no Acre... Vendemos tudo, deixamos tudo para poder ficar mais perto dele. Ele recebeu de indenização 34 mil, e não teve, depois que fizemos tudo por ele, de vim nos visitar... Agora é que talvez não venha mesmo já que ele está no nordeste e é muito longe de lá aqui... Agora é crente e pastor, envolvido com a igreja e a religião dele mais do que com nós, né? Acho assim... por ele ser uma pessoa que o Aldenor deu tudo por ele, acabando com tudo que tínhamos... Nós vivia muito bem no Acre, acabamos por causa dele e acho que ele deveria dar mais apoio pra nós... Fez foi se distanciar depois que arranjou religião e também se formou (3)... Porque nem

toda pessoa quando se forma sabe já usar a sabedoria (4)... até se empolga e esquece da família! O Aldenor passou 10 dias, eu passei quase 1 mês lá no nordeste... Achei ele um pouco distanciado não sei se é impressão minha... ele não sabe usar a sabedoria na vida... ele deixa se levar muito pela sabedoria, se empolga muito... vamos ver no que dá daqui na frente... Quando era pequena, meu pai não gostava que a gente saísse assim... Eles gostavam de jogar baralho e ele não deixava nós ir, às vezes, deixavam a gente brincar fogueira... Tinha outro compadre dele, João Barbosa, ele era meu padrinho de fogueira... Minha madrinha fazia aquele “João Galamarco”, que era uma brincadeira de um pau onde ficava duas crianças de um lado e duas do outro, onde a gente ficava rodando... Na escola quando eu estudava o que eu gostava mesmo era de jogar pedrinhas... Só estudei até o terceiro ano, mas nem terminei... Naquele tempo se chamava grupo, onde se estudava... Era Pimentel Gomes, lá nas torres no São Francisco, no Acre...

Existia apenas uma professora, já até morreu, Almira, era portuguesa... dava aula pra nós... aquela classe grande... todo ano passava do primeiro, segundo e terceiro ano... comecei o terceiro não terminei... comecei de novo não terminei... aí nunca terminei o terceiro ano! Nosso lazer mesmo era quando o papai, no dia de domingo, levava nós pra ir a igreja Batista...Fui criada na igreja Batista, só que como eu me casei com Aldenor aí fui testemunha de Jeová... tem 41 anos que sou testemunha de Jeová... Já minha mãe, Maria do Carmo, era assim mais católica... Ela era assim pequenininha, mas muito conversadeira, trabalhadeira, estourada... era daquelas paraibanas... Meu pai e mãe casaram em 44, numa sexta feira, quando foi segunda-feira ele foi pegar ela na casa da mãe dela pra trazer pro Acre, que ele já vinha como soldado da borracha... cortou seringa ainda sete meses...

Minha mãe não alisava a gente não... a peia comia mesmo! Não tinha conversa... desses paraibanos que não se envergava... gostava de pegar a gente com galho de goiabeira... Agora meu pai tinha um cinturão de couro cru, não dava mais que duas lapadas... com quinze dias ainda se via o sinal... duas lapadas eram suficientes... também não era de esculhambar... de dizer palavreado... e não gostava quando minha mãe chamava a gente de “sem vergonha”, ficava bravo, ficava muito bravo! Não gostava não... palavreado não era com ele não...

Meu pai foi criado na religião batista né? A família dele toda é de pastores, missionários, é tanto que, esse meu menino quando teve aqui por dois anos e depois pro Nordeste, chegou lá foi pra casa do irmão do meu pai, foi quando começou a se envolver e se tornou crente, estudou no seminário, fez filosofia e ta fazendo não sei o que agora... já é pastor.

O Aldenor é testemunha de Jeová fanático... nossa mais é fanático de mais! Eu não, eu sou zelosa, não aceito ninguém falar mal da minha religião, mas eu não sou fanática, zelo... Não falo da religião de ninguém e não tenho fanatismo... Aldenor deus me livre! Censura tudo... É despeitado porque quer que os filhos sejam da mesma religião que ele... O próprio Deus deu o “livre arbítrio” às pessoas pra seguir o que quiserem, então, se um dia eles tiverem ser testemunha de Jeová é porque chegou o dia...

Eles que se decidam no que quiserem seguir, a religião que quiserem... Porque o exemplo que a gente tem é que Cristo se batizou com 30 anos... não foi quando era criança... A gente só se batiza quando sabe o significado de um batismo, antes não é correto batizar...

3.5 - ROSÂNGELA DIAS DE ALENCAR

Fui uma adolescente muito rebelde... meus pais tiveram muito trabalho comigo... resolveram comprar um sítio achando que se me levassem eu mudaria né? (1)... fomos, fiquei um ano no sítio, com 14 anos... Nesse período conheci um rapaz e fugimos... Acreditava que se fugisse com esse rapaz teria minha liberdade...

Meu pai me tirou do colégio, em Rio Branco, pra me levar pra esse sítio, o lugar era chamado de Quinari... era vigiada e sobre cuidados 24 horas... tudo porque eu era uma adolescente muito mau falada na cidade, todos achavam que eu tinha perdido minha virgindade aos 14 anos... no entanto, eu era virgem, nunca um homem tinha tocado nem nos meus seios... essa história me revoltava, por isso que fugi, então com essa idade, e o rapaz tinha 17 anos.

Logo após isso, vimos embora pra Porto velho, mais os pais dele né?... Só aos 19 anos que engravidei, tive meu filho, e separei... o casamento desse não podia dar certo!... mas moramos juntos 10 anos...

Meu pai continua lá no sítio... pegou derrame e minha mãe veio embora pra cá com ele... tenho um irmão que mora lá, outra irmã que é professora da universidade e tal... voltei lá depois de 7 anos, meu pai faleceu lá mesmo e sem falar comigo!... Me excluiu da vida dele completamente... falou certa vez que “não tinha mais filha”... Talvez porque eu e um irmão éramos os que ele tinha criado com muito carinho... acho que ele não tinha porque fazer isso... eu tinha tanta sede, sabe?... de poder usar um shorte... para usar saia tinha que ser com um short por baixo... não podia usar blusinha de alça, não podia usar mini saia, não podia usar nada! era ele que comprava minhas roupas, não podia namorar, se ele sentisse que tinha algum rapaz me paquerando ou coisa assim... e cidade do interior não tem muita opção de lazer... o único lazer que tinha na cidade era jogar handebol na quadra do centro da cidade... ele me pegou umas 1000 vezes de baixo de peia! Isso me revoltou muito... porque, pocha! o que um adolescente quer ? Quer dançar, quer ouvir música, sair com os amigos... não, não podia fazer nada disso! Festa nem pensar! Nem eu ir ao cinema nada!... ele tinha uma marcação muito rígida, eu loucura por liberdade... foi então que eu me lasquei!... Meu pai tinha razão... a verdade não tinha liberdade nenhuma!

Hoje eu entendo o lado do meu pai, hoje né?... Se eu tivesse ficado em casa talvez seria uma doutora... era isso que queria pra mim, que me formasse... Dizia que homem não tinha futuro, na verdade, a moça que acha que homem tem futuro ta muito enganada!... o que eu passo pros jovens de hoje é façam uma faculdade, depois pensem em namorar, curtir a vida

com quem quiser!... porque a partir do momento que você adquirir sua independência financeira, o resto é só curtição... não adianta a moça falar: “ah! vou casar porque ele vai me dar uma casa, carro”... porque casamento é hoje e amanhã não é mais... um bom emprego, uma boa faculdade ninguém te tira, isso tu leva pra onde tu for. Eu acho se eu tivesse na casa dos meus pais, tivesse a sabedoria que eu tenho hoje de lição de vida, que apanhei muito, acho que hoje estaria bem com certeza, tinha uma faculdade...

Isso é o que passo para meu filho, quero que ele estude: tem pessoas que perguntam “porque teu filho não trabalha já tá rapaz?” A gente conversar sobre tudo... pra ter uma idéia do quanto na casa de meu pai ninguém conversava com a gente, foi quando menstruei pela primeira vez: saí correndo, achava que tinha me machucado... Minha época de adolescente com 17, 18 anos atrás era totalmente diferente... Hoje em dia os adolescentes tem acesso a livros, televisão... essa nova maneira é boa, uma menina inicia a vida sexual dela quando ela achar que deve... não como eu fiz, foi uma coisa abusada o que eu fiz com 14 anos... a primeira transa tem que ser com amor, muito amor né?... muita paixão e a minha não foi!... foi por necessidade...

Acho que antigamente os pais não eram amigos dos filhos... tinha medo de chegar pro meu pai: “vou sair com meu namoradinho” ou “vou trazer o namorado aqui”... de jeito nenhum! falava o extremamente necessário, não brincava... Meu pai era católico mas não praticante... Era cearense, aos 15 anos veio pra Manaus, de Manaus foi pro Acre...

Minha mãe tinha pavor do meu pai... ela morria de medo dele... Digamos assim: algumas vezes que ela tentou me levar pra alguns lugares à noite, uma festa... me levou deu 1 hora ela me trouxe de volta, chegamos meu pai quase expulsa nós duas de casa, não queria deixar agente entrar... dizia assim: “mulher que tem filha mulher é igual ter cachorra no cio, quando a cachorra entra no cio” são palavras dele, cansei de ouvir: “quando a cachorra entra no cio é um monte de cachorro atrás e a filha mulher é a mesma coisa!”... A ignorância dele era tanto que me comparava com uma cachorra... Olha, eu cresci muito e sou muito traumatizada sabe?... São palavras que nunca saíram da minha cabeça... fui criada sem carinho... acho que meu pai e minha mãe achavam que carinho é só dar alimentação, roupa, minha maior dificuldade é dar um beijo na minha mãe... trato bem, faço tudo por ela... mais tipo assim: no natal eu vou fico perto dela meia noite, dou o tratamento que todos fazem, mas é rápido porque se eu parar na frente dela eu não tenho coragem!... não sou carinhosa porque não recebi nada disso, eu nunca lembro de minha mãe ter me beijado... sou muito carente com relação a isso... até hoje eu sofro com isso... tenho inveja... inveja mesmo!... tenho amigas da mesma idade, que a mãe bota no braço e passa a mão no cabelo, nunca tive isso... meu pai

nunca disse que me amava... depois que fugir, só revir ele quando tinha pegado derrame, tava sem falar e sem ouvir... Na última vez que lembro que falou comigo disse assim: “tu vai embora?” eu falei que sim, foi quando afirmou: “a partir de hoje você não tem mais pai” falou bem assim...

Fugir é o modo de dizer... tava arrumando minhas coisas pra ir embora do sítio quando minha mãe chegou e perguntou, falei mãe estou indo embora com o Célio, ela gritou por meu pai ele veio e eu falei, “pai vou embora” e ele respondeu: “você tem certeza do que você vai fazer?” ai eu falei “tenho”... “então se lembre o seguinte: a partir de hoje você não tem mais pai, esqueça que eu existo, se um dia eu chegar na sua porta pedindo um copo com água deixe-me com cede, nunca mais bote os pés aqui!”...

Sou filha do segundo casamento de minha mãe... meu pai era um seringalista e o anterior marido de minha mãe vivia de transportar as pessoas no rio, antes de fazerem a ponte que hoje ta lá... meu pai era muito amigo do marido dela... quando meu pai vinha do seringal ele fazia questão que ficasse na casa dele... nisso meu pai começou a namorar minha mãe, roubou e levou minha mãe pra Manaus... ela tinha 6 filhos: o mais velho tinha 13 anos, e o mais novo tinha 5 anos... foi paixão, loucura, abandonou tudo e foi embora com meu pai... meu pai falou pra ela que eles iam dar um tempo em Manaus e voltariam também pra pegar os filhos dela né?... Passaram uns 6 meses em Manaus, voltaram e pegaram meus irmãos e vieram embora pra Porto Velho... Só que naquela época a mulher que errava perdia totalmente os direitos dos filhos... Seu ex-marido tomou na justiça as crianças e voltou com meus irmãos...

Lembro quando morávamos no Quinari e a primeira televisão que teve na cidade foi da minha mãe que minha irmã deu, e quando meu pai chegou e viu essa televisão queria jogá-la fora... falava que a minha irmã era prostituta e ele não queria nada de puta perto dele... Minha irmã sempre namorou com caras bem sucedidos, não importava a idade... meu pai nunca aceitou, às vezes eles iam visitar a gente e meu pai chegava esculhambava com eles botava pra correr... minha irmã mulher já feita!...

Mas quando meu pai adoeceu, parece que tava com leucemia, ela quem mandou buscar, tratou dele, sabe?... Tinha médico pra cuidar em casa... A quem ele mais ofendeu foi a que mais o ajudou... só não ficou bom porque não tinha que ficar mesmo e ela sofria muito com isso... No início da relação dele com minha mãe, minha irmã deu muita força... Minha mãe casou com o primeiro marido quando tinha 13 anos e o marido dela 35, ele com um filho de 13 anos... casou forçada... minha avó dizia que estava preste a morrer e minha mãe tinha que ficar com o ‘dono’, na época, chamava-se assim os maridos né?... Ela conta que no dia do

seu casamento chorava!... Não queria, conheceu o marido dela dois dias antes do casamento... foi do tipo arranjado mesmo...

Penso assim: papai não era pra ter agido assim com os filhos de minha mãe, quando ele a encontrou sabia que tinha muitos filhos... Hoje falo que ela é muito abençoada, porque apesar de tudo isso os filhos dão todo apoio né?... cuidam dela, se eles fossem ruins nem olhavam para ela... damos toda assistência... Meus irmãos são todos bem sucedidos. Minha irmã é casada com um político e mora em Brasília, a outra é viúva mora super bem, tenho dois irmãos policiais que moram no Marechal Rondon e mais dois que trabalham na Assembléia... dizem que sou a ovelha negra da família... não sou muito ligada em família, vejo pessoas falarem “tenho que ver minha irmã hoje, porque eu estou com saudade” por mim eu passo um ano, dois se for preciso... eles que vêm, não vou lá onde estão... às vezes acho que sou muito amarga, me fecho muito assim no meu mundo... de casa pro trabalho... meu filho é a única pessoa que considero minha família...

Não sairia daqui pra outro lugar, nem pra frente e nem pra trás, gosto de Porto velho... casei e separei e sinceramente estou dando um tempo de homem na minha vida... casamento estar muito difícil hoje, você passa um tempo... se o namoro for interessante você até vai morar com a pessoa, não deu certo, acabou-se pega as coisas vai embora... não existe mais respeito... ninguém respeita mais ninguém, pra você ir na casa do namorado a gente tem que ligar antes se ele ta livre bem, se não tiver ninguém lá não pode ir. O casamento tem que ter amor, amor ta muito difícil hoje em dia, sabia?... As pessoas hoje não pensão em nada além do sexo, só pensão em sexo!... Quando um homem conhece a mulher, não quer nem saber da mulher só quer levá-la pra cama... acham que na cama é que se conhece... não existe aquele jogo da sedução, aquela paquera gostosa

A AIDS ta aumentando a cada dia, adolescentes grávidas aí né?... Só ir no posto desse de saúde que vemos, pode ser que estou errada pode ser que eu sou muito antipática acho assim que namoro é namoro... não concordo com o namoro que você vai pro papo-de-esquina e o outro vai pro Ipiranga isso não é namoro, mais infelizmente hoje estar assim na amizade colorida não é mais namoro é sacanagem...

Tenho uma meta daqui pra frente, quero formar meu filho, o que mais quero é isso... e pra mim queria muito que aparece meu príncipe encantado (2)... mas ta difícil, então to investindo no meu filhou, quero ter uma velhice tranqüila... porque casar nunca mais...

Sempre sonhei com a minha liberdade, certo dia estava pensando com meus botões... sonhei tanto com minha liberdade e hoje que a tenho não faço nada com ela, não faço nada! (3)... tenho um lado positivo, não deixo fazerem nada por mim, tudo que eu quero fazer faço,

se eu quebrar a cara vou me arrepender do que fiz, não do que não fiz... não ligo pra que os outros falam...

Sou muito sonhadora... sonho muito acordada... acredito que sonho não tem nada haver... tem gente que fala: “há, sonhei com fulano morrendo vai acontecer alguma coisa” não acredito nisso, acho que sonho é mente passada...

3.6 – SHIRLEY AMÂNCIO LIMA CARVAJAL

Minha infância foi normal... fui uma criança quieta, obediente, estudiosa, brincava com as outras crianças, geralmente gostava só de olhar, nunca fui de correr... gosto de coisas sedentárias... brincava com bonecas... Até aí tudo ia bem... de repente tudo começou a mudar lá em Rio Branco... Minha irmã mais velha estava com dezessete anos, e rapidamente engravidou, meu pai sendo evangélico! Entendeu? Foi difícil para ele tal situação... Era missionário da religião Batista, conservador, não poderia admitir tal coisa na família... Talvez por ser também dirigente a vergonha era maior...

Por esse mesmo tempo recebeu um convite pra vim a porto velho dirigir uma das igrejas... assim, uniu o útil ao agradável, né? Para se livrar da vergonha qualquer coisa faria, aí nós vimos pra cá...

O seu namorado, a principio, foi obrigado a se juntar com ela... na época, ela tinha apenas dezesseis anos quando engravidou, ele dezoito... era daqueles motoqueiros, sabe?... quem subia atrás já viu!... não tem nem o que se esperar de uma pessoa dessa... o pai dele por ser delegado juntou os dois... pra vê o que ia acontecer... mais... mais... separam logo depois... apressando a vinda de nossa família pra cá, com ela grávida...

Eu já estava com doze anos em 86, ela ao ter o bebê estava com dezessete... quase de maior... com esses problemas todos vimos mesmo assim a porto velho... toda a família... ficou lá um irmão mais velho porque estava servindo o exército... então deixaram ele terminar lá o serviço militar... ao chegarmos aqui fomos morar no Embratel...

Meu pai, ao mesmo tempo em que era pastor, fazia serviços de contabilidade... trabalhava de contador numa serralheria... geralmente o dono da serralheria não pagava... foi acumulando os salários... de repente, este homem falou pro meu pai que tinha um terreno no Candeias, se ele quisesse o terreno no lugar dos pagamentos... meu pai disse: “deixa eu lá ver”... foi lá, olhou e se apaixonou pelo Candeias... era só mato pra nós (1)... uma tristeza! (1b)... ele se apaixonou!... Na época, pra ir lá no terreno do homem era difícil... totalmente atolado de lama ate aqui na perna!... Mesmo dentro da cidade era ruim... hoje passa até ônibus, passa tudo!... quando chagamos era tudo mato!... meu pai gosta de coisa calma... na infância dele fora criado assim... na fazenda, entendeu?

O mato é tudo pra ele... isso é a paixão dele, ele não gosta desse negocio de cidade: carro passando... gosta de coisas tranquilas... agora retornou pra Rio Branco... Largou tudo: casa com alvenaria, no azulejo, telefone... todo o conforto possível!... Recebeu um convite

para retornar... sabe como é missionário?... hoje aqui, a manhã lá... ele esta atualmente em Acrelândia que fica a 100 Km antes de Rio Branco...

Pois é, aí minha vida começou a complicar... a infância foi tudo bem, tudo certinho, a adolescência já foi no Candeias... eu a princípio tinha já em 88: treze para quatorze anos... aí conheci um rapaz: comecei namorar sério... o rapaz se empolgou, empolgou!... fiquei namorando e tinha apenas treze anos... quando interei quinze anos eu ia casar com esse rapaz... Era assim: ele disse que a minha festa de quinze anos ia ser junto com o casamento... eu fiquei toda empolgada... porque tava naquela idade de assanhamento né?... tava toda assanhada e resolvi...

Noivamos e compramos tudo!... só que lá no Candeias era ruim de emprego... consegui um aqui em Porto Velho, na rua nações unidas, na casa rural... Dali conheci um rapaz... rapidinho me apaixonei... pensei: “bom, se eu me apaixonei é porque não amo o outro... então vou acaba”... faltava uma semana pro casamento, tudo pronto!... nesse dia eu cheguei de noite pro meus pais e falei: quero conversa com vocês, disse que não queria casar, tinha desistido, aí meu pai me deu sermão!... visto que esse rapaz a princípio não era crente e quando me conheceu entrou pra igreja e ficou bem firme mesmo!... Meu pai então falou: “Como você vai largar um rapaz da igreja, um rapaz honesto e todo trabalhador?!”... “Eu quero, eu quero e pronto!”... disse, né?... Minha mãe então: “não minha filha, o que você decidir pra mim ta decidido, eu não queria que você casasse mesmo!... você tem todo meu apoio!”... decidi e rompi com aquele e fiquei namorando esse outro, mas escondido!...

Esse rapaz chorava... vivia em minha casa... inclusive meu pai até se zangou: “que história é essa que você terminou com esse rapaz e ele não sai de casa?”... Não por mim...era ele que queria vim todos as noites... até que mandaram ele pra Guajará-Mirim... ele já tava a ponto de cometer uma loucura por mim!... não queria comer, não queria tomar banho, não queria nada!... mandaram ele pra Rio Branco... era um rapaz novo tinha uns dezenove anos... éramos bem novos... ele foi pra casa de um pastor... não deu certo... inclusive ele voltou e foi pra Guajará... Antes, voltou, inventou pro meu pai uma história... Ao voltar de Guajará disse que queria conversar com meu pai... depois soube pela boca das minhas irmãs que ele tinha falado que era uma obrigação ele casar comigo porque já tinha tirado minha virgindade, se sentia na obrigação... aí eu peguei e falei pra minha mãe que era mentira dele, que eu não gostava dele e não tinha acontecido nada era ele queria me prender mesmo!... Minha mãe disse: “vou ti levar no médico”... levou aí o médico falou que não tinha como descobrir... Só sei que foi uma confusão, sabe?... Depois de tudo o rapaz ficou mal!... Dali criei raiva, nojo

dele fiquei zangada!... Se não tivesse inventado, tava até pensando em voltar com ele... tava com peninha...

Ele amava mesmo!... não faltava um dia em casa de meu pai às vezes tratava-o mal porque ele não largava do meu pé... não tava nem aí... quando chovia minhas irmãs comentavam: “graças a Deus que está chovendo, pelo menos assim o Nelson não vem”... quando dava fé, ele aparecia!... Escrevia poemas... se eu passasse numa loja e gostasse de um vestido bonito ele dava um jeito de comprar... você se sentir amada é muito bom... eu tava pensando em voltar porque ele me amava... com o tempo aprenderia a gostar, né?...

Na verdade o conheci na festa junina... eu tava afim do irmão dele, que inclusive, tinham apostaram pra ver quem ia conseguir me agarrar... nisso me mandaram um bilhete... dizendo que o rapaz era assim, tal, né?... quando cheguei no local não era seu irmão, mas ele... como também tinha feito aposta com as meninas no dia: “hoje eu arrumo um namorado aqui!” tive que realizar a aposta (risos)...

Depois que terminei: minha mãe achava que eu havia feito o rapaz de palhaço... aí, comecei a gostar do outro... vinha pra cá dizia que vinha me encontrar com as minhas colegas... mas não... vinha para namorar...

Sempre fomos evangélicos... no carnaval fazemos retiro... acampamento... Na época meu irmão dava muitos problemas... más companhias... Minha mãe me falou: “minha filha pega o teu irmão e leva ele pro acampamento da igreja, tenho certeza que ele vai querer ir para o carnaval, vocês se dão bem”... fui lá com esse meu novo namorado, o Marcos... Quando eu cheguei lá, conheci meu futuro esposo, Wilson...

O Wilson na época me largou cantada: “onde você mora?”... Falei: “moro lá no Candeias”... aí ele... “lá é muito bonito!... pretendo comprar um terreno lá vou construir vou morar lá!”... tal... Nunca tínhamos nos vistos antes... Ele já era evangélico... eu também sou desde quando nasci... Já meu namorado não era, o Marcos... era católico...

Quando voltamos de lá... eu morava lá no Candeias e meu esposo morava nessa rua aqui próximo a Amazonas... aí tá... ele nem sabia... foi em fevereiro mais ou menos lá pra abril... eu trabalhando aqui próximo a Norte Malhas de repente... por acaso, ele foi comprar ração pro cachorro... Viu-me: “oi tudo bom?” falei: “tudo bem!”... Quando foi de noite, me encontrei com meu namorado e perguntei: “adivinha quem eu vi?” ele: “quem?”, respondi: “eu vi aquele rapaz lá do retiro...” ele falou: “ele foi bem atrás de você!”... “não! ele foi atrás de comprar ração pro cachorro”... “tu acreditou nessa historia?”... “claro! ele não sabia que eu trabalhava lá”... aí ele falou: “nada homem é tudo assim mesmo, com certeza ele foi atrás de ti!”... e assim discutimos bastante...

Não sei por que ele pregou isso na cabeça!... O incrível é que todo lugar que eu ia com o Marcos, encontrava o Wilson... fomos lá pra Expovel, lá tava o Wilson... o Marcos já dizia: “esse rapaz está atrás de ti!”... Outra vez íamos lá na Nova Jerusalém do grupo êxodo, encontramos também o meu esposo... sempre repetia: “esse rapaz está atrás de ti”... era apenas coincidência!...

Pelo mês de junho... existia aqui no Gonçalves uma lanchonete... geralmente almoçava lá devido trabalhar na Casa do Agricultor e estudar no Rio Branco e de quebra morar no Candeias... Um certo dia fui almoçar e encontrei com o Wilson lá na lanchonete... sentamos na mesma mesa e começamos a bater papo... nisso o colega de meu namorado viu né?... contou pra ele... como já tava invocado... sabe?... Certo dia entrou de escritório a dentro que não falou com ninguém... o pessoal depois contou que ele estava amarelo de raiva... entrou com tudo e me deu um murro bem assim no rosto que minha boca sangrou na hora!... disse: “você estão me traindo... eu sabia que vocês dois estavam com armação... eu não te falei que o Wilson andava atrás de te?”...

No sábado ele apareceu lá... daí eu não queria mais nada com ele... liguei pro Wilson e falei o que tinha acontecido... o Wilson ficou assim... falei também que ia terminar tudo... Wilson falou: “assim então tá... vou afastar-me de você porque estou causando problema pro seu namorado” então eu disse: “não estou mais namorando ele”... “mas resolvi me afastar assim mesmo, respondeu”... ele se afastou e nisso eu fiquei tentando terminar com meu namorado... Foi no Candeias falar com meus pais que tava namorando comigo e tal né?... que pretendia casa... só que eu não gostava mais dele...

Foi assim uma coisa de Deus!... eu creio que foi uma de Deus o Wilson ter ficado comigo... eu não lembro do momento que eu me apaixonei por ele... que passei a gostar dele... o momento que ele me despertou... minha paixão por ele foi assim num ritmo calmo.. os outros não! todos foram paixões repentinas...

O Wilson namorava uma amiga minha... e marcavam encontro onde eu trabalhava... num desses encontros nos reencontramos e a partir daí expliquei que não namorava mais com meu anterior, nisso também logo depois ele terminou com a sua namorada e passamos a namorar... uma coisa de Deus!...

O meu ex-namorado me perseguia... ficava prometendo de me matar... era boliviano sabe? ele falava assim pra mim: “se eu não fosse dele não seria de mais ninguém”... ele ia me matar!... chegava a rasgar minha roupa no meio da rua... não me deixava em paz!... foi o pior namorado que eu tive... o único namorado que eu me arrependo de ter tido... ele era horrível!...

O Wilson então se afastou de mim... certa vez então, ele vinha pela rua Amazonas de moto e sofreu um acidente, ligou para mim e disse: “sofri um acidente”... perguntei: “você está bem?”... “você tem uma boca santa, respondeu”... aí eu perguntei “por quê?”... “pois se você me der um beijo, sará”... foi a última cantada que ele me deu... a partir dali começamos a namorar... três meses depois ele me pediu em casamento... foi tudo assim muito bom...

Ele morava com a mãe, ela era daquelas xarope, típica sogra... um belo dia a agente tava na sala, assistindo o programa Silvio Santos, ela simplesmente mudou de canal!... ainda começou a fumar, meu esposo falou: “mãe além da senhora trocar o filme, ainda vai fumar na nossa cara?” ela respondeu: “eu to na minha casa, eu faço o que quiser porque as coisas são minhas, a casa é minha, os incomodados que se retirem que eu faço o que eu quiser, porque eu estou no meu direito pois estou na minha casa!”... foi quando ele me pediu: “você quer casar comigo?”... não aceitei de imediato... falou que me dava um tempo, aí perguntei quanto tempo, disse: “te dou 1 minuto pra você pensar!”... “não sou mais nenhuma criança e não gosto de namorar por namorar porque sou evangélico e tenho que ter um objetivo na minha vida!... ou a gente casa ou vou procurar alguém que queira casar, não quero namorar por namorar!”... aceitei, fomos a minha casa, pediu em casamento e tal, né? Depois que tava tudo certo ele disse: “só tem um porém... a única coisa que tenho pra te oferecer é esse ventilador”... concluiu: “você ouviu o que minha mãe falou?... que tudo o que tem aqui é dela, o ventilador é meu, esse eu comprei com meu dinheiro sendo a única coisa que tenho pra te oferecer”...

Minha experiência de vida foi sempre relacionada a namorados, as coisas ruins e boas que aconteceram foram por causa de namorados... tive que enfrentar meu pai, minha mãe, desde o primeiro namorado... Meu pai sempre foi assim tradicional, muito tradicional!... era daqueles que tínhamos que pedir licença pra tudo... permissão pra gente ir ao portão da casa, pro quintal... se ele chamasse e estivéssemos lá fora na rua brincando, ele perguntava logo: “você pediu pra quem?”... então batia, fui assim muito presa... por isso aprontei muito na minha adolescência... mentia pro meu pai dizendo que ia pro meu trabalho, mas ia namorar... falava que tinha perdido o ônibus, mais não, tudo pra judiar do meu pai!... tudo pra me divertir... apanhava mais sempre continuava...

Quando éramos adolescentes minhas irmãs lavavam roupas, passavam e o meu serviço era de arrumar a casa... nada de pesado!... pra não quebrar as unhas e não estragar a pele... Em casa sempre convivi bem com minha mãe... Sou uma pessoa muito fechada, nunca tive amigos para poder contar, tenho muito segredos, segredos feios!... eu nunca tive amigos... eu sempre me submeti a ajudar, entendeu?... gosto que as pessoas passem contar comigo pra

qualquer coisa, eu estou pronta a ajudar sempre... pode ser de madrugada qualquer hora, entendeu?... qualquer hora a pessoa que chegar aqui ligar estou disposta... mas eu sou difícil pra pedir ajuda... fico pensando, será que a pessoa gosta de mim?... será que não vai achar ruim?...

Tava até pensando hoje, tudo você tem que ter um objetivo na vida, por incrível que pareça eu penso, toda pessoa pensa nisso algum dia: objetivos pessoais, quando não, é em progresso econômico e financeiro... Já o meu não, eu quero fazer alguma coisa que me agrade, sinta bem, tendo um salário de 1.000 reais pra mim já tá bom, certo?... Eu posso me matar de trabalhar mais eu faço o que eu quero! (2)... Gostaria de dar aula: estou cursando Letras e Inglês, pra professor entendeu? Ouço meus colegas dizerem que têm tédio que não querem nem saber da palavra professor!... o pessoal fala assim: “Deus me livre!... passando aqui quatro anos da minha vida estudando pra ser professor, não quero isso, quero sonhar mais alto!” Eles falam... no meu caso é diferente, estou a título de experiência no Sesi, quando for em março eu vou ser contratada, já o pessoal da administração trabalha todo bonitinho, o pessoal da administração você saber né?... são vistos como melhores que os professores todo lugar é assim, eu creio assim... e no Brasil é assim mesmo!...

Creio que vai melhorar... porque vemos todo dia as pessoas dizerem que querem ser advogados, engenheiros etc., a fila pra essas profissões tem aumentado diariamente... em São Paulo, ou nas grandes capitais são enormes as filas e o que vemos nelas são essas profissões e não muitos professores... então com certeza vai melhorar!...

Como mulher eu creio que estou realizada, tenho uma filha, uma filha que não é grudada na gente... acho bom porque dá uma autonomia para nós e pra ela... menino grudado na mãe acho terrível, sou muito apegada com minha filha, mas com limites... Fiz nove anos de casamento, nunca tivemos aquelas brigas, apenas discussão rotineiras de casais, sabe?... Por tudo isso acho que acertei na loteria, ele não é ciumento, não fica na minha cola, nem fico na sua... sempre digo: “onde há fumaça há fogo”... pessoa que é ciumenta é porque alguma coisa ela já fez!... alguma coisa tem ou é insegurança ou não tem certeza que ama... ele pode sair de madrugada que eu nem pergunto pra onde ele vai porque eu sei que quando ele chega conta... está sempre comigo... se tiver que sairmos pra algum lugar sempre a gente sai... nos momentos que nem agora ele foi jogar bola, fiz minhas comprinhas, entendeu?... sem problemas!... não fico perguntando onde ele estava agora de noite, o que estava fazendo... com quem estava...

Nunca se sabe o dia de amanhã se Deus quiser tudo vai dar certo! Já vi pessoas de 30 anos de casamento separarem-se... Depois que a gente fica um ano às pessoas comentam

sobre a separação: “já se separou?”... mais foi um ano!... as pessoas se preocupam muito com o tempo, meses, anos o que importa é o que viveu participou com o outro!... A princípio eu já me realizei, agora o resto é resto!...

3.7 – LUCIA MARIA BATISTA FORTES

Eu e minha família morávamos num sitio (1)... lembro que só tinha até a quarta série por isso não pude continuar os estudos. O lugar ficava a 11 km de Brasília chamado 'Estrada Velha' ... Gostava de morar lá, mas hoje prefiro a cidade porque não tive estudo, e quero dar pros meus filhos o que não tive. A vida no sitio é dura e a gente quase não tem nada, e agora as coisas ta muito mais difícil (2)...

Lá meu pai era muito bom pra mim e meus irmãos, bom demais... minha mãe também, éramos em oito, todos juntos, só saí depois que casei ao 15 e logo vim para Brasília.

Meu pai pagava as pessoas pra trabalhar, e esse meu esposo era trabalhador dele, e assim o conheci, logo em seguida casamos no Quinari um lugarejo perto de Rio Branco. A irmã dele foi minha professora e assim por diante... era normal as mulheres casarem com quatorze ou quinze anos, porque lá onde eu morava não tinha como continuar nos estudos, era doida pra estudar na cidade mas meu pai nunca deixou... Éramos católicos e eu catequista, as freiras iam lá rezar a missa e eram doidas que eu fosse morar na cidade, mas meu pai nunca deixou de jeito nenhum... nascido no Piauí né? mas criado no Acre... agora a minha mãe é filha mesmo de acrianos...

O trabalho era na agricultura: banana, café, carvão... e vendia na cidade... Meu pai veio a falecer e logo em seguida venderam tudo o sítio... minha mãe mora na cidade de Brasília... uma irmã mora aqui e outra em Manaus.

Saímos de Brasília devido que sempre pensei assim: queria conhecer outras cidades né? lá é pequeno, uma vilazinha (2b)... tive oportunidade de vim morar com a minha irmã, logo que me separei, em Rio Branco. Assim que casei fiquei grávida, mas minha filha faleceu num acidente de carro, ela tinha dois anos. Nesse período ela não morava comigo. O acidente foi assim: o pai dela pegou ela para dar uma volta de D20, e dirigindo em alta velocidade capotou, estava minha filha e a da vizinha, iam muitas pessoas mas só as duas morreram todos os outros escaparam... foi muito triste as mortes, abalaram todo mundo...

Minha separação aconteceu mais devido a minha vontade assim de ter a minha própria casa, antes eu vivia se mudando daqui pra li, separamos mais por causa disso... também era muito nova né? Ao me separar foi morar com minha irmã e de lá vim para Porto Velho

Vim morar aqui mais eu não gosto daqui, mas sempre tive vontade de conhecer, e logo que uma amiga me convidou eu vim... fui morar bem ali no Tancredo Neves... alagava tudo... cheguei no tempo do garimpo... tenho uma prima ela mora lá no São Francisco, e era doida que eu fosse pro garimpo com ela mais nunca tive vontade... tive medo porque as pessoas

diziam que matavam lá e ela trabalhava no garimpo, agora ela casou... naquele tempo tudo era mais fácil...

Foi aqui que conheci esse meu atual marido. E depois ele me levou para conhecer sua mãe lá no Maranhão... gostei muito de lá mas ela mora numa cidade muito pequena também, acho melhor aqui... Eu era doida pra morar em Manaus, devido ter uma irmã morando lá... fui passear lá e achei bom, é legal porque lá tem vários lugares pra você sair, alias eu nunca gostei assim de sair muito... no carnaval só ficava pra assistir...

Atualmente não sou mais católica, sou da Assembléia de Deus... Quando eu era criança, lá tinha Assembléia de Deus, sempre tive aquela vontade mais meu pai não deixava a gente ir... Sempre tive vontade de ser crente... tinha muitas pessoas da igreja que me convidavam pra ir lá... faz tempo que frequento, mas agora acho bom... gosto porque meu esposo bebia assim... agora deixou... era muito chato... nunca gostei de pessoas que bebem, até hoje não gosto, eu nunca gostei. Nunca bebi nem nunca fumei, mas nunca assim... conheci uma pessoa que não fumasse, sempre conheço pessoas que fumam... depois que a gente passou para a igreja ele deixou de beber. Com relação ao casamento estou contente, meu esposo é bom pra num, um bom pai para nossos filhos.

Minhas expectativas são poucas para meu futuro, mas fiz um concurso para a prefeitura, passei, mas não fui classificada. Minha irmã disse que agora vai correr atrás, porque ela conhece muitos políticos, né? É a Leide como se chama, só vive na Assembléia... ela mora aqui no São Francisco. Estou torcendo assim... que ela consiga, porque trabalho e não é de carteira assinada, estou até com vontade de sair de lá... trabalho não só pelo dinheiro e sim porque gosto...

Gostaria também de voltar ao Acre porque agora minha mãe está só, meu pai faleceu, ela falou que queria que eu voltasse pra lá, aí eu falei pra ela que se meu esposo arrumasse assim... Um trabalho bom, né? Que compensasse a gente ir, eu sabe? Mas estou esperando ele voltar de lá, porque foi fazer uma área pra ela... A nossa casa aqui já ta quitada com a Caixa Econômica, mas se formos mesmo eu não vou vendê-la, apenas deixo minha cunhada nela... porque se não desse certo lá a gente volta...

Aqui está muito ruim (3)... Minha mãe disse que lá ta bom... meu esposo pode encontrar obras para trabalhar... ele trabalha bem e não cobra barato... só para quem tem dinheiro, valoriza o trabalho que faz... esse ano foi ruim aqui ele não pegou trabalho grande, só pequenos trabalhos que dá pra ir sobrevivendo, né?...

CAPÍTULO IV

4 – DESDOBRAMENTOS

As atitudes, os gestos e a experiência variam em cada pessoa [...]. (Claval, 2001: 98).

Desafortunadamente, las maneras de vivir se expresan en el lenguaje hablado, que no deja huellas. Los testimonios escritos son, pues, incompletos, expurgados em parte de lo que nos interesa. El lenguaje no está limitado a la expresión del habitar. En él encontramos también el alimento, el vestido, los juegos, así como los recuerdos de acontecimientos y las indicaciones relativas a las múltiples actividades económicas y políticas.²⁶ (Lefebvre, 1987: 156).

Antes que se inicie este capítulo interpretativo é necessário entender o que se segue: os números que aparecem entre parênteses pontuando alguns trechos nas narrativas indicam as frases que nos chamou mais atenção em cada entrevista.

Henri Lefebvre, um entre os filósofos com que Milton Santos (1986) procura dialogar para que uma *nova geografia* se fundamente com parâmetros renovados, mostra-se interessado pelo espaço, mas um espaço que seja vivo de realidades sociais, vivo de poeticidade. Nesse caso, colocamos o narrar como materialidade viva por excelência para captar os lugares em que somente pelo descritivo não pode dar conta isoladamente. Lefebvre, é óbvio, não nega o escrito, mas o compreende como criação social, e por tanto como fruto de erros e acertos, pois a realidade expressa pela escrita é a realidade de um povo, de uma pessoa, e não objeto materializado sem historicidade, intenção ou ideologia. A oralidade, tem o mesmo peso que a escrita, pois é criação social viva e mas complexa porque sua materialidade depende do interesse que alguma sociedade lhe promove. O mundo ocidental é o mundo do escrito, por isto, existe um maior desinteresse quando se trata do falado. E é o diálogo com as narrativas que esse presente capítulo pretende realizar.

²⁶ “Infelizmente, as maneiras de viver expressam-se em linguagem falada, que não deixam vestígios. Os testemunhos escritos são, pois, incompletos, ofuscados nas partes que nos interessam. A linguagem não está limitada a fisionomia do habitar. Nela, encontramos também o alimento, o vestuário, os jogos, assim como as lembranças de acontecimentos e esclarecimentos de variadas atividades econômicas e políticas ”

Nossas entrevistas são orientadas por feixes de interesses. Identificamos, deste modo, significações e as desdobramos de maneira labiríntica, a partir de uma frase ou palavra, amparado pelos estudos de Merleau-Ponty (2000: 82):

[se] Há um outro, ele nunca é para meus olhos um Para-si, no sentido preciso e dado em que o sou para mim mesmo. Ainda que nossas relações me levem a concordar ou até a experimentar que ‘também ele’ pensa, que ‘também ele’ possui uma paisagem privada, não sou esse pensamento como sou o meu, não tenho essa paisagem privada como tenho a minha, o que digo a respeito é sempre derivado do que sei de mim por mim mesmo.

Merleau-Ponty não anula o outro, busca pela diferenciação instaurar o ‘outro’, radicalmente, ou simplesmente compreendê-lo. O imaginário da migração é o que impulsiona nosso desdobramento aqui. Isto é possível porque as narrativas, presente nessa pesquisa, não são documentos fechados, mas se apresentam a nós com lapsos, brechas e vazios narrativos que proporcionam interferências e diálogos com o tema migração.

Assim como Bachelard (1990, 2001a, 2001b) desdobra feixes de imagens, psicanalisa-os dando ênfase àquilo que chama de “significâncias”. Portanto, procuramos, não da mesma maneira, tão somente desdobrar pontos de interesses que, a nosso olhar, se mostrem significativos. Bachelard está preocupado em analisar textos literários. Em nosso caso, a preocupação foi considerar nossas entrevistas não como apêndice de um trabalho sobre migração, mas torná-las o eixo central de nossa pesquisa.

Denominamos esse procedimento de *desdobrar-pontos de interesses*, parecido com aquele que José Machado Pais (2003: 29) denominou de “caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura”, que a cada olhada na leitura, a rotina pode ou não ser um ponto, brecha, traço que apresente importância. Esse desdobrar traços/interessantes é suportado por “uma sociologia passeante que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social” (Pais, 2003: 29).

O que chamamos de desdobramentos é um tratamento fenomenológico de imagens, no qual estão implicados o narrador e o analista, possibilitando o enfrentamento das narrativas e o diálogo com os narradores. Esse método foi iniciado por Bachelard e retomado por Gilbert Durand que assimila Bachelard e dialoga com os métodos de análise de narrativas propostos por Freud e Lévi-Strauss.

4.1 – A MATA

Esse primeiro bloco, para o qual construímos significações, marca o imaginário expresso da maioria das narrativas, seja pela preferência pela mata como lugar de origem ou pela contraposição entre a mata e a cidade, privilegiando uma ou a outra: **Eu gosto muito mais da vida no interior do que da cidade...** (1)²⁷. De onde vem esse *gostar* que tira Sebastião por um momento de seu cotidiano e o recoloca em outro lugar? Para um homem como ele que está há muito tempo com os pés firme na cidade, como pode de imediato, preferir um lugar na mata? É que esse lugar ao nosso ver é, um lugar que não é visto, ou alcançado, o lugar geográfico, real, não é só o que impulsiona tal vontade. Podemos ver, nesse sentido, mais que uma lembrança ou um além nostálgico, um além lugar, mesmo que se refira a um lugar determinado. E que lugar é esse que o nosso “olho de geógrafo” quer encontrar? Apareceu-nos uma pista: **no meio da mata, seringueiro velho, né?** (2): a mata por si só é a reunião de todos os lugares, não um lugar específico, ela é o lugar do homem e dos animais, onde os limites do possível não podem ser encontrados. Mas há muito que a geografia humana sabe que hoje, no reino da urbanização e na pós-modernidade, o problema se encontra onde há algo que não esteja domesticado pelo capital.

Sílvia Simione da Silva (2003: 31) já tem claro para a região Amazônia seu lado lúgubre quando diz:

A categoria espaço geográfico, assim ganha importância fundamental, pois a natureza em seu conjunto, foi transformada em formas produzidas pelo homem conforme o modo que se organiza ou é organizado para produzir. Por isto, podemos falar de uma natureza socializada, ainda que esta seja uma floresta como a Amazônia, pois, todos seus recursos já têm donos, a interferência humana já faz presente mesmo nos locais de “mata virgem”, através de leis ambientais, títulos de terras etc.

As consequências dessa constatação é terrível? Não. É apenas inevitável. Ninguém se iluda, o capital se não chegou em algum lugar vai chegar. As peculiaridades das regiões existem, mas elas estão, cada vez mais, sendo impostas pelo movimento do capitalismo globalizado. E olhar para as diferenças de sentidos dos narradores da região é entender o quanto as diferenças são prejudiciais para o capital.

Podemos dizer que nesse início, o narrador nos deixa à deriva, pois o lugar não é um lugar qualquer objetificado. A mata não é só um espaço geográfico. Talvez, só ao homem de

²⁷ Os números que aparecem entre parênteses indicam o número nos textos dos narradores do Capítulo III.

cidade um lugar determinado faça sentido. Godelier²⁸ ao estudar as diferentes tribos “não ocidentais”, não só desnaturaliza um olhar sobre elas, mas põe em movimento, desdobrando-as quando diz que “A terra não é unicamente um solo mais ou menos fértil, nem o gado, carne, leite ou couro, ou as árvores, madeiras frutos”. Essa maneira de entender é diretamente proporcional à nossa noção de Desdobramento porque visamos uma compreensão dos lugares de origem e destino a partir das oralidades, e não de nossa presença nos ambientes onde viveram nossos narradores.

O **Seringueiro velho**, expresso por Sebastião, complementa o que ele entende como mata, pois não é apenas um seringueiro qualquer, é necessário ser mais, o ser velho, mesmo estando Seu Sebastião com 44 anos no momento da entrevista. Acreditar-se **seringueiro velho** é o que lhe possibilita crer que tem experiência, e importância (muitas “culturas” ainda acreditam no velho não como um ser já descartável, mas como o eixo de tal comunidade). Possivelmente, é desse jeito que é apresentado o velho para o imaginário de Seu Sebastião. E tudo passa a ser velho: **macaco velho!...** (3) como podemos saber ou acreditar em algo que (vindo da mata) não seja velho, feio, sábio, como o carvalho nodoso de Bachelard? Qual é a importância do animal aparecer aqui? Não é possível uma floresta “vazia”, sem animais ou homens; os dizeres que relacionamos estão sempre ligados aos animais... Vemos, talvez, de imediato que o tempo, as coisas, os animais, tudo se movimenta em imagens ou significações que como um redemoinho arrasta significados. Discordamos de Amaral (2004: 88) quando afirma que: “Para o Seringueiro a ‘mata’ é um espaço de moral, é o local onde se movimenta, é o espaço de produzir e viver”, porque não acreditamos em um “seringueiro universal”, Sebastião não é apenas seringueiro enquanto categoria, sem contar que sua concepção da “mata” deve ser observada como diferente da “mata” do Aldenor, e da Glória. Esta mulher vê a mata como refúgio de um aconchego acalentador.

Glória, pelo motivo de uma mata-refúgio, vive nitidamente esse entre-mundos, sentindo a perda do lugar de origem, mas se adaptando firmemente nesse novo lugar de destino. Discorre longamente sobre o convívio com seu pai (imagem presente em todas as narrativas). Podemos afirmar que o pai é o outro eixo imaginário, sem esquecer a colonização na Amazônia “patriarcal”, onde a mulher tinha lugar secundário na comunidade. A imagem é recorrente em Glória: **Passei boa parte de minha vida em contato com a mata...** (2) Mas a **mata** aqui, como vimos, não é apenas um lugar determinado, é acima de tudo uma presença, a possibilidade do falar narrativo dos narradores, o momento imaginário de onde o

²⁸ Godelier, In: Carvalho, 1981: 55.

desdobramento é possível, pois a mata enquanto fisicalidade já não há mais, nesse momento, enquanto *viver* nela. E tal presença pede passagem: **e essa lembrança lá da mata, a natureza...** (3) Glória se expressa como se Porto Velho estivesse num deserto, onde a mata, a natureza estivesse à milhas de distância e é só ir a beira do rio Candeias ou do rio Madeira para ver a floresta! De que mata, de qual natureza ela fala? Para nós, essa floresta não é a que está em nossa frente, a floresta que freqüentamos nos finais de semana; é mais que folhas e madeira indicada pelo imaginário-efetivo. A mata/natureza que ela narra é, para nós, o seu imaginário-afetivo. Aquilo que lhe possibilita a lembrança, o acréscimo idealizado de que sua fala tanto precisa e que nos possibilita o desdobramento feito aqui, é o seu *topos*, o seu “lugar” no mundo.

O distanciamento de Glória da mata a tona cada vez mais ligada a essa mata imaginária. Essa imagem da mãe-natureza, se liga ao sofrimento que teve em família, tornando-se forte em Glória que as coisas ligadas ao cotidiano passam a ter conotações penosas: **e foi muito angustiante...** (11) diz Glória referindo-se ao período que estudou no colégio das freiras. Mas a entonação do imaginário é visível devido à palavra **angustiante**, se desdobra para um momento que não era angustiante. De onde poderia vir essa angústia que não de uma presença radical da grande imagem da mata, mãe acolhedora? Qual seria o lugar que deixaria Glória feliz? Ela nos diz sobre o internato no colégio de freiras **não era o meu habitat...** (12) **não era a minha vida...** (12b) obviamente porque seu lugar seria num outro lugar; habitar poético como fala Lefebvre (1989: 153): “Es fácil construir inmuebles o “barrios” según las prescripciones de este pensamiento operativo. Menos seguro es ya que los habitantes estén satisfechos, y aún más inseguro que lleven en ellos una vida digna de ser vivida”²⁹. Claro que aqui, o autor se refere aos lugares que são construídos pelos arquitetos, isto é, que respeitam apenas o lado técnico, excluindo o lado humano de que irão viver neles! Podemos relacionar com o que Glória expressa com o **não era a minha vida**, como essa mudança de *habitat* não resolve se a pessoa não ver nesse novo *habitat* um verdadeiro *habitar*. O **não era a minha vida** pode se encaixar no sentido em que deu Claval (2001: 189) quando diz que “Nada é pior que se encontrar só, perdido num lugar desconhecido, sem saber como retornar a um ambiente familiar”. Em Glória o distanciamento da mata pode muito bem significar um distanciamento da família, de suas coisas íntimas e pessoas em convívio, etc. A migração aqui é de penar, de perda e de angústia. A luta dessa mulher no movimento sindical ou partidário, em que prioriza os movimentos femininos, não pode ser apenas entendido num

²⁹ “É fácil construir imóveis ou bairros segundo as determinações deste pensamento operativo. Menos seguro é, visto que, os habitantes estejam satisfeitos e, ainda, mais instável de levarem uma vida digna de ser vivida”.

sentido de “feminismo”, de mulher “progressista”, mas deve passar pelos sentidos que ela própria apresenta na narrativa.

O Estudei numa escola de sapé, né? Aí de repente vim pra uma escola assim... Tinha muita gente rica... (13) Há desumanidade no fato do homem ser desligado de seu lugar-íntimo (lugar familiar, a terra-mãe) e Glória, desde pequena parece, traz esse sentimento de saída enquanto “despojamento” de seu próprio ser. Tuan (1980: 114) infere que

Além da roupa, uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Ser despido, pela força, da própria casa e do bairro é ser despido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior”.

Glória presenciou quando pequena, no seringal, a expulsão de sua terra (lugar-íntimo), mas não perdeu a força de seus sentidos, e principalmente seu *habitar*³⁰ está presente como imagens renovadoras de sua luta enquanto mulher proveniente da mata (ver Glória: 5, 6, 6b, 7, 7b, 8, 9 e 10)³¹.

A imagem da mata como expressão do **interior**, recorrente na maioria das entrevistas aqui discutidas, caracteriza esse desenvolvimento endógeno presente nessas narrativas. É talvez o eixo que nos arrasta para seu centro como um pai que recebe seu filho; não o pai carnal, mas o pai imaginário, a partir do qual a casa, o campo, o nosso lugar de origem real passa a ter significação. E como não lembrar, a partir desse interesse de retorno de Sebastião para a mata, do retorno à imagem mítica do centro? Tal atitude do narrador nos faz lembrar outra variação desse mito expressa na passagem bíblica do filho pródigo expressada por Lucas (cap. 15, versos 31-32):

E ele lhe disse: filho, tu sempre estás comigo,
e todas as minhas ‘coisas’ são tuas;
Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos,
porque este teu irmão estava morto, e reviveu;
e tinha-se perdido, e achou-se.

³⁰ - Sobre *sentidos e habitar-habitat*, ver H. Lefebvre, *De lo rural a lo urbano*, 1978, pp. 151-158.

³¹ “já tava com 5 anos ou 6... Chegou na beira do rio um batelão, com soldados da Bolívia armados com Carabinas, uma arma grande... procurando meu pai que tinha acabado que chagar do roçado... Minha mãe nos segurou... estava com medo... Perguntaram ao meu pai onde estava escondendo as borrachas, meu pai falou que não tinha, que não estava escondendo... Chamaram-no pra olhar ao redor da casa, no mato, disseram que tinha que desocupar a casa no dia seguinte pois iam trazer o batelão pra levar o meu pai de volta, que tinha que ir embora... Não pudemos ficar mais ali! Meu pai não sabia o que fazer né? Disse a nós que tínhamos que arrumar as coisas, tudo pra de manhã cedo pegar o batelão pra ir embora...”

Neste “centro” acolhedor o **homem que gosta de trabalhar não passa fome no interior** (5): De qual trabalho fala Sebastião, já que ele trabalha atualmente em outro tipo de atividade e ao que parece, não passa fome? Como no **interior** não se passa fome, se sabemos que os nossos colonos vivem na miséria comentada pela mídia e atestado por inúmeros estudos acadêmicos? Por que este homem encontra fartura num “lugar” onde todos, ou quase todos, só vêm desilusões? Será que há uma moral religiosa, que ajuda a amenizar o sofrimento dos colonos nos confins da amazônia? Essa luta, de suportar sofrimento e dureza, tem muito dos sentidos imaginário vindos de lugares e regiões que não se pode dizer: “veio daquele lugar”. E se é verdade que nossa vida é regulada por forças impessoais, nesse sentido, é que são possíveis as vontades, as ilusões, o trabalho e a vida como um todo.

A mata, tal como o pai do texto de Lucas **sempre está comigo**, ou melhor, Sebastião não está sozinho, separado da mata. Ela é uma força que o impulsiona no cotidiano, hoje citadino, para que suporte ou não o próprio real.

Yi-fu Tuan (1980: 98), referindo-se ao povo Lele do Kongo do sul, mostra o quanto os sentidos são diferenciados dentro de uma mesma cultura quando assinala que “A floresta, uma fonte de conforto para os homens, é para as mulheres escura e vagamente ameaçadora”, e a concepção da mata, na região acreana não é diferente.

Esse **interior**, como uma imagem, alimenta o narrador em sua esperança, sonhos, expectativas de um dia melhorar suas coisas materiais. Como poderia suportar sozinho o atropelo diário, as promessas politiqueiras (se é que há promessas que não sejam politiqueiras), para continuar acreditando no dia de amanhã? Apesar de morar numa cidade que proporciona o acesso à televisão, ao rádio, ao cinema, ao banco; o conforto que tanto nos atrai, há como um inconsciente (um outro em nós) como diria Jung (sd.), que sempre deixa uma porta aberta para o mundo, numa espécie de retorno à casa paterna: interior, fonte ou qualquer nome que queiramos dar para esse interesse de retorno.

A **fome** é afastada do interior, lá quem **trabalha**, vive sem esse substantivo. Esse “interior” expressado por Sebastião, aparece sem nome específico, não é qualquer interior (lugar geográfico), porque nos lugares geográficos a fome sempre esteve presente. Esse lugar é um lugar imaginário, real, pois o verdadeiro real sempre foi imaginário (Silva, 2003). Não existe o real e depois o imaginário. O que existe é o poder instituinte de uma coletividade. Assim, diz Merleau-Ponty (1999:550), “Não existe problemas dominantes e problemas subordinados: todos os problemas são concêntricos”. Dessa maneira, não podemos entender o real e o imaginário se os encaramos como categorias independentes. Poderíamos indagar que

espécie de homem teríamos se só o olhássemos sob uma perspectiva do imaginário ou sob a perspectiva do real?

Jamais, nem mesmo uma tribo, exótica e originária para o Ocidente, produziu um homem que pensasse o mundo de maneira “natural”, sem um olhar já instituído imaginariamente.

A imagem persiste: **Se eu fosse escolher eu preferia o interior** (7). O nosso mundo democrático, liberal, capitalista se mostra como o mundo da “escolha”; por se apresentar assim esconde seu caráter verdadeiro, o de suprimir, pelo controle, a possibilidade de escolha. Na verdade, Sebastião já vive nesse **interior** sem, no entanto, perceber, como cada um de nós, a maneira que ele vive é impulsionado pelas lembranças ou desejos, e por serem assim, são sobrecarregado de imaginário.

Durante nossas conversas (sem o gravador), Sebastião sempre se mostrou otimista, perseverante e alegre, demonstrando que seu imaginário é uma verdade acolhedora, um retorno do filho pródigo, ao lugar do qual nunca esteve longe, por mais que dele tente se distanciar utilizando-se dos referentes geográficos de lugar e de espaço.

4.2 – O TRABALHO

As concepções de Sebastião, os sentidos que dá para sua experiência perpassa pelo imaginário de aprendizagem com seu pai, e irmãos no trabalho familiar. Não podemos deixar de ver nisso, uma espécie de “técnica corporal”, no sentido de sistemas de montagens simbólicas instituídas socialmente constituindo um jeito adquirido, tradicionalmente, por cada homem em cada sociedade, de servir-se de seus corpos.

A dialética do saboroso interesse por um tipo de atividade é direcionada por esse social que se inscreve sobre o corpo constituído, dando sentido a uma dureza para a qual precisamos prestar atenção: **O mês de maio o inverno como se sabe, nessa estrada aqui na Br, antigamente, nem sapo passava...** (Sebastião: 11). Essa dureza transmitida pela fala não é tão dura quanto parece. Para um homem que nunca retirou com o suor de seu rosto o sustento de uma roça; para o homem que vem de fora da região tentar tal atividade, basta um olhar na paisagem de dificuldade para lhe causar desânimo. Para homens como Sebastião, essa rudeza é o que lhe cativa, é seu *ananke*, sua nessecidade (Victor Hugo diria que é sua fatalidade).

Não que goste de sofrer, é que o sofrer é encarado de outra maneira, é uma outra projeção, outro valor, outro interesse: “Todas as durezas da idade do ferro não deve nos fazer

esquecer que a idade do ferro é a idade do ferreiro, o tempo da mácula alegria Ferreira” (Bachelard, 2001a: 107). Como não observar nesse trecho do filósofo a identificação de uma sensibilidade para transformar as durezas em prazeres que, ao invés de dar ao homem o desânimo lhe dá ao contrário a vontade de continuar.

Como deve ser um lugar onde **nem sapo passava...?** Por que continuar num lugar assim? Será um lugar humano? Por que a busca ou o destino de um lugar assim? Sebastião continuou porque não teve opção de ir para outro lugar ganhar dinheiro, diria o determinismo econômico, que explora economicamente o sentido íntimo que é para uma alma conviver com as durezas. Para o verdadeiro trabalhador “A luta contra o real é a mais direta das lutas, a mais franca” (Bachelard, 2001a: 31). Mas qualquer que seja a luta, só vale se nos armarmos: “De mão vazia, as coisas são fortes demais”³².

Eis como nosso narrador se prepara: **Cheguei, tomei um banho, fiz uma farofa de ovo, comi, peguei uma foice, calcei uma bota e me mandei pra o tabocal** (23); observamos essa ida de encontro à dureza na literatura; apreciemos essa passagem de “*Os Trabalhadores do Mar*” de Victor Hugor (2003: 269): “Gilliatt parecia não atender a nada. Tinha a cabeça inclinada no trabalho [...] A cada trovão respondia ele com uma martelada”. Gilliatt enfrenta o Furacão, Sebastião as Formigas, dessas lutas temos a certeza que a vida não é fácil, mas que também não há outra saída se não enfrentando-a de frente. Para que se armar tanto? Será que a tarefa de Seu Sebastião é tão árdua assim? Os números 12³³ e 13³⁴ já apontavam para uma batalha acirrada que ia acontecer. Já nos números 14³⁵ e 15³⁶ encontramos o iniciar de um domínio sobre uma suposta ‘natureza’ dura ou rústica.

Bachelard (2001a: 16) coloca o martelo, a faca e o arpéu (gancho de ferro) como as ferramentas que dão ao trabalhador a possibilidade de dominar, isso porque ele está preocupado com o imaginário do ferreiro. Tais ferramentas por si só não poderiam, diz ele, dar ao trabalhador o sentido da agressão, é preciso um pouco mais de dinamismo. No caso do ferreiro, não sabemos, mas em nossas narrativas temos uma pista, a alegria festiva dos nossos colonos: **Nesse dia onde a gente estava anoiteceu, tinha perto um barzinho, o cara lá muito amigo também, disse: “rapaz tem muita gente aqui eu vou fazer uma festa”** (15). Um ferreiro pode até se armar só com ferramentas, mas um colono que não gosta de um arrasta-pé (festa), parece que lhe falta algo para ser um verdadeiro colono. E tudo parece

³² Idem, p. 29.

³³ . “Quem vinha de Rio Branco para Rondônia passava de mês para chegar aqui”.

³⁴ . “Levei 36 pés de fruteiras já tudo grandinho assim...”

³⁵ . “ de pé, andei uma base duns doze a onze Km”.

³⁶ . “Nesse dia onde a gente estava anoiteceu, tinha perto um barzinho, o cara lá muito amigo também, disse: “rapaz tem muita gente aqui eu vou fazer uma festa”.

adequado para iniciar uma festa, até mesmo um **toca disco rouxinol, encapado com plástico, antigo pra caramba!** (16). E tal festa é sempre mais que nossas festas no sentido de partilha: **O interessante é que todo mundo tava de sandália, ou melhor, uma sandália para três dançar... quando um largava o outro calçava, assim... também era só uma blusa... éramos três, eu e dois motoristas e as mulheres das colônias que apareceram...** (17). Há um sentido de partilha mais bem narrada que esta?

Para que as coisas se tornassem harmoniosas era preciso um último movimento: **Dançamos, a cachaça rolando...** (18). E teria graça uma vida vivida apenas de um jeito?

E tudo que vai acontecendo é sobrecarregado de sabor. Um sabor que as vezes só pode ser apreciado realmente por quem (mesmo que em sonho) comeu uma farofa numa lata, estando com bastante fome: **Lá na frente comprei uma conserva, meti farinha d'água, aquela nossa mesmo, que a gente conhece lá, da boa! Abri a lata de conserva, tinha um plástico, misturei dentro do plástico e comemos na beira da estrada!** (20).

Encontramos uma temporalidade que parece nova: **Todo mundo sabe que na colônia, cedo já tá tudo escuro!** (21). A colônia é outro mundo? Óbvio que não! O narrador apenas dá uma explicação para quem não compreende que não há um tempo único. Torna-se, mesmo que seja por um momento, um filósofo, porque “O homem é um animal inconscientemente filosófico, que fez a si mesmo as perguntas da filosofia nos fatos; [...] e é um animal poético, que forneceu no imaginário resposta a essas perguntas.” (Castoriadis, 2000: 178). Sendo assim, Sebastião realiza duas coisas: ser filósofo, e reconhecer que não há um tempo, mas tempos sociais, e apresenta o dele para quem quiser compreender.

Anteriormente, perguntamos que tarefa árdua esperava Sebastião, pois a colônia que ele queria ficar **tinha sido largada por três caras que pegaram, roçaram, derrubaram, e não queimaram foram embora! Tudo por causa dum formigueiro na base, assim duns quarenta metros...** (22). Como enfrentar tal tarefa se não a maneira Bachelardiana? (O número 23³⁷, discutido anteriormente, nos diz como).

Para um falso colono, tal história seria o suficiente para fazê-lo abandonar qualquer projeto de possuir uma colônia e como não ver aqui um verdadeiro colono: **Quando cheguei lá, tava a touceirona ali, menino tava fechado de formigão! Desci o pau sozinho! Amolei minha foice com lima, as formigas ferravam minhas pernas que o sangue escorria. Dizia: “Daqui eu não saio, cheguei aqui e aqui vou ficar! Dentro de uma semana, tava com a minha casa (armada!) e coberta, faltava só fechar...** (24). A natureza estava

³⁷ “Cheguei, tomei um banho, fiz uma farofa de ovo, comi, peguei uma foice, calcei uma bota e me mandei pra o tabocal”.

dominada. É nesse enfrentamento, com certo riso, que cede às vontades humanas as forças de uma “natureza” a espera de ser conquistada.

E como não pensar num antes da Criação, num caos mitológico que precisa de um demiurgo para dominá-lo: “A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gênesis, 1: 2). Essa vontade de construir algo, que está quase sempre no meio do nada, e que espantou outros iguais a Sebastião, está perto e longe da explicação econômica, geográfica, e estatística. Assim como no Gênesis, a obra de Sebastião estava quase pronta **dentro de uma semana (...) faltava só fechar**: somente Deus termina para sempre uma coisa, para os mortais sempre falta algo a terminar, talvez isso seja o que o motive a construir suas coisas, ou o que nos possibilita construirmos, a cada vez, o humano. Deus, ao contrário, é o pai da “preguiça”, pois como Lafargue (1983) satirizou, fez o mundo em 7 dias para descansar por toda a eternidade!

Não se pode construir também simplesmente de um nada. É preciso um suporte, uma espécie de base sobre o que construir. Castoriadis (2000: 387), interessado em compreender esse imaginário afirma que “Aquilo que não *é* não pode ser caos absolutamente desordenado”. Nesse sentido: “O poder imaginante de uma ‘comunidade’, ao chegar a um novo lugar, nunca parte do nada para um nada, de um vazio para um caos” (Caldas, 2001: 47). Assim, para nós esse suporte é o imaginário.

As narrativas são labirintos de sentidos que nos possibilitam compreender os lugares enquanto frutos de sentimentos. Isto significa que, seja qual for o entendimento encontrado, é apenas uma entre tantas possíveis. Logo, podem nos deter em devaneios ou podem apresentar novas significâncias mais redutoras. Vejamos nesse trecho: **se você passa fome é porque é preguiçoso** (4). Há nessa afirmação, uma valorização do trabalho, ou um discurso mascarado por outros discursos burgueses que alienam o trabalho? Talvez, mas possivelmente, não! Poderíamos ver, qual um pensamento determinista, uma presença discursiva do homem que precisa trabalhar senão pode morrer de fome, idéia tão bem enraizada no cotidiano da modernidade, mas que é um velho ditado (não se podendo dizer sua origem) até mesmo porque os discursos vêm de muitos lugares sociais ao mesmo tempo. O “preguiçoso” não é bem visto pelo sistema capitalista. O mesmo ocorre com aquele que não consegue emprego, como é a situação de Sebastião; ele sofre tanto pelo discurso como pela situação econômica? Talvez não. Ser preguiçoso é ser contra o trabalho, a vontade, e como diria Bachelard, o mundo. Este só se formaria num ritmo de vontade, não a de Schopenhauer, que ele vê como um tanto passiva, mas uma que vá contra às coisas para formar o mundo. O “trabalho” dito por Sebastião se aproxima do que os gregos entendiam com tal conceito, exposto pelos verbos

Poiein e *Prattein* (no sentido dado por Godelier, fabricar e agir), não como “alienação” mas como *ananke* (necessidade) humana para transformar a “natureza”. Mas isso é possível sob as condições do trabalho alienado?

Nas regiões do Acre, com seis anos de idade eu comecei trabalhar na seringa, meu pai abriu um lote, nós acompanhando ele, ensinando a raspar, sangrar, entigelar e todos com ele pra aprender, dizia: “vou fazer pra vocês amanhã ou depois não serem nenhum vagabundo preguiçoso”... (Sebastião: 6). A figura do pai, marca alguns tons de algumas narrativas, aliás, em quase todas as narrativas o eixo das falas gira em torno de um primeiro contato de aprendizagem do trabalho com o pai.

W. Benjamin (1994a: 201) apontava o aconselhamento para o ensino de um ofício que estava desaparecendo no atual mundo da informação. Mas só pode haver conselho, ou melhor, este só pode demonstrar sua força se houver contato entre o que se conta e o que se experimentou imaginariamente. Isso se dá, segundo Benjamin, porque toda informação não traz mais problemas, isto é, já chega carregada de explicações que freiam qualquer tentativa de se imaginar. Nesse sentido, a informação jornalística não pode dar conselho ao leitor devido a esse caráter de monólogo. E o pai aconselhava com toda a força de sua convicção e doação, não usando apenas a fala ou a escrita, para se fazer compreender pelos seus, mas significando um entregar-se (não num sentido pacífico) mais total, no qual o corpo (num sentido amplo) proporcionava ou não o limite do aprender.

vou fazer pra vocês amanhã ou depois não serem nenhum vagabundo preguiçoso... (Sebastião: 6), não tem apenas uma idéia relacional ao trabalho, mas algo como uma moral. Para Claval (2001: 55) isto seria possível devido ao fato que “os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os freqüentam”. Qual o sentido de trabalho para Sebastião? Difícil saber exatamente. Mas podemos dizer que ser “preguiçoso” deve ter um peso maior que o próprio ato de trabalhar! Enquanto para o pensar ‘industrial’ (herança do capital inglês) que vê o homem fora da fábrica é vagabundo, preguiçoso e, vadio; o **vagabundo e preguiçoso** de Sebastião não é o que não está desempregado, (ele encontra-se desempregado e, percorre as ruas de bicicleta, vendendo tapiocas)³⁸, mas aquele que é desprovido do poder/saber de um ofício. Sofre-se as vezes mais pelo que se imagina em abstrato do que pela situação material que se vive e “é por isso que todas as classes têm seus traidores”, tomando emprestado palavras de Merleau-Ponty (1999: 597). Se entendermos a

³⁸ Alimento feito de goma (massa) de Macaxeira, *Aipim*, preparado numa frigideira à seco (sem óleo).

“cultura amazônica” como uma “poética do Imaginário” como propõe Loureiro (1995), e não como consequência de um processo colonizatório, que jogou os homens a mercê de sua própria sorte, como “soldado da borracha”, que é o mesmo que “soldado do capital”, corremos o risco de entender o imaginário (nosso propósito com o presente trabalho) apenas sob a função estética, negligenciando outras abordagens, mesmo que seja a econômica.

Será que Sebastião ao repetir as palavras de seu pai **vou fazer pra vocês amanhã ou depois não serem nenhum vagabundo preguiçoso...** também, indiretamente, não reproduz uma vontade do Capital, para quem a “preguiça” é tida como uma característica das tribos na Amazônia? Pode haver também um imaginário industrial nos confins da Amazônia? Ao invés de respostas, preferimos ficar com a “pulga atrás da orelha” (alertado); até mesmo porque o “trabalho” o qual se refere Sebastião, no meio da mata, por esta especificidade, é um “prazer-batalha”, diferente do trabalho numa fábrica, que classificaremos de trabalho-tédio. A diferença entre um tipo e outro é existencial (pessoal, como forma de viver e enfrentar o mundo).

Nessa maneira de se expressar, o que se destaca é aquilo que falta para o homem das metrópoles, o contato experimental a partir da intimidade entre os pares. Onde Sebastião entende como **interior** não existe SENAI, SENAC³⁹, nenhuma instituição em que se aprenda fora do ‘comunal’, pelo contrário, é no contato entre irmãos, primos, vizinhos que se dá o aprendizado, este não sendo um simples produto do repassar, mas ‘quiasma’, entrelaçamentos de vidas gerando sempre outras possíveis vidas.

O imaginário relativo ao trabalho na infância, comum aos entrevistados, é o fruto de uma outra idéia de trabalho. Não podemos ver nisso apenas a exploração de crianças, estas que identificamos como oprimidas pelo capital ávido de lucros.

Na fala de Sebastião parece soar algo prazeroso em tal confiança (num sentido em que foi dado por Roland Barthes quando fala da escritura). Ambos, quem sabe, indicam-nos como poucos a existência de um prazer-trabalho, fruto da batalha com o que lidam. Falar que trabalhou desde os **seis anos de idade** não é só motivo de orgulho, é muito mais que isso, é sentir a presença de coisas íntimas que o tornam naquilo que ele acredita ser: **homem!** Que é ser homem? De Sebastião podemos reter só um pequeno fragmento de seu discurso.

O prazer de ter trabalhado quando criança é visível, logo percebemos que ser criança na fala de Sebastião nos possibilita imaginar uma concepção completamente diferente de uma normalidade que tende a ver na criança apenas um receptáculo vazio, “coitadinho” que só

³⁹ *Serviço nacional da indústria e Serviço nacional do comércio.*

pode ter mera função de coadjuvante. Nosso narrador, ao se expressar, se aproxima das crianças de Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* e de Graciliano Ramos em *Vidas Secas*. Para ambos, a criança não é vista como um ser infantil, pueril, ingênua (como é o entendimento de nossas creches, ou melhor, estas instituições não passaram a existir quando esta ‘nova criança’ já estava em cena?). O príncipe Míchkin do romance *O Idiota*, de Dostoiévski, nos ensina que nossas crianças são outras que não as dos séculos anteriores: “Não se deve esconder nada das crianças sob o pretexto de que são pequenas e ainda é cedo para tomarem conhecimento”.

No decorrer dos encontros com Aldenor, o trabalho quando criança é sentido com prazer também. A presença física de Aldenor, nos reportava ao comentário simpático que Meihy (1991: 37) fizera ao cacique dos Kaiowá: “O Simpático velho surpreendeu pela lucidez e calma. De certa maneira, ele refez a expectativa que tínhamos de um cacique”. A postura calma e de sorriso contido de Aldenor nos deu essa mesma impressão.

O primeiro grande sabor que encontramos na fala desse homem é com relação ao trabalho: **comecei a trabalhar na agricultura...** (Aldenor: 1). Essa, talvez, seja a grande paixão de sua vida, (o trabalho ou a agricultura?), uma não exclui a outra. E de onde nasceu essa paixão? Também nunca saberemos, mas temos uma pista: **porque meu pai era homem muito trabalhador e botou nós tudo pra trabalhar** (2). Esse comentário de Aldenor nos faz citar, outra vez (e longe de querer comparar), a fala de Sebastião: **Nas regiões do Acre, com seis anos de idade eu comecei trabalhar na seringa, meu pai abriu um lote, nós acompanhando ele, ensinando a raspar, sangrar, entigelar e todos com ele pra aprender, dizia: “vou fazer pra vocês amanhã ou depois não serem nenhum vagabundo preguiçoso”...** (6). Tais falas sempre transmitem uma certa nostalgia, uma espécie de eterno retorno, de onde não deveríamos ter saído. **Nós vivia muito bem** (Aldenor: 3), ou seja, por mais que se tenha conseguido patrimônio na cidade, a vida no interior nunca nos deixa completamente, assim como a alma não pode ser pensada sem um corpo.

Temos que fazer grande esforço para compreender que espécie de trabalho é esse que, depois de décadas podemos ouvir como sendo: **para mim um bom trabalho, o melhor que achei durante a minha vida foi cortar seringa** (4). Quando Aldenor procura associar seu antigo trabalho com sua aposentadoria, isto não passa de uma maneira de falar, imposta pelo presente, a todo velho que tem que encarar sua velhice no mundo atual: **Achei muito bom esse trabalho, me trouxe um benefício muito grande agora pra minha idade, pra velhice, que eu me aposentei como soldado da borracha e recebo dois salários; isso ajuda porque hoje eu já estou velho, não posso mais trabalhar em serviço pesado, tô com 75 anos de**

idade, esses dois salários me ajuda muito nas despesas... (5). (Poderíamos correr o risco de acreditar que, trabalhar na seringa só foi bom por causa de uma pequena aposentadoria?). Uma explicação determinista viria assim. Ao contrário disso, vemos que o interesse presente não é simplesmente econômico, mas existencial.

A primeira grande perda para Aldenor foi ter que deixar a seringa e ter que se mudar para a cidade onde ele menciona que **fui trabalhar de cabeleireiro, barbeiro...** (6), nova profissão que abocanha a grande parcela de sua vida (40 anos, contra 17 de trabalho na seringa). Todos esses anos de cidade não lhe tiraram o brilho nos olhos quando fala do trabalho na seringa (se é que podemos nos referir assim a sua grande paixão!).

E como sua grande paixão, o trabalho na seringa nunca lhe deixou que qualquer lugar lhe parecesse diferenciado: **é tudo uma coisa só, não tem diferença, tanto faz aqui ou em Rio Branco é tudo uma coisa só!** (7). Os lugares atuais onde convive, não lhe dão muito que falar, logo Aldenor retoma os desdobramentos a partir do elemento terra: **Desde pequeno, cinco anos de idade que comecei a trabalhar na lavoura** (8), e mais uma vez aparece em forma pura, o que boa parcela das pessoas entendem como ser criança, já comentada por nós com relação ao Sebastião e que não podemos ver o trabalho infantil, assim colocado pelo nosso narrador, como uma exploração imposta por seus pais, etc., mas ao contrário.

Quando nos diz que **aos 7 anos, comecei a trabalhar mesmo! Pegava era em tudo, né?** (9), o atual pensamento jurídico pode ver esta fala como crime contra a criança, não levando em conta as concepções íntimas que requerem análises. Aquilo que interpretaríamos como uma situação ruim, Aldenor contraria dizendo que **Lá era uma relação muito boa...** (10), apesar de dizer logo em seguida uma contradição: **Fui criado num tempo que a lei era dura!** (11). Aparece aqui, à maneira bachelardiana, a dialética, na qual os desdobramentos, a partir das imagens da terra e do trabalho, deságuam em animação frente aquilo que é o seu resultado, a dureza. Pode existir um trabalho verdadeiro sem um esforço preliminar? Dizer que existe **relação muito boa** onde a **lei era dura!**, é reconhecer um prazer (estranho a nós, seres da televisão, em que o prazer é transformado logo em seguida no tédio). Mas não basta aparecer apenas a qualificação de duro, é preciso descrever a dureza. **Era difícil ele bater em nós, dava ordem, conselho e raiava com a gente... de certo nós respeitava mesmo ele... naquele tempo se respeitava pai e mãe, né?** (12). Recorremos a Bachelard (2001a: 16): “A dureza e a moleza das coisas nos conduzem - à força - a tipos de vidas dinâmicas bem diferentes”. Parece-me que a certeza que vemos no nosso narrador é fruto desse equilíbrio milimétrico entre o sim e o não, comentado pelo filósofo.

Então, eu vivia uma vida muito boa... (Aldenor: 13), num tempo mítico como poderia dizer M. Eliade? Ou, num presente largo como pensava Merleau-Ponty? Nem um nem o outro podem dar conta da tensão causada pela palavra boa em variados ouvintes, como se não tivéssemos alternativa à passividade. Toda a narrativa é desdobramento das dualidades. O que mais nos chama a atenção é a calma transmitida pela palavra. Tal calma, não é inquietante? É que para entendermos tal luta, entre uma situação ruim e boa, é preciso não dar muito crédito apenas as manifestações espalhafatosas, mas à luta na intimidade das coisas, para que essas palavras de Bachelard (2001a: 18): “Não se trata o granito com uma cólera infantil”, tornem-se compreensivas.

O corpo de Aldenor começou a ser marcado, segundo ele mesmo, quando tinha 5 anos. A partir daí enfrentar a vida é questão de não esmorecer diante do trabalho, da família, dos amigos porque nunca esqueceu o que lhe marcou profundamente quando diz: **Fui criado num tempo que a lei era dura!** (11)

4.3 – O CASAMENTO

O reconhecimento de ser homem em qualquer lugar sob o capital, só é possível nos papéis sociais, no trabalho, na religião, no casamento. Seria impossível pensar um homem fora desses referentes, mas Sebastião nos diz que **No dia do casamento cheguei a pensar em não casar...** (8). Os papéis sociais são presenças fortes de um real instituído que, mesmo não os querendo realizar, nos arrastam com suas forças, pois onde está a força do meu querer pessoal se não num querer social! Além disso, não é necessário ter vivido o real (experimentalmente falando) para perceber o quanto vivemos imaginariamente: **achava que não ia dar certo...** (9). Mesmo nunca tendo experimentado diretamente um casamento, Sebastião já demonstrava medo. Como ter medo de algo que nunca vivemos? Apenas porque outros nos mostram suas experiências? Poderíamos dar várias respostas, mas o narrador as resume assim: **Antigamente o homem honrava o nome dele de homem!** (10). Ser homem é ser dono de família mesmo contra a vontade, esta tem que se curvar diante de pressupostos sociais – os pretensos motivos – os quais dão a entender que são eles que influenciam nossas decisões. Merleau-Ponty (1999: 582), ao expressar-se sobre o motivo, afirma que “o pretense motivo não pesa em minha decisão, ao contrário é minha decisão que lhe empresta sua força”. É a palavra *honra* (em latim, *honor*), talvez, que impulsiona essa vontade a qual motiva Sebastião ir ao encontro de seu “destino”, no acaso, e quase sem querer o realiza. O reino da liberdade chama a qualquer um, em determinado momento de nossas vidas, mas o imaginário,

que é o mesmo que as relações sociais, que se incluem a moral, a formação religiosa para o trabalho e casamento, nos desviam às vezes, a caminhar por outras trilhas.

4.4 – LIBERDADE E PRAZER

Esse tópico de liberdade e prazer o sentido é voltado para a produção, mas não isolada de liberdade e prazer, existe uma possível autonomia quando Aldenor diz: **O que mais me atraía em cortar borracha é que o seringueiro se empolgava de fazer mais borracha...** (17) Fazer mais! Para que essa produção sirva à indústria bélica que Aldenor, observa de passagem e sem questionamento, pois se, por um lado o seringueiro é um “trabalhador para o capital”, por outro, vive num imaginário produzido também pelo contato com a mata. Castoriadis (2000: 42) não desassocia as instituições reais das sociedades de seus conteúdos mais dinâmicos quando nos diz que “Tudo o que se nos apresenta, no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico”. O fazer de Aldenor é mais que uma atividade que vise apenas o lucro, é uma pista de como “...toda essa fruição já se encontra nas imagens prévias que encorajam ao trabalho. Ela não é um simples *atestado de bom rendimento*” (Bachelard, 2001: 26).

A fruição, a qual fala Bachelard, se dissolve e banha o **ficava muito alegre, muito animado** (Aldenor: 18), a palavra **ficava** nos indica que o tempo não foi abolido, que quando se fala assim, o presente é no mínimo suavizado. Na verdade, e aí só nós podemos constatar isso (pois ficamos frente a frente com Aldenor), no seu narrar, o brilho nos olhos nos indicava que ele vivia cada palavra como se fosse uma novidade.

E essa fruição não pára de nos causar interesse: **eu escolhia o que queria comer : uma paca, um tatu, um veado, porquinho, peixe pegado na hora... tinha garapé perto, num instante pegava peixe para comer...** (Aldenor: 19), pois nos parece que quem verdadeiramente habitou a floresta, não esteve nela apenas por um retiro e nos conta de um trabalho dinâmico.

O velho cacique Ireno, o qual Meihy (1991: 41) deu uma atenção especial, usa outros termos que se assemelham a Aldenor quando diz que “Antigamente a vida também era difícil... mas para o índio a vida nunca foi fácil... antes não tinha todas essas coisas do branco que tem hoje... índio plantava para comer... e conseguia as coisas que precisava por aí... A terra era grande... tudo isto aí era do índio e ele podia pegar o que quisesse dela...”.

Tanto Aldenor quanto o Capitão Ireno nos colocam numa floresta-trabalho, nos remetem a imagens laboriosas que nos indicam que o trabalho na mata se configura como

múltiplo espaço de trocas sociais entre o homem e a “natureza”. Segundo Bachelard (2001a: 39), “O trabalho, ao nos obrigar a essas lutas, oferece-nos uma espécie de psicanálise natural”. Essas lutas são calmamente enfrentadas quando se faz presente a família, os amigos, enfim, quem nos entende e participa de nossos sofrimentos.

O prazer expresso pelo texto de Aldenor é falar: imagens dinâmicas, laboriosas, duras; verdadeiras turbinas de onde emanam prazeres e significados que aparecem... **então tudo isso me empolgava e eu tinha muito prazer...** (20). E não é na linguagem (sentido amplo) e para a linguagem que somos? E se colocamos algo sempre (a mais) na narrativa de narradores é porque “não há ninguém que fale, há um fluxo de palavras que se produzem sem qualquer intenção de falar que as governe”? (Merleau-Ponty, 1999:238). Nesse caso, se poderia perguntar aonde fica o sujeito? Ele é o que fala, com ou sem intenção, não importa, pois sua fala só ganha sentido pleno em seu mundo e em diálogo. E a diferença entre um trabalho prazeroso e trabalho desumanizado, logo sem criação ou sentido pessoal e identificado por esta bela afirmação de Claval (2001: 293), quando diz que “A finalidade do trabalho não é somente econômica: aquele que fabrica um objeto tem **prazer** em lhe dar elegância e ornamentá-lo” (grifo nosso), seja um trabalho dentro de uma cultura tradicional, ou de um homem ocidental. O sentido individual e humano é apreciado profundamente por este geógrafo.

As imagens em Glória, com relação ao prazeroso, estão como que sublimadas pelo seu saber acadêmico: **é antes de mais nada um prazer que a gente tem um fio de história...** (1) A história como disciplina dirige o início da fala aqui, para logo dar lugar as histórias de lembranças íntimas. Talvez, seja isto o que Bachelard (1999: 1) procurou expressar ao afirmar que “De fato, a objetividade científica só é possível se inicialmente rompemos com o objeto imediato, se recusamos a sedução da primeira escolha, se detemos e refutamos os pensamentos que nascem da primeira observação.” A **história** é um dos eixos do narrar de Glória. O prazer da busca de conhecimento, aquilo que a fez entender-se como mulher inserida numa sociedade. Ao contrário de Aldenor e Sebastião, estamos diante de uma narradora que estudou em academia. Mas Glória, tanto quanto Aldenor, Sebastião, Lúcia, Vaneudes, Rosa e Shirley, está inserida imaginariamente em um ambiente comum, a mata. Esse é o eixo que transpassa todos os narradores comentados.

4.5 – O SONHO

Mediante análise da narrativa de Aldenor, em que conta sobre seu casamento, sobre a vinda para Rio Branco e sobre o problema com seu filho, gostaríamos de citar uma fala que nos impressionou: **Atualmente nem sonhar eu to conseguindo...** (22). Algum racionalista poderia pensar que são as dificuldades do dia-dia, de nosso narrador, que freiam seus sonhos. Para nós, ao contrário, vemos que é a falta de sonho que aponta para as dificuldades do real. Pois um real sem sonho, não é real, é padecimento e tristeza. Talvez influenciado por Freud, Machado de Assis em *Quincas Borba* (cap. CVI), escreve que “...as reminiscências do dia servem de matéria aos sonhos da noite”. Talvez esse embaraço entre o real e o imaginário, seja porque “Entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana” (Berger, 1987: 38). Essa realidade nada mais é o cogito de qualquer pessoa.

Não pode haver real sem seu respectivo imaginário. E se **Antigamente sonhava muito** (23) é porque nosso ser imaginante nos quer sempre próximo. Se há um problema mal resolvido nessa expressão de Aldenor, o mal é a ‘falta de sonho’. Podemos afirmar que Aldenor tem um problema psicológico? Afirmativamente: o de não sonhar mais! Se há outros, que procure explicá-lo o psicólogo de profissão.

O que pode ter acontecido para que Aldenor diga que atualmente, na cidade não sonhe mais? A resposta seria porque mudou de ambiente? Também. Pois, o ambiente da cidade, em que o supermercado nos ilude quanto à fartura do alimento, na mata diferentemente, o alimento tem que ser conquistado por outros fatores, o sonho é um deles. E a falta de sonho é visível nessa fala de Aldenor: **Tinha uns sonhos que davam certo quando eu era novo. Por exemplo, quando sonhava matando uma caça, eu ia certinho, pegava uma espingarda e dizia vou já pegar uma caça, ia lá e matava mesmo! era só eu sonhar aquele sonho: sonhava tirando um couro de um homem vivo, pendurava o cara; uma pessoa que eu tirasse o coró dele, já sabia que ia matar um veado, ou então um porquinho... Quando acordava do sonho assim... me dava pena de tá tirando o coró do cara, mas logo sabia que mataria um veado, que era só ir buscar... Esse sonho tem muito haver por causa que, o veado a gente tira o coró dele...** (Aldenor: 24). Poderia-se dizer melhor sobre o *ananke* (necessidade) puramente humana de realizar seus sonhos? Poderíamos dizer com Bachelard (2001b: 29) que, “Para algumas almas, ébrias de onirismo, os dias são feitos para explicar as noites”. E Aldenor, viveu no sentido literal do termo porque **quando sonhava matando uma caça, eu ia certinho, pegava uma espingarda e dizia vou já pegar uma**

caça, ia lá e matava mesmo! Esse lugar pode ser considerado dentro, ainda, de uma relação ambiente (Mata), e que estimularia tal atitude? A atitude de sonhar como realidade? Talvez. Yi-fu Tuan (1980: 91) nos diz que “Como um *habitat* humano, a principal diferença do meio ambiente de floresta equatorial está em sua natureza completamente envolvente”. Nesse caso, o autor se refere à África é claro, mas o “envolvente” entre mata e homem possibilita o sonho e a atitude diferentemente que ao homem da cidade. Aldenor, Glória, Sebastião sentem a perda desse lugar mais intensamente, já menos Rosângela, Shirley e Maria.

4.6 – A RUA E A MATA

A dicotomia campo/cidade que perpassa todas as narrativas aqui apresentadas acentuam-se com relação às narrativas de Rosângela, Shirley e Lúcia. Isso significa dizer que entramos no reino da cotidianidade propriamente dita, isto é, as imagens da mata estão como em calmaria, mas não ausentes. A mata cujos sentidos desdobramos em relação aos outros narradores, nos relatos de Lúcia aparece assim: **Eu e minha família morávamos num sítio...** (1). Onde se encontra um além-sítio nessa narrativa? Infelizmente, nossa narradora não apresenta tais devaneios tão presentes em pessoas que conviveram com a mata. Mas logo em seguida, a imagem parece querer falar com mais ênfase, **A vida no sítio é dura e a gente quase não tem nada, e agora as coisas tá muito mais difícil...** (2) A idéia que na mata a vida não é fácil e é típica nessas entrevistas aqui discutidas.

Entretanto, dizer **agora as coisas tá muito mais difícil**, é expressar que a vida é sentida contraditoriamente por Lucia. Por que, quase sempre, a vida **dura** na mata é amenizada por dificuldades ainda maiores ao longo de uma trajetória? Se a vida na cidade é penosa por que se volta para a mata, onde a vida é dura? As nossas narrativas nos dão respostas, pois a dureza apresentada se desdobrou em dureza-prodígio, oposta a dureza-tédio do trabalho na cidade. O trabalho, para alguém que o prefere na mata, é diferente daquele realizado na cidade e, o choque entre a rua e mata é inerente, ao que parece, ao narrar dos colaboradores.

O sítio para Lúcia não foi fácil, poderíamos dizer que a imagem do sítio polarizou para ela a idéia de dureza. Mesmo assim, a imagem ainda procura se justificar, quando ao falar da cidade, diz: **aqui está muito ruim...** (3). Shirley, ao comentar do gosto de seu pai pela mata, diz que ele **olhou e se apaixonou pelo Candeias... era só mato para nós...** (1). O que era

apaixonante para o pai era terrível para ela, **uma tristeza!** (1b). O mato aparece, então, para uns como positividade e para outros, como negatividade.

O sítio, na narrativa de Rosângela, não passa de um paliativo, **resolveram comprar um sítio achando que se me levassem eu mudaria, né?... (1)**. No entanto Aldenor observa que **lá era uma relação muito boa...** (10). Sebastião, que também não vive mais na mata, mas não a esquece, diz: **Eu gosto muito mais da vida no interior do que da cidade...** (1). Quantas maneiras de dizer a mata têm aqui? Talvez, precisamente uma para cada modalidade de vivência do narrador.

Para Rosângela, em função de seus pais, a mata tem força de imagem educativa, corretiva, é a “mãe” que tudo tranqüiliza e resolve, **achando que se me levassem eu mudaria, né?... Para seus pais, cansados das proezas da filha, a mata surge como mãe protetora, e/ou seria repressora?**

Rosângela ainda aparece ligada por algum elo à solidão da mata: **queria muito que aparecesse meu príncipe encantado... (2); sonhei tanto com minha liberdade e hoje que a tenho não faço nada com ela, não faço nada!...** (3). De que liberdade fala esta mulher? Ela parece falar do conflito estabelecido por dois modos de vida distintos, a vida na mata mundo de seus pais e a vida na cidade (mundo encantado, ideal a ser conquistado por ela). Essa vivência não é isolada, porém representativa de “gerações de transição”.

Na própria fala de Aldenor, ele vivera num tempo que **a lei era dura!** (11), geralmente se diz, que “...a criança encontra as primeiras proibições na família, e que em geral as resistências que maltratam o psiquismo são sociais” (Bachelard, 2001a: 16). Essa constação de Bachelard vem de encontro com o imaginário da infância tão recorrente na maioria das entrevistas, como podemos observar esta expressão de Aldenor, quando ele fala que, **As lembranças de meu pai e mãe são boas** (14), marcando o eixo das narrativas? E é nisso que reside à autonomia da imaginação (que é o verdadeiro real para um filósofo da imaginação), frente ao social tão mal compreendido pelos determinismos. O social é sobre-determinado por meio e nos sentidos, em convívio social, tornando difícil sua compreensão, se interpretarmos a partir apenas dele próprio em sua manifestação aparente.

Somente através da linguagem podemos nos igualar a quem quer que seja. A clonagem de seres vivos, em moda pela ciência, apesar de científica tem muito de imaginação. A clonagem só é possível no plano de linguagem. Por isso, Aldenor não precisou da ciência para criar um clone de verdade, quando comenta: **Eu sei que não tem [ninguém como seu pai], que meu pai é um homem que trabalhava na risca, cuidava dos filhos, botava ordem em nós e também ele trabalhava todos os dias... trabalhava e não andava em casa de**

ninguém! (15). Ao falar de seu pai, não se compara, mas restitui o poder da narrativa, onde o ontem desaparece em proveito de algo mais novo, possibilitando dizer, que **Sou do mesmo jeito, do mesmo jeitinho dele!** (16). E passe o tempo que passar, mude-se para qualquer lugar, a imaginação continua com fome de realidade, e vice-versa. E o que Halbwachs (1990: 74) diria ao ouvir de Aldenor tal afirmação: **do mesmo jeitinho dele!** ? O sociólogo demonstra seu método quando diz que,

A imagem que fiz de meu pai, desde que o conheci, não parou de evoluir, não somente porque, durante sua vida, as lembranças se juntaram às lembranças: mas eu mesmo mudei, isto é, meu ponto de vista se deslocou, porque eu ocupava dentro de minha família um lugar diferente e sobretudo porque fazia parte de outros meios.

Talvez por seu modo de pensar não conferir com o da ciência, Aldenor mostra-se por “inteiro” no seu narrar. Quando se referindo ao seu pai se define **do mesmo jeitinho dele!** Não podemos ver nisso uma maneira de dizer, ou um “não sabe o que diz”, ou ainda, “por trás disso há a verdade”; ao contrário não há nada para ser explicado, ou descoberto em sua fala. Ao se achar do **mesmo jeitinho**, na linguagem e para a linguagem a identificação é completa para ele nesse momento. Qualquer outra explicação é possível, mas também como projeção imaginária.

A vida cotidiana é sentida como busca de conhecimento para Glória: **Então comecei a estudar a própria realidade. Tinha que existir uma saída...** (14). Para essa mulher militante dos movimentos sociais católicos (fazia parte das CEBs, Comunidades Eclesiais de Bases da ala “esquerda” da Igreja Católica) as coisas são explicadas pela ciência e é nesse ponto que o humano de Glória se distancia do de Vaneudes, também oriunda dos seringais acreanos.

Deixando de lado seus momentos de sofrimentos e problemas com seu filho, Vaneudes não vê, no conhecimento acadêmico, o lugar das explicações. Referindo-se ao seu filho que freqüentou a universidade, ela nos diz que ele **fez foi se distanciar depois que arranjou religião e também se formou...** (3). O formar é a contradição do que seja viver bem entre os seus, para Vaneudes: **Porque nem toda pessoa quando se forma sabe já usar a sabedoria...** (4). Vaneudes não é contra o saber, pois diferencia os termos; quando ela não compreende é como alguém ao ficar mais escolarizado, distancia-se de seus pares. Sabedoria para essa mulher é **ficar perto dos meus filhos e netos seria muito bom...** (2); o que ela almeja é simplesmente ter perto de si os filhos ou netos, isto sim, é sua felicidade e tranquilidade almejada por ela.

A imagem que polariza a narrativa de Vaneudes é da água. Podemos observar isso na fala: **nós morávamos na beira do rio...** (1). Por que não dizer nós morávamos numa casa? A esse conta específico da fala de Vaneudes deixa sempre uma brecha para podermos acrescentar e desdobrar a interpretação para entender o lar dessa mulher como a família propriamente dita, e não tanto a casa propriamente dita.

A palavra “beira” não nos diz absolutamente nada sobre o morar ou a vida de quem fala ou mora às margens de rios na Amazônia. A denominação ribeirinho, ao invés de fluir entendimento, pode universalizar vidas diferenciadas, como se a palavra que designa o morar na margem de rio ou lago, trouxesse em si compreensão sobre tais individualidades. A expressão **na beira do rio** não determina lugar. Não há lugar ou cidade, bairros, ou lugares objetivos, sem os referentes sociais que os constituem. Morar no Morumbi, em São Paulo, pode ser indicativo de tudo o que você é, mas na beira do rio é sempre uma incógnita. Não que o homem do Morumbi seja absolutamente diferenciado. Mas na cidade os símbolos se constituem a partir de outros referentes que ordenam, encobrem, revelam e diferenciam pessoas e lugares.

O que é o rio, a mata, a natureza e a floresta num modo geral para nossos narradores aqui? Para eles, cada termo desses tem sentidos diferentes, como Jung (sd.: 40) observou com relação às palavras em geral: Cada palavra tem um sentido ligeiramente diferente para cada pessoa, mesmo para os de um mesmo nível cultural”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que lhe importa é compreender o sentido que as pessoas dão à sua existência. (Paul Claval)⁴⁰

O meio social pesa muito mais que o meio inerte ou que o meio vivo sobre todas as iniciativas humanas. A saúde, a capacidade de reprodução de um grupo em dado momento dependem mais do ambiente humano, das representações e dos impulsos coletivos, que do clima e de outras condições físicas. (Max. Sorre, 1984: 89).

Qualquer sistema de conhecimento que se fundamente em uma única teoria, utilizando, portanto, um único ponto de discussão dentre as variadas maneiras de se entender o real, esta teoria não é ciência, e sim, ideologia. A geografia, nesse sentido, sempre foi plural e multidisciplinar, permitindo que outros campos de conhecimento a enriqueça cada vez mais. Neste trabalho, utilizamos para a compreensão dos lugares, que aparecem nas falas de nossos narradores, tanto a teoria do imaginário de Bachelard quanto a geografia humana de Milton Santos e Yi-fu Tuan. E se a geografia tem uma essência, esta só pode ser seu caráter interdisciplinar.

As visões de mundo e as imagens dos lugares dos nossos narradores são o que temos de mais visível para a compreensão de como foi sua origem, e como, no presente, eles se mostram enquanto migrantes no lugar de destino. Estas visões enquanto experiências de vivência são o que chamamos de lugares são também elas que possibilitam a compreensão dos sentidos apresentados pelos narradores. Tais imagens de origem/destino apontam para variados caminhos de entendimento, pois são formas vivas e não estáticas de experiência por onde dialogam todos os sentidos que se dizem e querem ser compreendidos.

O espaço é sempre aberto segundo Yi-fu Tuan em *Espaço e Lugar*, e o lugar é mais restrito, mesmo assim, o lugar é sempre ligado a outros lugares do mundo, não há lugar isolado, sem conexões com outros lugares, por exemplo, para Milton Santos (1986, 1999). As narrativas não são falas isoladas, nelas estão falas que se misturam, sentidos migrados de gerações, tanto no convívio com a família quanto com os vizinhos e outros com códigos formadores. Para alguns narradores sair de onde morava teve sentidos de liberdade paradoxal: **Sempre sonhei com a minha liberdade, certo dia estava pensando com meus botões...**

⁴⁰ Citado por Icléia A. de Vargas no seu artigo: *Paisagem, território e identidade: uma abordagem da geografia cultural*, In: Kozel, 2007, p. 162.

sonhei tanto com minha liberdade e hoje que a tenho não faço nada com ela, não faço nada! (3) (Rosângela)..., e para outros a origem é tão forte que **Atualmente nem sonhar eu tô conseguindo** (22)... **Antigamente sonhava muito** (23)... (Aldenor). Tais imagens nos indicam tanto uma vontade de retorno as suas origens (imaginária ou real, pouco importam) quanto um desejo de viver melhor economicamente, ou em harmonia com a sociedade atual.

As narrativas aqui apresentadas e discutidas representam momentos da fala desses narradores, mas não mostram “exatamente” como eles imaginam o mundo. Estas narrativas indicam um momento de suas vivências, de sua origem e de suas expectativas de futuro, mas não algo estático, muitos deles já se modificaram, pois não existe humanidade sem movimento, sem modificação.

Cada imagem/lugar oferece a compreensão desses espaços imaginários enquanto espaço de família, em que o convívio, o casamento, a mata, o sítio, o rio e, principalmente, os sentimentos íntimos, de cada narrador, desvelam sentidos que ora apontam para um retorno ao lugar de origem, e ora para sentidos prospectivos do lugar de destino. As narrativas mostram-se sempre num sentido positivo (de futuro), de querer mudar de vida, mas também com sentidos voltados para a terra onde nasceram. Nenhum destes narradores fala de um *Édem* mítico, ou intocável, sem problemas, ou sem dificuldades e não querem ser compreendidos como pessoas sem dificuldade ou contradições. Não há romantismo por trás de suas falas, há lutas e batalhas a serem enfrentadas no cotidiano. Pelo contrário, as falas apontam as complexidades da mata, do convívio social, tanto em família quanto fora desta. Teodor Shanin (1983: 61) em *La Clase Incómoda*, entende a comunidade dentro do *conflicto*, das realidades e da dureza da vida, e não numa visão romantizada da vida na mata, campo, quando diz que a vida no campo está “lejos de ser um refugio rústico de igualdad, estabilidad y amor fraternal”⁴¹. Apesar de Shanin estar trabalhando com a realidade russa, endossamos sua maneira de entender os moradores e as comunidade que tiveram convívio com o campo num modo geral.

Nesse sentido, a vida não foi fácil para nenhum dos nossos narradores. É possível constatar isso na fala expressa pela Lucia quando diz que **A vida no sítio é dura e a gente quase não tem nada, e agora as coisas ta muito mais difícil...** (2). Esse trecho não muito diferente, enquanto sentido, da fala de Sebastião: **Se eu fosse escolher eu preferia o interior** (7)... **se trabalha mais, em compensação vale a pena...** (8). E a vida dura no campo é

⁴¹ “longe de ser um lugar protegido em que reine somente a igualdade, a estabilidade e amor fraternal”. Nessa postura compreendida por Shanin, a comunidade é complexa e o conflito sua característica principal. A visão bucólica de ver o homem do interior, da mata, enfim, é uma visão burguesa e falsa.

confirmada principalmente no dizer de Aldenor: **Fui criado num tempo que a lei era dura!** (11). A fala de Glória, é recorrente no sentido da mesma dificuldade apresentada pelos relatos anteriores: **Não percebia as dificuldades, mas eram grandes... Teve várias situações: meu pai foi expulso das terras do seringal que trabalhava...(5)**; no mesmo sentido, fala Vaneudes: **Meu pai era do partido do Oscar Passos... foi cortado, perseguição...** (Vaneudes); **meus pais tiveram muito trabalho comigo...** (1) (Rosângela). Nas narrativas mais voltadas para a vida na cidade, que é o caso de Rosângela e Shirley, a vida em família foi marcada também pelo conflito, como se expressa Shirley, logo no início de sua narrativa: **Minha irmã mais velha estava com dezessete anos, e rapidamente engravidou, meu pai sendo evangélico! Entendeu? Foi difícil para ele tal situação...** Em todas as falas há conflitos e dificuldades presentes na família, no trabalho ou na sociedade, indicando o quanto a origem e o destino destas pessoas foram cheias de contradições da própria lógica das relações sociais. E a partir destes obstáculos, os lugares tomam sua forma em imagem que indicam o que desejam estes narradores.

As narrativas apresentam variedades de sentimentos e lugares a serem observados, desde o modo de vida, como diferença peculiar a cada narrador, nos esclarece como a vinda para Rondônia está envolvida num complexo jogo de relações sociais em que são envolvidos os sentidos, as paixões, os desejos, e principalmente como os narradores se vêem enquanto pessoas. Portanto, a migração física fica mais rica de compreensão e é enriquecida pelas imagens de origem e destino. Observemos, no quadro abaixo, semelhanças e diferenças entre os narradores:

QUADRO DOS SENTIDOS (RELATIVO)⁴²

NARRADORES	IMAGEM/ORIGEM	IMAGEM/DESTINO	IMAGEM/BÁSICA
Sebastião	Prazer/luta/fartura	Dificuldades/abandono	Mata
Aldenor	Prazer/dureza/fartura	Dificuldades/viver	Mata
Glória	Saudade/alegria/perdas	Luta por injustiça	Mata/luta/ <i>suffragette</i> ? ⁴³
Vaneudes	Bom/dificuldades	Penoso/sem lar/filhos	Retorno
Rosângela	Problema/adolescência	Estudo/formação/filho	Liberdade/consciência
Shirley	Problemas/adolescência	Progresso/estudos	formação
Lucia	Vida melhor/trabalho	Progresso/trabalho	Independência

Nas falas de nossos colaboradores, estão presentes uma maneira e um momento de como estes narradores gostariam de serem compreendidos. Entendidas assim as narrativas,

⁴² A palavra *relativo* aparece porque o quadro é móvel e provisório enquanto resultado de entendimento.

⁴³ Esta palavra denominava, no início do século XX, o movimento feminista por direitos.

como um momento, e não como verdades únicas e inalteráveis, podemos compreender suas imagens do lugar, naturalmente, como singularidades e pontos de vivência únicos e individualizados dentro do contexto da vida acreana. Pois todos os narradores são do mesmo Estado de origem, mas são diferenciados quanto a suas visões de mundo e a suas filosofias pessoais. Suas falas são próprias e peculiares, e não podemos enxergá-las como homogeneidade. Cada narrador expressa sua visão e sua imagem de origem de destino, singularmente diferenciando-se do outro. Isto não significa que a compreensão mútua é negada, pelo contrário, mas isto não excluiu as singularidades de gostos, de idéias e de expressão das diferenças. Há ideologias por trás de suas falas? Quando Aldenor se refere ao período getulista é devido, sem dúvida, ao rádio, tecnologia que infiltrou, não só no campo, mas também nas cidades às ideologias de Estado. Com essa constatação anterior, abre-se todo um campo para estudo para quem queira entender as formações ideológicas no imaginário amazônico, o qual não foi nosso foco de interesse.

As políticas públicas geralmente falham na elaboração de projetos, devido à não terem como lema as diferenças e sim, o lado mais fácil, a igualdade, passando por cima de tudo que é complexo e diferenciado e ocasionando sempre os fracassos de projetos na Amazônia.

A **mata**, é para Sebastião sua grande imagem de origem, nos remete a uma origem complexa de dureza e bondade: **eu gosto mais da vida do interior que da cidade e no meio da mata, seringueiro velho, né?** Sebastião se referindo a realidade pesada da cidade, enquanto Aldenor registra que: **então eu vivia uma vida muito boa...** (13), falando do mesmo sentimento de convívio com a família, mas com certeza referindo-se a uma mata pessoalmente diferenciada da de Sebastião. Glória ao falar sobre a vida na cidade distante da mata diz: **não era meu habitar** (12), **não era minha vida** (12b), se referindo tanto à cidade quanto ao difícil convívio com o mundo frio (fora do seu lugar de origem, ou sua nova experiência na cidade, pouco importa) que não era o seu habitar. Para a narradora Shirley, a mata é sentida com forte dose de pesar ao se referir ao gosto de seu pai diz; **Era só mato para nós** (1), em que esse mato não passa de **uma tristeza!** (1b). Para Josué da Costa Silva (2007: 231) existem dois universos que compõem a “cultura amazônica” que são: o universo das águas e das matas, nos indicando que os espaços e lugares são frutos das percepções adquiridas. Portanto, são as relações sociais que a geografia humana busca e estuda seu espaço. Nesse sentido, as imagens de lugar como: a mata, o trabalho, o rio, Porto Velho, Candeias, etc., são percepções e visões de mundo e não imagens objetificadas e estáticas, apontando relações diferenciadas de convivência interpessoal. Para se entender desta forma, nos valem da geografia da percepção ou humanista que, por questão de poder e ideologia,

segundo Oswaldo Bueno Amorim Filho (2007: 28), foi descartada por se acreditar que ela não é científica e nem geográfica.

Os lugares aqui discutidos, partindo das percepções individualizadas dos narradores acreanos, em diálogo conosco, apontam para a complexidade de valores, atitudes, sentimentos e principalmente para a diferenciação entre as concepções de lugar. Não apontam, apenas, para um lugar neutro de vivência, todos os lugares são carregados de imaginários e imagens que os tornam ricos de conteúdos simbólicos como deveria ser próprio do humano.

Encontramos nestas falas mais sentimentos topofílicos que topofóbicos⁴⁴. Demonstrando com isto que o convívio ainda nos confins da Amazônia, seja no sítio, na mata, ou nas pequenas cidades e vilas, ainda não está completamente invadido pela corrida das grandes cidades, continuando a prevalecer, se não estamos romantizando nossa compreensão, o ritmo lento do interior. Quando Sebastião e Aldenor dizem respectivamente: **Eu gosto muito mais da vida no interior do que da cidade...** (1) e, **Pra mim um bom trabalho, o melhor trabalho que achei durante a minha vida foi cortar seringa** (4), indica o quanto a representação deste espaço, a mata, é agradável e acolhedora para estes homens. Para Shirley, que foi obrigada pela família a morar no município de Candeias do Jamari, o lugar **Era só mato para nós** (1) **uma tristeza** (1b), e para Glória **Quando vim morar aqui no Candeias, em 89, senti que aqui tinha uma identidade com as minhas origens, a cidade pra mim é um pouco conflitante, consigo trabalhar mas não consigo viver...** (15). Os sentimentos e os lugares ganham vida conforme a percepção e vivência dada pelos narradores. Cada um sente e vê o lugar conforme seu imaginário, o lugar é representação de sentidos e valores e o ambiente físico é sobrecarregado de sentimentos topofílicos e topofóbicos dependendo do narrador.

Os vários caminhos de entendimento que se apresentam para nós a partir destas narrativas, são os caminhos da pluralidade, da diferença fundamentais para que compreendamos o humano para além de dogmatismo e da segmentação. Por isso, fazemos nossa o pensamento de Amorim Filho (ibidem, p. 16) quando diz que “a presença de abordagens humanistas/culturais na Geografia não se torna desejável e necessária apenas pela riqueza em pluralidade que elas representam, mas sobretudo, pela humanização e beleza que elas trazem às atividades geográficas”.

⁴⁴ *Topofilia* tem haver com sentimentos agradáveis de lugar, enquanto *topofobia* se referem aos sentimentos desagradáveis com o meio ambiente. Ver Ângela Serpa, In: Kozel, 2007, p. 39.

BIBLIOGRAFIA

- ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Ática, São Paulo, 1983.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Forense, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1987.
- ARIÈS, Philipp. **O tempo da história**. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- _____. **A terra e os devaneios da vontade**. Martins Fontes, São Paulo, 2001a.
- _____. **A terra e os devaneios do repouso**. Martins Fontes, São Paulo, 1990.
- _____. **O ar e os sonhos**. Martins Fontes, São Paulo, 2001b.
- _____. **A chama de uma vela**. Bertrand Brasil, 2ª ed., Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **A poética do devaneio**. Martins Fontes, São Paulo, 1988.
- _____. **A água e os sonhos**. Martins Fontes, São Paulo, 1998.
- _____. **O novo espírito científico**. Edições 70, Lisboa, sd.
- _____. **Lautréamont**. Litoral, Lisboa, 1989.
- AMARAL, Januário. **Mata virgem: terra prostituta**. Terceira Margem, São Paulo, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Perspectiva, São Paulo, 1996.
- _____. **Aula**. Cultrix, São Paulo, 1997.
- _____. **S/z**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1992.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**, Vozes, 7ª ed., Rio de Janeiro, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Brasiliense, São Paulo, Vol. I, 1994a.
- _____. **Obras escolhidas: rua de mão única**. Brasiliense, São Paulo, V. II, 1997.
- _____. **Obras escolhidas: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Brasiliense, 3ª ed., São Paulo, V. III, 1994b.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Martins Fontes, São Paulo, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Vozes, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1999.
- _____. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil, 3ª ed., Rio de Janeiro, 2000.
- BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Papirus, 4ª ed., Campinas, 2001.
- BICCA, Luiz. **Marxismo e liberdade**. Loyola, São Paulo, 1987.
- CALDAS, Alberto Lins. **Nas águas do texto: palavra, experiência e leitura em história oral**. Edufro, Porto Velho/RO, 2001.
- _____. **Oralidade, texto e história**. São Paulo, Loyola, 1999.
- _____. *Seis ensaios sobre história oral*. In: **Caderno de criação**, Porto Velho, ano V, n. 15, Junho de 1998.
- CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o diabo no fausto de goethe**. Perspectiva, São Paulo, 1981.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, sentido, história**. Papirus, São Paulo, 1997.
- CARDOSO, Fernando H.; MÜLLER G. **Amazônia: expansão do capitalismo**. Brasiliense, 2ª ed., São Paulo, 1978.
- CARVALHO, Edgard de Assis (org.). **Godelier: antropologia**. Ática, São Paulo, 1981.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**. Martins Fontes, São Paulo, 1997.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Paz e Terra, 5ª ed., São Paulo, 2000.
- CEMIN, Arneide Bandeira. **O poder do santo daime: ordem, xamanismo e dádiva**. Terceira Margem, São Paulo, 2001.

- _____. **Colonização e natureza:** análise da relação social do homem com a natureza na colonização agrícola em Rondônia. Dissertação de Mestrado (Sociologia), Porto Alegre, UFRGS, 1992.
- _____. *Entre o cristal e a fumaça*. **Presença**, UFRO/Revista de Educação, cultura e Meio Ambiente, nº 14, Ano VI, Porto Velho, dezembro, 1998.
- _____. *Bachelard – imaginário e modernidade: ciência e imaginário*. **Primeira versão**, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº 07, Ano I, Porto Velho, Maio, 2001b.
- _____. *Gênero e antropologia do imaginário: Bachelard e os poderes do andrógono*. **Primeira versão**, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº 53, Ano I, Porto Velho, outubro, 2001c.
- _____. *A escola sociológica francesa e suas presenças nas teorias do imaginário*. **Primeira versão**, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº 38, Ano I, Porto Velho, setembro, 2001d.
- _____. *Trajetos antropológicos: ou como ter “antropological blues”*. **Presença**, UFRO/Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente, nº 10, Ano IV, Porto Velho, dezembro, 1997.
- CLAVALL, Paul. **A geografia cultural**. Editora Da URSC, 2ª ed., Florianópolis, 2001.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**. Companhia das Letras, São Paulo, 1996.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Cortez, 4ª ed., São Paulo, 2000.
- CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. L & PM, Porto Alegre, 2001.
- COPANS, Jean; TORNAY, Serge; GODELIER, Maurice; BACKÉS-CLÉMENT, Catherine. **Antropologia, ciência das sociedades primitivas?** Edições 70, Lisboa, 1988.
- CUNHA, Euclides. **À margem da história**. Claret, São Paulo, 2006.
- DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil**. Nobel, São Paulo, 1989.
- DEL GROSSI, Mauro Eduardo, SILVA, José Graziano da, CAMPANHOLA, Clayton. *O Fim do Êxodo Rural?* In: Revista **Espaço e geografia**. Brasília (no prelo), 2000.
- DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. **Marx e a natureza em o capital**. Loyola, São Paulo, 1986.
- DIEGUES, Antônio Carlos (org.). **Desmatamento e modos de vida na Amazônia**. Nupaub – USP, São Paulo, 1999.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Edições 70, Lisboa – Portugal, 1993.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Martins Fontes, São Paulo, 1996.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Zahar, Rio de Janeiro, 1990.
- FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (org.). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. DP & A, Rio de Janeiro, 2002.
- FILHO, Oswaldo Bueno Amorim. *A pluralidade da geografia e a necessidade das abordagens culturais*. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa & FILHO, Sylvio F. Gil. (orgs). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humana**. Terceira Margem, São Paulo, 2007.
- FRANZON, Pedro. **A RECONVERSÃO DE EXTRATIVISTAS EM COLONOS (RESERVA RIO OURO PRETO/RO)**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, da Universidade Federal de Rondônia, 2004. mimeo.
- FRANK, André Gunder. *A agricultura brasileira; capitalismo e mito do capitalismo*. In: STÉDILE, João Pedro (org.). **A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda: 1960-1980**. Expressão Popular, São Paulo, 2005.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (org.). **Análise do discurso: AS materialidades do sentido**. Claraluz, São Paulo, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Unesp, São Paulo, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Vértice, São Paulo, 1990.

- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Loyola, 8ª ed., São Paulo, 1999.
- _____. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1980.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Paz e Terra, 2ª ed., 1985.
- HERMET, Guy. **Cultura & desenvolvimento**. Vozes, Petrópolis RJ., 2002.
- HUGO, Victor. **Os trabalhadores do mar**. Nova Cultura, São Paulo, 2003.
- JANNUZZI, Paulo de Martino. **Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista**. Autores Associados, Campinas, 2000.
- JAPIASSU, Hilton. **Introdução às ciências humanas**. Letras & Letras, São Paulo, 1994.
- JOZEF, Bella. *O LUGAR DA AMÉRICA*. In: JOBIM, José Luís (orgs). **Sentidos dos lugares**. Abralic, Rio de Janeiro, 2005.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Nova Fronteira, 14ª ed., Rio de Janeiro, sd.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- KLIKSBERG, Bernardo. **Falácias e mitos do desenvolvimento social**. Cortez, São Paulo, 2001.
- KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa & FILHO, Sylvio F. Gil. (orgs) . **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humana**. Terceira Margem, São Paulo, 2007.
- LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça: a religião do capital**. Kairós, 3ª ed., São Paulo, 1983.
- LECHTE, John. **50 pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade**. Difel, 3ª ed., Rio de Janeiro, 2003.
- LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. Ediciones Península, Barcelona, 1978.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Cejup, Belém, 1995.
- LÖWY, Michael. **As aventuras de karl marx contra o barão de münchhausen**. Cortez, 7ª ed., São Paulo, 2000.
- LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Zahar, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1983.
- MARTINS, José de Souza. (org.) **(DES) figurações: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole**. Hucitec, São Paulo, 1996.
- _____. **A sociabilidade do homem simples**. Hucitec, São Paulo, 2000.
- MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Paz e Terra, Vol. 3, Rio de Janeiro, 1975.
- _____. **Miséria da filosofia**. Claret, São Paulo, 2007.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. EPU/EDUSP, São Paulo, 1974.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista: história oral de vida**. Nova Stella, São Paulo, 1990.
- _____. **Canto de morte kaiowá: história oral de vida**. Loyola, São Paulo, 1991.
- _____. **Manual de história oral**. Loyola, São Paulo, 1996a.
- _____. (org.) **(RE) introduzindo história oral no brasil**. Xamã, São Paulo, 1996b.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. Contexto, 3ª ed., São Paulo, 1994.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**. Hucitec, 3ª ed., São Paulo, 1996.
- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Relato de um naufrago**. Record, Rio de Janeiro, 1997.
- MORAES, Marieta de. **História oral**. Diandorim, Rio de Janeiro, 1994.
- MORAES, Clodomir Santos de. **A marcha dos camponeses rumo à cidade**. Edufro, Porto Velho, 2002.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- _____. **O visível e o invisível**. Perspectiva, 4ª ed., São Paulo, 2000.

- MINDLIN, Betty. **Couro dos espíritos**: namoro, pajés e cura entre os índios gavião-ikolen de rondônia. Terceiro Nome, São Paulo, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. Martin Claret, São Paulo, 2000.
- _____. **Para além do bem e do mal**. Martin Claret, São Paulo, 2003.
- _____. **Schopenhauer educador (v. 90)**. Escala, São Paulo, sd.
- OLSON, David R.; TORRENCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. Ática, 2ª ed., São Paulo, 1997.
- PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**. Cortez, São Paulo, 2003.
- PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. **Mobilidade social no Brasil**. Makron Books, São Paulo, 2000.
- PIZARRO, Ana. *Imaginario y discurso: la amazonia*. In: JOBIM, José Luís (orgs). **Sentidos dos lugares**. Abralic, Rio de Janeiro, 2005.
- PERDIGÃO, Francinete, BASSÉGIO, Luis. **O migrante amazônico – Rondônia**: a trajetória da ilusão. Loyola, São Paulo, 1992.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Record, Rio de Janeiro, 1998.
- _____. **São bernardo**. Record, 66ª ed., Rio de Janeiro, 1996.
- SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. Nova Fronteira, 6ª ed., sd.
- SAHR, Wolf-Dietrich. *Signos e espaço mundos – a semiótica da espacialização na geografia cultural*. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa & FILHO, Sylvio F. Gil. (orgs) . **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humana**. Terceira Margem, São Paulo, 2007.
- SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento**: crescer sem destruir. Vértice, São Paulo, 1986a.
- _____. **Espaços, tempos e estratégias do desenvolvimento**. Vértice, São Paulo, 1986b.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. Hucitec, São Paulo, 1999.
- _____. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. Hucitec, 3ª ed., São Paulo, 1986.
- SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia**: sobreviventes da faturea. São Paulo, USP, Tese, 2002.
- SAUER, Carl O. *La geografia cultural*. In: JOSEFINA, Gomez Mendoza; JULIO, Muñoz Jiménez; NICOLÁS, Ortega Cantero (orgs). **El pensamiento geográfico**. Alianza Universidad, S. A. Madrid, textos, 1982.
- SCHMIDT, Alfred. **El concepto de naturaleza em marx**. Siglo Veintiuno, 4ª edición, Cerro Del Agua, Mexico, 1983.
- SHANIN, Teodor. **La clase incómoda**: sociología política del campesinado en una sociedad en desarrollo (rusia 1910 – 1925). Alianza Editora, Madrid, 1983.
- SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Sulina, Porto Alegre, 2003.
- SILVA, Lenyra Rique da. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. Contexto, São Paulo, 1991.
- SILVA, Josué da Costa (coord.). **Nos banheiros do rio**. Edufro, Porto Velho, 2002.
- _____. **Cuniã**: mito e lugar. Dissertação, Usp, Dissertação, 1994, mimeo.
- _____. *O mito e as crenças como constituintes do espaço ribeirinho na formação do modo de vida amazônico*. in: kozel, salette; silva, josué da costa; filho, sylvio fausto gil (orgs) . **Da precepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. Terceira Margem, São Paulo, 2007.
- SILVA, Sílvia Simione. **Na fronteira agropecuária acreana**. Série: ACREditando – 1, Presidente Prudente – SP, 2003.
- SILVA, Sílvia Simione da. **Resistência camponesa e desenvolvimento agrário na Amazônia-acreana**. Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista, Tese, 2005.

- SILVA, José Graziano da. **Resistir, resistir, resistir**: considerações a cerca do campesinato no brasil. in: tecnologia e agricultura familiar. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRS, 1999.
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. Contexto, São Paulo, 1998.
- SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**. Zahar, Rio de Janeiro, 1993.
- SORRE, Maximilien. *los fundamentos biológicos de la geografía humana: ensayo de una ecología del hombre: conclusion*. In: JOSEFINA, Gomez Mendoza; JULIO, Muñoz Jiménez; NICOLÁS, Ortega Cantero (orgs). **El pensamiento geográfico**. Alianza Universidad, S. A. Madrid, textos, 1982.
- _____. *Fundamentos da geografia humana*. in: Megale, Januário Francisco. **Max. sorre: geografia**. Ática, São Paulo, 1984.
- _____. *Migrações e mobilidade do ecúmeno*. in: Megale, Januário Francisco. **Max. sorre: geografia**. Ática, São Paulo, 1984.
- ESPINOZA, Baruch de. **Ética**: demonstrada à meneira dos geômetras. Martin Claret, São Paulo, 2005.
- SPÓSITO, Eliseo Savério. **A vida nas cidades**, Contexto, São Paulo, 1994.
- TANUS, Maria Ignes Joffre. **Mundividências**: história de vida de migrantes professores. Zouk, 1ª ed., São Paulo, 2002.
- THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. Polis, 5ª ed., São Paulo, 1987.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1998.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. Difel, São Paulo, 1980.
- _____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Difel, São Paulo, 1977.
- TURNER, Frederick. **O espírito ocidental contra a natureza**: mito, história e as terras selvagens. Campus, Rio de Janeiro, 1990.
- VARGAS, Milton. **Verdade e ciência**. Livraria duas Cidades, São Paulo, 1981.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Companhia das Letras, São Paulo, 1989.
- WILKOMIRSKI, Benjamin. **Fragments**: memórias de uma infância 1939-1948. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.